PATRÍCIA ALVES CARVALHO

RE-TOCANDO A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: A MÚSICA COMO LINGUAGEM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL Campo Grande, MS 2005

PATRÍCIA ALVES CARVALHO

RE-TOCANDO A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: A MÚSICA COMO LINGUAGEM.

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Educação, à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Professora Doutora Jucimara Rojas, no ano de 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL Campo Grande, MS 2005

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^a Dr^a Jucimara Rojas

Prof. Dr^a Ivani Fazenda

Prof^a Dr^a Maria Emília Borges Daniel

DEDICATÓRIA

In memória

Pedro de Souza Carvalho, meu pai corajoso no ideal e comprometimento para um mundo mais justo.

À minha mãe

Sônia Maria Alves, pelo compromisso de trabalho em prol das crianças do mundo afora. Para que elas possam brincar e estudar, estudar brincando.

À minha irmã

Sandra Alves Carvalho, minha irmã, por ser forte, corajosa, vencedora. Luz nos momentos de incerteza.

Aos educadores, pais e às crianças do mundo inteiro. Crianças que trazem em seus atos brincalhões, a verdade, o sonho, a gargalhada, a imaginação, o brilho nos olhos e o poder nas mãos de um mundo mais justo, humano, um mundo mais igual.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Jucimara Rojas, pela orientação neste estudo. Pelo encontro permitido, que possibilitou o silêncio, o pensar, o refletir, o agir. Encontro que possibilitou vozes e vezes no brincar, no cantar, no aprender. Momentos reflexão de amizade, de quem nos permite olhar com os olhos do coração pelo compromisso doce com que enfrenta a vida.

À banca examinadora desta pesquisa, que iluminou, possibilitou, orientou e permitiu esse caminhar.

Aos meus pais, Pedro, Sônia e "Sandra", por me permitirem crescer, estudar, sorrir, cantar e brincar de maneira comprometida com a vida e com as pessoas.

Ao Walter, pelo carinho, pelo encontro, pela busca conjunta no desejo de crescimento, no traçar de sonhos, no ideal de mudanças. Vitória!

Aos professores e colegas do Mestrado em Educação, em especial, Luci e Milene, pela presença amiga e contribuição nos estudos e conhecimentos partilhados.

Ao Padre Afonso de Castro, à Irmã Othília Pires dos Santos, e às Irmãs do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, porque acreditam e semeiam a idéia de que "educar é coisa do coração" (Dom Bosco)

Aos colegas de trabalho que de alguma maneira fizeram parte desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho busca mostrar a importância da música como linguagem na aprendizagem, tendo professores de Educação de Infância como sujeitos. A pesquisa realizada em duas escolas, uma particular e outra municipal, percebe que a ausência de recursos materiais e a não formação dos educadores em música, não influencia no agir pedagógico musicalizado. Observarmos nos educadores uma postura abrangente, na utilização da música como linguagem. Contextualiza nos jogos e brincadeiras, o papel que a música desempenha no desenvolvimento histórico do ser humano, contribuindo para a formação biológica, afetiva, social, cognitiva e cultural. Partimos dos momentos que alicerçam para a história da música como ilustração, para contextualizar o tema. Enfatizamos teóricos como Merleau-Ponty, Wallon, Vigotsky, Fazenda, Froebel, Rojas e Damásio, em momentos que perpassam desde a percepção fenomenológica do Ser, passando por sua socialização, mediação interdisciplinar, até a ludicidade, com efeitos de sentido. O movimento, o pensamento e o sentimento, partes da vida; o ritmo, a harmonia e a melodia, aspectos constitutivos da música, fazem a metáfora significativa deste estudo. Mostramos pela análise ideográfica e nomotética dos depoimentos, que a música pode fazer parte do agir pedagógico infantil como linguagem interativa. Demonstramos nas categorias abertas encontradas, ações dos educadores de infância, que percebem a música como vivência e expressividade, sentimento, autonomia e ludicidade, permitindo a socialização, afetividade, aprendizagem e coordenação motora da criança.

Palavras chaves: infância – educação – música

ABSTRACT

This work searchs to show the importance of music as language in the learning, having professors of Education of Infancy as citizens. The research carried through in two schools, particular and a other municipal theatre, perceives that the absence of material resources and not the formation of the educators in music, do not influence in musicalizado pedagogical acting. To observe in the educators an including position, the use of music as language. Contextualiza in the games and tricks, the paper that music plays in the historical development of the human being, contributing for biological, affective, social, cognitiva and cultural the formation. We leave of the moments that alicerçam for the history of music as illustration, to contextualizar the subject. We emphasize theoreticians as Merleau-Ponty, Wallon, Vigotsky, Farm, Froebel, Rojas and Damásio, at moments that perpassam since the fenomenológica perception of the Being, passing for its socialization, mediation to interdisciplinar, until the ludicidade, with direction effect. The movement, the thought and the feeling, parts of the life; the rhythm, the harmony and the melody, constituent aspects of music, make the significant metaphor of this study. We show for the ideográfica and nomotética analysis of the depositions, that music can be part of infantile pedagogical acting as interactive language. We demonstrate in the joined open categories, action of the infancy educators, who perceive music as experience and expressividade, feeling, autonomy and ludicidade, allowing the socialization, affectivity, learning and motor coordination of the child.

Words keys: infancy - education - music

SUMÁRIO

RESUMO	05
LISTA DE QUADROS	09
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE ABREVIATURAS	11
INTRODUÇÃO	12
UMA PÁGINA NECESSÁRIA	15
MOMENTO I – CONCRETIZANDO UMA TEORIA E	
CONTEXTUALIZANDO O SOM	31
1.1 DA HISTÓRIA	31
1.1.1 Música, na Antigüidade	32
1.1.2 Música, na Antiga Grécia	33
1.1.3 Música, em Roma	33
1.1.4 Música, na Idade Média e na Renascença	34
1.1.5 Música, no Brasil	35
1.2 MÚSICA DO SER: O SOM DO SER E/OU O SER DO SOM	38
MOMENTO II – DA CRIANÇA: CONSTRUINDO O RITMO DO	
FAZER, A MELODIA DA AÇÃO E A HARMONIA DA	
INTERPRETAÇÃO	47
2.1 O PEQUENO SER E O SEU SER EM DESENVOLVIMENTO	53
2.2 O PEQUENO SER E SUAS NECESSIDADES	60
MOMENTO III - DA APRENDIZAGEM: RETOCAR, FALAR,	
MÚSICALIZAR, MOVIMENTAR, EXPRESSAR O SER	68
3.1 ANÁLISE IDEOGRÁFICA	90
3.2 ANÁLISE NOMOTÉTICA	105

MOMENTO	IV	_	MUSICALIZANDO,	REFLETINDO	\mathbf{E}	
INTERPRETA	NDO	MOI	MENTOS DO APREND	ER	••••	115
REFERÊNCIA	\S	•••••		•••••	••••	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Desenvolvimento do cérebro, momento de oportunidade	57
Quadro 2	Pensamento antigo e pensamento novo sobre o desenvolvimento do	
	cérebro	58
Quadro 3	Legenda das cores e notas musicais em que são representados	
	os discursos dos sujeitos	92
Quadro 4	Discursos dos sujeitos	93
Quadro 5	Asserções dos sujeitos	106
Quadro 6	Convergências das categorias Abertas retiradas dos discursos	
	dos sujeitos	106
Quadro 7	Convergências das categorias abertas	107
Quadro 8	Socialização	108
Quadro 9	Afetividade	109
Quadro 10	Expressão	110
Quadro 11	Aprendizagem	111
Quadro 12	Coordenação motora	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Epígrafe: O caminho da menina	14
Figura 2	Epígrafe: O caminhar na história	30
Figura 3	Nebulosa em movimento	38
Figura 4	Desenho de uma criança da Educação Infantil sobre a história	
	da música	39
Figura 5	Desenho de uma criança da Educação Infantil sobre a	
	história da música	39
Figura 6	Alunos de 6 e 7 anos, utilizando a música em sala de	
	aula	41
Figura 7	Epígrafe: O caminhar e a construção	46
Figura 8	Crianças de 5 e 6 anos de idade seguindo os gestos que a	
	canção propõe	49
Figura 9	Crianças de 2 a 6 anos de idade na festa de carnaval da	
	escola	50
Figura 10	Crianças de 5 e 6 anos de idade, concentradas: montando,	
	brincando, construindo	52
Figura 11	Relação Homem – Música: linguagem para o	
	desenvolvimento significativo do Ser	53
Figura 12	Desenvolvimento inicial rápido. Tomografias do Cérebro, em	
	variadas fases do desenvolvimento	57
Figura 13	Lâminas que demonstram as sinapses que ocorrem no cérebro:	
	ao nascer, aos 6 anos de idade e aos quatorze anos de idade	60
Figura 14	Epígrafe: O caminhar no aprender	67
Figura 15	Cores em movimento que sugerem o ritmo da canção	
	executada	85
Figura 16	Socialização	108
Figura 17	Afetividade	109
Figura 18	Expressão	110
Figura 19	Aprendizagem	111
Figura 20	Coordenação motora	112
Figura 21	O caminhar na reflexão	114

LISTA DE ABREVIATURAS

MLP – Produtora de discos musicais.

A C – Antes de Cristo.

OM – Representa o som.

MS – Mato Grosso do Sul.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

DI – Discurso Ingênuo.

DA – Discurso Articulado do sujeito.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

US – Unidades de Significado.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada Re-tocando a aprendizagem na Educação de Infância: a música como linguagem é um trabalho traçado na linha da fenomenologia, tendo como um dos principais teóricos, Merleau-Ponty, o qual nos permite trabalhar metaforicamente, conceitos, significados e efeitos de sentidos sobre aprendizagem infantil.

Desde que se estuda a história da humanidade, tem-se observado que a música sempre fez parte da vida do homem, desde a sua origem. Nas batidas do coração, na respiração, no movimento das marés, na alternância dos dias e das noites, no barulho dos ventos.

Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais, os seres humanos e suas máquinas traduzem, também sonoramente, sua presença, seu "ser e estar", integrado ao todo orgânico e vivo deste planeta.

O trabalho se desenvolve por momentos que identificam a música como intrínseca ao ser humano e que seus aspectos constitutivos, melodia, harmonia e ritmo, estão diretamente ligados aos aspectos de desenvolvimento do homem: afetivo, cognitivo e motor, logo em seu pensar, sentir e agir nesse mundo.

Destarte, procuramos realizar uma pesquisa que nos mostrasse: qual a importância da música como linguagem no aprender infantil? Se uma postura abrangente do educador na utilização da música como linguagem, proporciona ao aluno, condições de desenvolver-se social, afetiva e culturalmente.

Em nosso trabalho, fazemos uma apresentação que chamamos de página necessária exatamente para demonstrar traçados de nossa vida permeados pela música.

No primeiro momento, uma breve visita à história da música, contextualizando o som: o Ser do som ou o som do Ser.

No segundo momento, apresentamos os conceitos e teorias sobre o desenvolvimento infantil, suas necessidades, suas capacidades, suas emoções, suas vivências.

O momento terceiro nos traz os depoimentos dos nossos sujeitos, nove educadores de infância de duas escolas no município de Campo Grande, MS, nos permitindo entrelaçar três momentos que fazem parte do aprender do pequeno Ser: a

fala, a música e o movimento como expressividade do Ser, através de vivências lúdicas em uma proposição existencial do som.

Compreende esse momento ainda, as análises ideográfica e nomotética dos depoimentos dos sujeitos, instantes que a fenomenologia nos permite e convida, traçando o caminho metodológico.

Na seqüência, as considerações finais elaboradas no momento que constitui a hermenêutica, partes resultantes, alimentadas pelas categorias abertas encontradas nos depoimentos analisados.

Afetividade

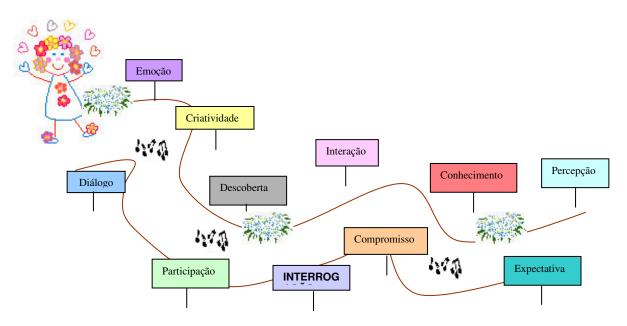


Figura 1 – Epígrafe: O caminho da Menina.

Fonte: Montagem feita pela mestrando autora desta pesquisa utilizando o Word e Clipart

UMA PÁGINA NECESSÁRIA

Vamos¹ contar aqui, a história de uma Menina², a Menina da Música! A Menina que viveu com a música, a sua grande jornada. Grande no amor e na vontade de um mundo encantado e melhor.

Você é isso, uma beleza imensa, toda a recompensa de um amor sem fim

Você é isso, uma nuvem calma, no céu de minh'alma, é ternura em mim. Você é isso, estrela matutina, luz que descortina um mundo encantador; Você é isso, parto de ternura, lágrima que é pura, paz do meu amor.³

Com tal música, cantada pela mãe, era embalada durante a infância, fazendo-a dormir e sonhar. A Menina, que, desde que nasceu, percorreu os caminhos da **afetividade**⁴ encontrando muitos outros destinos, conhecendo milhares de pessoas, aprendeu a cantar, aprendeu a amar e, dormiu e sonhou.

A cantiga de berço, o suave embalo e aconchego nos braços das mães ou amas carinhosas foi sempre, em todos os povos, o primeiro gesto de solidariedade ao recém-nascido. A vida começa, realmente, com o primeiro ninado da parteira, o acalanto inaugural (MELO, 1985. p. 23)⁵.

Ao percorrer os seus caminhos, a Menina viajou. Na imaginação e na estrada. Viagem no tempo. Viagem na história. Viagem no pensamento. E lá ia a Menina, papai, mamãe e irmã, sempre de carro, cantando pela estrada afora...

Para ser feliz, é preciso ver este céu azul, na imensidão. É fazer das tristezas, estrelas a mais e do pranto, uma canção. Há um mundo bem melhor, todo feito pra você. É um mundo pequenino que a ternura fez.

Marcas da música. Marco da vida. Com essa música iniciavam e finalizavam as viagens, (viajavam muito para encontrar os parentes porque decidiram morar muito longe, pertinho do Pantanal, aonde o azul ia do céu até a asa

¹ Todo o texto apresentado em itálico faz parte da metáfora do trabalho, momento de uma história, a história da Menina, a Menina da Música.

² A palavra Menina aparece no trabalho com letra maiúscula por se tratar do personagem que tece os caminhos.

³ VIEIRA, Luis. Trecho da música **Paz do meu Amor**. Disponível em http://www.submarino.com.br/cds_productdetails.asp.

⁴ Todas as palavras em negrito aparecem como grifo nosso para evidenciar o percurso do caminho da menina como mostra a epígrafe inicial da pesquisa.

⁵ MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

⁶ FRANCO, Moacir. Trecho da música **Mundo Melhor**. Disco da Gravadora Copacabana – MLP 1977.

da arara, arara azul, do papo amarelo) inesquecível **interação**, especialmente nos momentos em que, depois, surgia a brincadeira gostosa entre a família:

"A Patrícia pegou pão lá na casa do João. Quem eu? Eu não. Então, quem foi? Foi a Sandra. A Sandra pegou pão lá casa do João. Quem eu? Eu não. Então, quem foi? Foi a mamãe..."

Chegando na casa da vovó, a música continuava. A vovó, cabelo branco, vestido florido, bordado na mão e sorriso no rosto, fazia tudo cantando: bordava, cozinhava, lavava louça, regava as plantas, fazia carinho.

No período de férias, todos os primos se encontravam e a festa era total, as crianças preparavam músicas, teatros e desfiles para serem apresentados aos adultos: pais, tios e avós, em momentos mágicos de ludicidade e criatividade. Naquele momento, ninguém se vestia de "Bela Adormecida" ou de "Lobo Mau", todos eram, realmente, os seus personagens. A brincadeira para a criança é assim, ela não se veste de "super herói", ela é o super herói. Começavam as gincanas, as brincadeiras com mímicas, as competições e outras mais, e a Menina? Ah! A Menina vivia a sua fantasia, o seu mundo mágico, ideal e real ao mesmo tempo. Momentos de descoberta.

Quando as férias eram na casa da Menina, os primos vinham de outras cidades, para poderem nadar ao lado dos peixes, no rio Aquidauana ou no rio Formoso, de água limpinha. E que formoso era o rio... Assim, passavam a maior parte do tempo na chácara, inventando competição com bonecas de milho, construindo "cabaninhas" de índio, brincando de "pega-pega" em cima da árvore e banho no rio, em brincadeiras educativas e socializadas, alicerçando momentos de diálogo.

A história do brincar não é apenas a pré-história do conhecimento. Antes disso, é uma história de amor entre dois sujeitos, cujas raízes foram fundadas na relação primordial do bebê com seu primeiro outro, na relação mãe-bebê. Tudo isso pode parecer, a princípio, pouco científico: afinal, histórias de amor costumam ser tema de romance e não de ciência (ROSA, 2002. p. 24-25).

10 Super-herói – personagem de estória da Literatura Infantil.

_

⁷ Brincadeira musicada de interação, relembrada do período da infância da autora.

⁸ Bela Adormecida – personagem de estória da Literatura Infantil.

⁹ Lobo Mau – personagem de história da Literatura Infantil.

¹¹ Cabaninhas – denominação dada às casas rústicas que representavam, nas brincadeiras da infância, a morada dos índios.

Mas, sabemos que o afeto está presente na relação do ser humano. Quando falares e pensares se evidenciam em contextos dialogais entre o "eu" e o "outro", as emoções são afloradas e dizendo o sentir de cada ser.

O pai, quando solteiro, já havia sido maestro de banda marcial, fanfarras. Tocava bandolim, cavaquinho e instrumentos de sopro, sendo também educador. Espalhou sementes de amor e ensinamentos. A mãe estudou 12 anos de piano clássico e formou-se educadora. Regou sementes, com carinho, fazendo florescer em aprender.

Logo, na casa da Menina existia muito contato com a música. Então os pais a colocaram, junto com a irmã, na aula de piano, e o "Pequeno Pianista" de Mário Mascarenhas, companheiro dos momentos de musica, fazia a alegria. As brincadeiras alegravam aquela casa, que além de alegrias e flores pelo jardim, tinha também muitas dificuldades (criança gosta de sonhar e lembrar só das coisas boas). Àquela casa.

Era uma casa muito engraçada, ela tinha teto, ela tinha afeto Todo mundo podia entrar nela sim, e, entrando, ouviam som de tamborim

Também podiam deitar na rede e admirar os quadros da parede Era uma casa com muito esmero, sempre dizia: venha, que te espero. 13

Os pais sempre trabalharam com questões sociais, escrevendo e desenvolvendo projetos, tinham e faziam muitos amigos. Sempre à disposição das pessoas, ajudando, acolhendo e partilhando. A casa da Menina recebia muita gente!

Todas as vezes que os amigos se reuniam na casa, as três: a Menina, a mãe e a irmã sentavam no piano e tocavam uma música a seis mãos, e eram felizes.

Depois de algum tempo, os pais incentivaram a Menina e a irmã a estudarem violão. Lá foram elas cantando e percebendo como a música aproximava as pessoas, conquistava novos amigos. Deixava os corações tocados com sensações muito especiais e particulares, que somente cada um podia sentir e explicar. Destarte, os momentos lúdicos de esperança e euforia, paz e tranqüilidade, vontade de chorar, às vezes, de alegria, às vezes, de saudade. E a Menina? A Menina cantava. Tocava. Via aquela gente aqui, ali, acolá, sorrindo, chorando... Sentia uma forte emoção. Coisas que não sabia explicar.

¹² MASCARENHAS, Mário. **O Pequeno Pianista**. Livro de iniciação ao piano.

MORAES, Vinícius de. **A Casa** – letra adaptada pela mestranda Patrícia Alves Carvalho, autora deste estudo.

"Caminhando e cantando e seguindo a canção, vendo todos iguais, braços dados ou não, nas escolas, nas ruas, campos, construções, caminhando e cantando e seguindo a canção" (VANDRÉ, 1968)¹⁴. *Tocando. Cantando. Animando a festa*.

A Menina cresceu. Foi estudar, participando no coral da escola, em Campo Grande. Participava das apresentações musicais por toda a cidade. Conseguiu uma bolsa de estudos, para tanto, participava no coral, no grupo de teatro, no grupo de jovens e no esporte, jogando basquete, representando a escola. Terminou a oitava série do ensino fundamental. Iniciou o Curso Magistério e começou a trabalhar como auxiliar, na Educação Infantil. A Menina se encantou e cantou no meio das crianças, a quem aprendeu a amar. Assim, não se via mais sem aquele mundo infantil. Mundo que exigia paciência, coragem, determinação. Aprendeu que, naquele mundo de gente pequena, a brincadeira que é coisa séria e importante, o compromisso tinha que ser de gente grande. Entendeu que, daqueles momentos de jardim de infância, daquelas cantigas de roda e do bonequinho feito de sucata, seriam determinados os destinos de sucesso ou não daquela criançada toda. Decidiu ficar, enfrentando tal desafio: ser educadora de infância. Entender que história era aquela: essa coisa de montar, construir, criar, cantar e brincar, logo, aprender. Decidiu entender a missão de educar, compreendendo que educação era e é toda aquela brincadeira gostosa, importante, cheia de gente pequena misturada com gente grande. Assumiu o compromisso com a vida e com as pessoas queridas que a cercavam. Comprometeu-se fazendo, sendo, construindo história.

> A estrada da vida pode ser longa e áspera. Faça-a mais longa e suave Caminhando e cantando Com as mãos cheias de semente.¹⁵

En-cantou-se e des-en-cantou-se na vivência do magistério. Percebeu que faltava algo importante nas práticas escolares. E que, por mais que os professores inovassem, tentassem novas formas de ensinar, o fardo, por vezes, mostrava-se pesado, e a educação percorria, ainda, caminhos sem muitas flores. A

15 CORALINA, Cora. Trecho da poesia **A estrada da vida**. Disponível em: http://www.simplesmentebeijaflor.com/poesias>. Acesso em 18.12.2004. As citações de teóricos encontram-se alinhas à direita, e as citações de músicas e poesias encontram-se centralizadas, conforme as normas da ABNT.

_

¹⁴ VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Disco "Geraldo Vandré". São Paulo: RGE, 1979.

educação ainda deixava a desejar, permitindo que as escolas formassem pessoas cada vez mais individualistas, inseguras, talvez para enfrentar as realidades do dia a dia. Pessoas despreparadas para atender o mercado de trabalho, que exigia e exige relações em equipe. As crianças cresciam, saiam dos jardins de infância e já não sabiam brincar. Nem cantar. Nem sorrir. Já não construíam mais bonecos de lata, nem amizades verdadeiras, nem pontes entre os corações. Não plantavam mais flores e se tornavam sérias, porque a escola fazia gente grande pensar que para ser sério e competente, não se pode sorrir, não se manda beijo, nem se diz que ama. Então, a Menina chorou e se pre-ocupou: crianças como adultos em miniatura.

Crianças cheias de responsabilidades, matérias e disciplinas, livros e cadernos, mas desprovidas de orientação afetiva, mais sensitiva da necessidade de ser-no-mundo. Ser¹6-humano capaz de agradecer, cumprimentar, auxiliar, comunicar, expressar, inter-agir, construir, sorrir, criticar. Sentir que se valorizava o ter, o poder, o vencer, afastadas, cada vez mais, do viver. Viver que é brincar, cantar, dançar, pular, desenhar, sorrir, enfim, o processo natural e a necessidade básica para o desenvolvimento de qualquer criança, questão que não se calava dentro da Menina a cada ano do magistério experienciado.

A brincadeira e o brincar devem ser pensados de forma ampla, isto é, menos como uma atividade determinada e mais como uma qualidade da relação que um indivíduo estabelece com os objetos do mundo externo. (ROSA, 2002. p. 20). Tal aspecto relacional nos impõe a busca de linguagens que nos auxiliem na comunicação e na compreensão do saber falar e do saber escrever.

As crianças precisavam ser alfabetizadas. Deveriam aprender a ler e escrever as letrinhas, mas é importante lembrar que, como expressa Fazenda,

a alfabetização não termina com o domínio dos rudimentos da leitura e da escrita. É algo que acompanha o indivíduo por toda vida. Inicia-se num primeiro olhar para as coisas do mundo. O ver mais e melhor e o duvidar para poder questionar precisam acompanhar sempre esse adulto que por circunstâncias especiais tornou-se alfabetizador. (FAZENDA, 1994. p.95)

Esses alfabetizadores, muitas vezes se esqueciam que para atingir tal formação era ainda mais importante brincar, socializar, viver e experienciar os

_

¹⁶ A palavra Ser aparece com letra maiúscula porque os estudos na linha da fenomenologia indicam a palavra ser não como verbo, mas como o Ser que habita, que dá vida.

cinco sentidos que foram concedidos aos homens: audição, visão, olfato, tato e paladar, enquanto ser-no-mundo, afinal, "a criança é passiva e receptiva pelos seus sentidos, por sua credulidade e emotividade" (JACQUIN, 1972. p. 28).

Concedamos às experiências por que passam as crianças em contato com o mundo exterior, toda a importância que merecem e nada mais. Avaliemos à altura, que é grande, esse aprendizado da vida que a criança conquista pouco a pouco, na medida de suas forças, e não a sobrecarreguemos de preocupação e esforços prematuros. (JACQUIN, 1972. p. 19)

Procuramos fazer com que tais experiências fossem acolhidas e trabalhadas como vindas do pequeno Ser, respeitando-as. Utilizando-nos de uma alfabetização que comunica e também interage, comunica e também se faz compreender, comunica e se expressa, pois o cultivo da sensibilidade e da criatividade é indispensável à formação de uma personalidade íntegra e à plena realização do homem, dando limites para que as crianças sintam-se seguras, abrindo espaços para que manifestem o que trazem dentro de si, a ludicidade, a fantasia, o afeto, a brincadeira.

O brincar permite o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo cultural e a natureza. Ele deve ser realizado como atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral, afetivo e cognitivo. A infância é, também, a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela, a esperança de mudança, de transformação social e renovação moral.

Apesar de muitas vivências bonitas, criativas, animadas, propostas nas escolas, era possível perceber em alguns momentos, que a criatividade, espontaneidade e a afetividade poderiam ser mais exploradas, orientadas, fazendo mais colorido o processo de aprendizagem e interação com o outro. Como? Momentos de interrogação e reflexão!

A Menina percebia que, quanto mais o tempo passava, mais a escola ensinava os conteúdos e não ensinava a aplicabilidade dos mesmos. Para serem alfabetizadas, as crianças precisavam apenas de mãos, olhos, ouvidos, lápis e papel, e a brincadeira foi ficando sem graça. As crianças começaram a brigar na escola e as brincadeiras de roda viraram guerras de areia. Os sorrisos se tornaram olhares agressivos e a professora já não era mais aquela doce professora do jardim de infância: com o sorriso no rosto, a voz doce e carinho nas mãos. A professora ficava com aparência velha, cheia de olheiras, impaciente e descontente. Não brincava, só

gritava e chamava a atenção das crianças: _ "Menino, desce daí!" _ "Menina, não é hora de desenhar!" E a tarde ficava chata, comprida, demorando tanto para passar.

A Menina não entendia e não queria aceitar aquele jeito estranho de educar. Bachelard mostra que "há sempre uma criança em todo adulto, que o devaneio sobre a infância é um retorno à infância pela memória e imaginação" (BACHELARD, 1988. p. 93). Será que os professores também haviam sido tolhidos em sua infância e por isso não conseguiam perceber as necessidades daquelas crianças?

Os questionamentos não queriam calar dentro da Menina, como também a necessidade de carregar de significado e sentido, o fazer pedagógico, alicerçar aquele ambiente escolar, do chão ao teto, a parede da nossa escola...

A parede da nossa escola tem que ser lavável
Para que a criança construa um castelo
E apague uma guerra
A parede tem que ser de azulejo
Para que a criança cole o mar azul
e uma lua dourada
a parede tem que ser sólida
para que a criança chute um ponto final
naquela bronca
e abra um parêntese imenso
cheio de canção!
A parede tem que ser ampla
Para que, sobre ela, a criança construa um outro mundo!¹⁷

A Menina estudava pela manhã e, quando a aula não era em período integral, trabalhava com as crianças na Educação de Infância, como auxiliar das professoras. Ao mesmo tempo em que as dificuldades se avolumavam, também crescia a certeza de querer investir na educação. Acreditava, e como "acreditar em algo e não vivenciar é desonesto". Babraçou aquela experiência, pois queria vivê-la na sua intencionalidade e extencionalidade.

Alimentava uma paixão pelas crianças, a cada convívio. Percebia que se realizava no trabalho, tendo a certeza de que queria estar com elas, trabalhar na Educação de Infância, com a certeza de que cada gesto seria o peso de um compromisso. Aceitava a cada dia o desafio, sentando no chão com os pequenos, brincando, cantando, ensinando e aprendendo.

-

¹⁷ Trecho da poesia **Um outro mundo**. Retirado de um cartaz pregado na porta de uma sala de aula da Educação infantil, do Colégio CEI, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Afirmação de GANDHI, Mahatama (1869-1948). Disponível em: http://www.nossosaopaulo.com.Br/Reg SP/políticos/Gandhi.htm>. Acesso em 25.02.2005.

Aprendendo um pouco mais com os estudos de Freinet, a autora Kramer (1993) nos revela que "a pré-escola é o lugar de trabalho, a criança e o professor são cidadãos, sujeitos-ativos, cooperativos e responsáveis. A educação deve favorecer a transformação do contexto social". E assim, a Menina entendia que a educação não deveria apenas preparar crianças para a adaptação no mundo, e sim, dar-lhes subsídios para que pudessem ser adultos capazes de transformá-lo, fazendo dos saberes, sabores, dos olhares, desejos.

Para alcançar tal realidade, seria fundamental que o ambiente escolar, a partir da Educação de Infância, fosse propício à construção da autonomia e desenvolvimento integral da criança, no seu fazer, pensar, sentir e agir, realizando atividades com vistas à cooperação, ao prazer, à responsabilidade, à criatividade, à troca, à reflexão, à ética e solução coletiva de problemas, atuando diretamente e não passivamente no fazer, na percepção do professor.

Na escola, onde a Menina estudava, todos os anos havia um evento de música, o Festival da Canção, no qual ela sempre **participava** compondo e cantando. A música, assim como a educação, eram essenciais na vida da Menina, que estava sempre envolvida e comprometida na vivência desses dois aspectos. Queria educar, um educar musicalizado, en-cantado e en- cantando.

Eu canto porque o instante existe.

E a minha vida está completa.

Não sou alegre nem triste:

Sou poeta

Irmão das coisas fugidias,

Não sinto gozo nem tormento.

Atravesso noites e dias no vento.

Se desmorono ou se edifico,

Se permaneço ou se me desfaço,

-Não sei, não sei. Não sei se fico ou se passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.

Tem sangue eterno a asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo:

Mais nada.

No final do ano de 1995, com quinze anos, a Menina formou-se professora e recebeu o convite da diretora da escola para trabalhar no Colégio onde estudou.

Professora! A Menina, quem diria! Quis ser aquela professora de voz doce e de carinho nas mãos, sentada no chão, na roda com as crianças, observando

_

¹⁹ MEIRELES, Cecília. Poema **Motivo**. In: **Melhores Poemas**. São Paulo: Editora Global, 1984.

tudo o que passasse, um grilo, uma formiga, cada pessoa, o som do violão, e tentou, mas realmente era difícil a tarefa de educar!

Depois de algum tempo, a Menina conheceu um lugar com a mãe, um lugar chamado "Peña Emme Enne"²⁰. Era como um restaurante, com bancos bem rústicos, de madeira, enfeites típicos feitos pelos índios da região, painéis pintados com paisagens do Pantanal, comidas típicas da fronteira do Brasil com o Paraguai e apresentações culturais com vários artistas da terra: Almir Sater (músico), Paulo Simões (músico), Tetê Espíndola (música), Guilherme Rondon (músico), Emanuel Marinho (poeta), Grupo Acaba (músicos), Pablo (artista plástico).

Com modas de viola, danças de catira, poesias, músicas cantadas e dançadas, a pessoas viviam momentos mágicos, e a Menina se encantou com aquele lugar cheio de magia, onde os músicos recebiam as pessoas cantando assim:

Não é moda passageira, que todos vão olvidar pois venha lá do estrangeiro, ou seja aqui do lugar não é só "tener" dinheiro, a senha pra se entrar "hai" que ser companheiro e querer participar da misteriosa corrente, que nem todo mundo vê aquilo que a pele sente, unindo alguém à você Quando a gente se reúne para celebrar Alegria, verdadeira, rara de encontrar Vem de longe essa herança da "latinidad" País que não tem fronteiras, nem terras por conquistar Só uma sala pequena consegue nos abrigar Nos seus bancos de madeira, apenas devem sentar Amigos e companheiros que queiram compartilhar Da misteriosa corrente, que nem todo mundo vê Aquilo que a pele sente unindo alguém a você. 21

Faziam da roda de viola, um convite a todos, mesmo os que nada entendiam da métrica da música. Música, todo mundo sabe, todo mundo sente, todo mundo vive e aquela roda ficava gostosa e festiva, alegre e comunicativa ao som dos violões, com vozes que vinham de todos os "cantos" da roda. Sentiu na pele, tocou no coração aquela roda de amigos, que vivia sempre cheia. Tudo aquilo muito tinha a ver com as coisas que a Menina conheceu e viveu em Mato Grosso do Sul durante a infância. Com as viagens que fazia com o pai, a mãe e a irmã para o Pantanal, Bonito, e outras cidades do interior do Estado, e alguns países latinos da fronteira, das histórias que ouvia do avô boiadeiro, quando o menino da porteira não voltou

²¹ SIMÕES, Paulo e RONDON, Guilherme, CD Expresso Arrastapé.

²⁰ PEÑA EMME ENNE – local de encontros e apresentações artísticas regionais, situado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Onde são servidas comidas e bebidas típicas da região pantaneira.

por causa do boi bravo que o atacou²², das estradas de chão, que agora eram de asfalto, como dizia a velha canção, que

sempre foi assim e sempre será, o novo vem e o velho tem que parar, o progresso cobriu a poeira da estrada e esse tudo que é meu nada hoje eu tenho que acatar e chorar, mas mesmo vendo gente , carros passando meus olhos estão enxergando uma boiada a passar.²³

No progresso da vida, era preciso administrar as saudades, saudade do pai que se foi em um acidente de carro, deixando muitas lembranças,

você, meu amigo de fé, meu irmão camarada, amigo de tantos caminhos e de tantas jornadas, cabeça de homem, mas o coração de menino me dá a certeza de que eu nunca estive sozinho. ²⁴

Saudades das lições da infância que ficaram para trás. No convívio com o novo, era preciso buscar meios de superar e progredir, procurando na convivência diária, acrescentar tudo que pudesse contribuir para a proposta de educar.

Um dia, a Menina foi convidada para fazer parte do grupo de músicos da "Peña Emme Enne". Ali, ela realmente se en-cantou, porque cantou, dançou e fez amigos. Ela sonhou com o dia em que pudesse unir esses dois en-cantos: música e educação, no meio das crianças. Ela queria educar por meio da música ou musicalizar o aprender. Para ela, educar através da música era aprender a olhar e a sentir o mundo com o coração, e isso era o que desejava para todas as crianças do "jardim da infância".

A Menina começou a pensar em todas as crianças do mundo, ficou curiosa e sentiu vontade de conhecê-las mais de perto, suas músicas, suas brincadeiras, suas necessidades, suas dificuldades, sua educação, sua cultura. Começou a viajar pelo mundo durante as férias, conhecendo novas crianças, "las chicas, los hirros" los bambinos" the childrens" the childrens".

25 las chicas e los hirros – palavras que significam meninas e meninos no idioma espanhol e castelhano utilizadas em alguns países como o Perú, a Bolívia, a Argentina.

-

²² Trecho elaborado pela autora deste estudo, inspirado na música Menino da Porteira, do cancioneiro popular brasileiro.

³ SANTOS, Adauto. Trecho da música **Triste berrante**. In: CD Sérgio Reis. Rio de Janeiro:

Copacabana, 1987. 24 CARLOS, Roberto e Erasmo Carlos. **Amigo**. Gravação Disc Music. Roberto Carlos 1977. 1 disco sonoro.

²⁶ bambinos – palavra criança usada na Itália, palavra que significa meninos no idioma italiano

A Menina conheceu novos lugares, outras paisagens, novas músicas, brincadeiras, instrumentos, ritmos, novas culturas. A Menina buscou, daqueles povos, novos olhares...sentires...saberes e falares, e percebeu que, apesar das diferenças, as necessidades para o desenvolvimento integral de todas as crianças são as mesmas: o afeto, o amor, o diálogo, o carinho e a brincadeira, independentemente da distância mostrada nos mapas, estradas, rios, oceanos, ritmos e mares. Entendeu a Menina, que toda vivência está diretamente ligada à educação, à afetividade, à amizade, à criação, à arte. Afinal, o que é a arte senão a capacidade de seduzir as pessoas pela emoção? Por que faltava mais emoção nas salas de aula?

Como alguém que encontrou um povo em ruínas

- e sua casa incendiada
- e seu mundo vencido
- e se recusou a morrer de dor
- e levantou muros
- e ressuscitou mortos
- e abriu janelas
- e acendeu luzes
- e semeou campos
- e pregou no céu, novas estrelas
- e trabalhou cheio de lágrimas
- e amou o que tinha feito
- e deseiou cantar. 28

Percebendo que era preciso estudar ainda mais para entender, compreender e fazer algo pela educação, a Menina entrou na Faculdade, no Curso de Pedagogia. Queria estudar, buscava conhecimento, queria aprender mais, queria Ser, fazer, desejava inter-agir, propor uma re-criação, desejava contribuir para reanunciar aquela educação de infância com outros e novos significados aos já existentes, pois," a educação é o principal para os seres humanos e que, quando se semeia em um corpo jovem, uma nobre educação, esta floresce para sempre, com chuva ou sem chuva." (KOHAN, 2003 p.60).

Passou a cursar pedagogia na Universidade Católica Dom Bosco e, para ter bolsa de estudos, participava no coral²⁹ da faculdade, que realizava muitas apresentações, em várias cidades, estados e outros países. E a Menina cantava, dançava, sorria, chorava, estudava, aprendia, logo, crescia.

A faculdade contribuiu muito para o alicerce teórico de muitos questionamentos que insistiam na cabeça da Menina, sobre as teorias que por vezes,

²⁷ children – palavra que significa a criança, no idioma inglês; palavra criança escrita em inglês

²⁸ MEIRELES, Cecília. **Melhores Poemas.** São Paulo: Editora Global, 1984.

²⁹ Coral – conjunto de vozes organizadas para apresentações musicais.

não saíam do papel, e, quando saíam, em algum ponto do trabalho, o autoritarismo apresentava-se novamente e tomava forma de gente. Insegurança? Medo? De quem? Dos alunos? Dos professores? Das instituições? Interrogações!?!

O contato com leituras críticas sobre a educação brasileira deu-lhe a certeza de que ali estava o nó a ser desfeito. Era preciso compreender a escola brasileira para poder atuar melhor na sua transformação.

Nesse momento da sua história, a Menina estudava no período da manhã, lecionava na Educação Infantil no período da tarde, cantava na "Peña Emme Enne" e no coral em outros horários, nos finais de semana. Corria, sorria, estudava, cantava e sonhava...

A Menina entregou-se à música e foi convidada para representar a Universidade onde estudava em variadas apresentações. Cantava em todos os eventos, dentro e fora do Estado e do País.

Como se entregou na mesma proporção à educação, foi convidada também para trabalhar no laboratório de jogos pedagógicos da Universidade, montando um projeto de musicalização e confeccionando instrumentos musicais (banda rítmica), a partir de materiais de sucata.

Sentia-se realizada já no início da caminhada profissional, trabalhava com música, educação e crianças. Estava realmente muito feliz, querendo, cada dia mais, percorrer tal caminho.

Fim do ano 2000 e a Menina recebeu o seu diploma de Pedagogia. Todos os ideais sonhados e concretizados sobre a educação tomavam uma nova proporção. Agora, a Menina já carregava consigo uma bagagem teórica e científica de conhecimentos, mas sentia necessidade de continuar estudando. Não apenas as idéias de infância e adolescência, os sonhos de trans-formação, mas um caminhar pedagógico carregado de efeito de sentidos no agir.

Música, criança, educação, caminhavam juntas no construir pedagógico da Menina que já trabalhava como educadora de infância, há cinco anos.

Das brincadeiras do parque, das cantigas de roda, da construção com sucatas, do sentir, cheirar, acariciar, tocar e agir da sala de aula da Menina, notava-se que os aspectos: cognitivo, afetivo e motor se aceleravam cada vez mais de maneira prazerosa, e as crianças de quatro anos de idade estavam praticamente alfabetizadas; liam, escreviam algumas palavras e produziam pequenas frases, a

partir das vivências recheadas de prazer. Leitura, não apenas das palavras e frases, mas uma leitura crítica de mundo, de acordo com a idade.

Por meio da música, vivenciavam momentos de relaxamento, agito, descontração, concentração, atenção, interação, reflexão. A música trabalhava a sensibilidade nas crianças, o que fazia com que as turmas estivessem sempre ativas e participativas em todos os momentos, atividades e ambientes da escola, porque "relacionar educação à sensibilidade é trazer um caminho, uma mediação, tendo em vista a consecução de um fim maior, a realização maior da pessoa" (CASTRO, 2002. p. 41) que, realizada, compreende, participa, constrói. O homem é um Ser sensível, e, sendo assim, é preciso ser considerado na sua sensibilidade, é preciso ser educado com sensibilidade, uma vez que

A sensibilidade é vista também como exercício de atualização de potencialidades que se explicitam em atitudes e posturas de uma personalidade. Como faculdade muito humana, a sensibilidade direciona a trajetória de uma pedagogia que se apresenta como apta para levarem (Sic) as pessoas a atingirem seus objetivos. (CASTRO, 2002. p. 42).

Através de teatros, dramatizações, atividades práticas, jogos e brincadeiras, as crianças se envolviam e a aprendizagem acontecia! Procuravam, professora e alunos, fazerem sempre, das atividades, momentos de brincadeiras cantadas, e isso, dava bons resultados, pois proporcionava tardes felizes na escola, mais disciplinadas, organizadas, uma característica que a vivência musicalizada proporciona também. A organização é uma necessidade no educar infantil, como processo de compreensão e construção, e não como disciplina imposta e autoritária.

No fim do ano, a Menina já tinha a **percepção** das crianças maturamente, falando o que pensavam, verbalizando sem dificuldade as suas necessidades, cumprimentando as pessoas ao passarem, sabendo agradecer quando atendidas, respeitando os "combinados"³⁰, as pessoas do convívio escolar, preocupando-se com os colegas, demonstrando um certo nível de independência e autonomia para solucionarem seus pequenos problemas do dia a dia, com vontade de realizarem suas atividades de maneira criativa e colorida, pois estavam felizes.

A Menina viajava sempre para novas cidades, para novos estados, para outros países e sempre trazia novidades. Novos instrumentos musicais, novas

³⁰ Combinados: termo muito usado na educação infantil entre a professora e as crianças, porque o que se combina não é imposto, parte do grupo e da professora em um acordo conjunto. Combinam que é preciso tratar os amigos com respeito.

cantigas, novas brincadeiras, novas histórias, que encantavam a criançada, fazendo da sala de aula um contato bem próximo com a diversidade do mundo. Sempre que podia, trazia o mundo para as crianças, que riam quando descobriam que as palavras mudavam de um lugar para o outro, que tinham sentidos diferentes, ou que, em outros lugares, existiam frutas, flores e animais diferentes e engraçados. Roupas também!

Destarte, a Menina sentiu necessidade de estudar mais, e resolveu continuar, buscando novas idéias, novas práticas, novos entendimentos, novos estudos, participando do exame de seleção, foi aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

No Curso do Mestrado em Educação, a Menina teve a oportunidade de aprofundar-se nos estudos e em questões filosóficas das práticas pedagógicas, compreendendo melhor a relação: educação, sociedade, mundo, dentro de uma perspectiva mais ampla e entendendo o ser-criança no mundo real.

"Só sei que nada sei" (SÓCRATES, 469 a.C.), foi umas das frases que a Menina leu em seus estudos sobre Sócrates, um filósofo, que nos deixou muitos estudos e contribuições científicas. Percebeu então, que a busca de conhecimento deve ser algo incessante, pois nunca estamos prontos, nunca sabemos tudo, é preciso buscar novos conceitos, novas propostas, novas práticas e entender sobre elas.

Aquele pensamento foi realmente uma mensagem para a Menina, que mais tarde, participando de uma roda de viola, identificou novamente o seu significado em uma canção atual, escrita por Almir Sater, que dizia "hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei" , entendendo que sempre é preciso buscar novos conhecimentos, novos conceitos, novas práticas. A vida é uma trans-forma-ação em movimento constante. Uma nova canção move o seu momento de reflexão, ação e paixão: aprender, ter vontade de cantar e, exercer na vida, a mensagem dessa canção:

Eu canto tanto quanto preciso for Eu canto porque nunca vai ser demais Eu canto a liberdade, eu canto o amor Eu canto a felicidade e a paz Eu canto pro poeta e pro sonhador Eu canto só de ver o verde jardim

_

³¹ SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. Música Tocando em frente. Gravadora Continental, disco. 1981.

Eu canto aquela velha rima com flor Eu canto, pois cantar é tão bom assim Eu canto até pra quem não quer me escutar Eu canto pelos que perderam a voz Eu canto por todos que vão se encontrar Eu canto o amor que está dentro de nós Eu canto pra espalhar o dom de viver Eu canto pro amor aos que não tem pão Eu canto por amor aos que vão nascer O que não canta a terra eu não canto não Que canto mais lindo que vem pelo ar Vem vindo de todo lugar Que canto mais lindo que brilho que luz Me encanta, me abraça, seduz Que canto mais lindo, que força que tem Que canto que me faz tão bem Que voz de criança, que cheiro de flor Oue verde esperança de amor.

Percebeu a Menina em seus estudos, que até gente grande precisa voltar a ser criança quando se trata de aprender, e sentar no chão, brincar de roda, viver, re-viver o que se estuda. Os estudos no Mestrado a levaram por caminhos encantados. Possibilitaram-na escrever suas andanças por meio de música e, o mais importante, permitiram-lhe falar e escrever cientificamente sobre esse fazer musicalizado. Estudar o processo de desenvolvimento da criança, dizer a história da música. Dizer do compromisso do educador de Infância em criar e musicalizar o seu fazer docente.

Expectativas... enaltecem o nosso pensar e nos induzem a continuar as nossas metáforas, teorizando sobre elas e concretizando na fala de outros que constroem conhecimento por meio da música como linguagem.

³² GRUPO CHOCOLATE. Música: **O que cantam as crianças**. CD. Editora Paulus. COMEP, 1987.

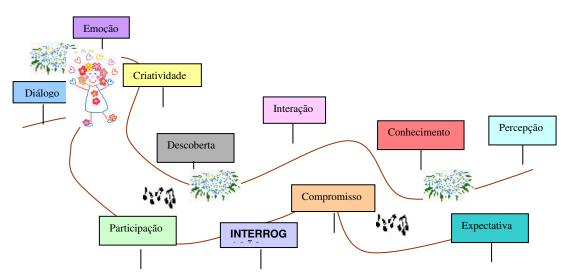


Figura 2 : O caminhar na história.

Fonte: Montagem feita pela mestrando autora desta pesquisa utilizando o Word e Clipart

"O que quer que exista, o que quer que tenha existido, o que quer que venha a existir, é OM - som". 33

 $^{\rm 33}$ MANDYUKYA, Upanishad. Pensamento retirado de um cartaz apresentado em um encontro de Yoga em Campo Grande/MS - 2004

MOMENTO I

CONCRETIZANDO UMA TEORIA E CONTEXTUALIZANDO O SOM

A Menina estuda, lê, aprofunda-se. Viaja pelo mundo da música, imaginando, cantando, dançando, espantando-se, admirando-se. Busca, a Menina da música, a música que não conhece, que não é do seu tempo, a música de origem, da origem do homem, dos sons da natureza. Busca a música da história e/ou a história da música, seus momentos, seus aspectos, seus componentes e, compreende que, desde que se estuda a história da humanidade, tem-se observado que a música sempre fez e faz parte da vida do homem. Em qualquer localidade do mundo, em todas as épocas, a música e o homem mostram e demonstram um cenário de unidade, pois o homem é o ser do som. "O silêncio é a morte do corpo". (SCHAFFER, 1979)

Assim, neste momento, faremos uma breve visita à história da música, em uma tentativa de um breve resgate histórico.

1.1 DA HISTÓRIA

A música tem desempenhado, ao longo da história, as mais distintas funções sociais, e tem levado as pessoas à interação afetiva e efetiva do seu Ser com o Ser que habita o outro, pois:

a música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. [...] Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o imprevisível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois tudo o que fazemos (todos os sons, ruídos e não sons incluídos) é música. (CAMPOS, 1985. p. 5)

Música que propõe o diálogo. Encontro e as descobertas na construção do fazer. Fazer no mundo, com o mundo e para o mundo, sendo ser-no-mundo, habitando esse mundo, estando aberto a ele. Música que vai além das partituras ordenadas, do conjunto de notas e escalas e/ou do som musical que chega até os nossos ouvidos. Aquela que, com sua harmonia, nos faz sorrir, chorar, mexendo com as emoções, trazendo algumas lembranças. Com seu ritmo, nos instiga a bater os pés, dançar e dar as mãos, caminhando em uma melodia que nos encoraja a transpor

barreiras, a construir mais pontes, que nos torna, em fração de segundos, grandes idealistas, sonhadores, nos faz flutuar ao seu som, viajantes de pé no chão. Música de todas as épocas, em todos os lugares, que não difere raça, religião, idade ou classes sociais, música que vem desde a criação do homem, permitindo-lhe "comunicar-se na ludicidade".(ROJAS, 2004. p.18 e 21)

1.1.1 Alguns passos pela Música, na Antigüidade.

Uma das mais antigas do mundo, a Civilização Egípcia apresenta muitos objetos, dentre eles, alguns que atestam atividades musicais de caráter religioso, militar e social, bem como a existência de instrumentos de música, encontrados nas escavações arqueológicas realizadas em templos, pirâmides e tumbas.

Os Hebreus usavam a música para fins guerreiros e religiosos, em festas e lamentações. Encontra-se na Bíblia, a primeira menção de instrumentos musicais: "Jubal, pai de todos os tocadores de harpa e flauta".(Gênesis, Capítulo 4, Versículo 21). O Velho Testamento menciona as trompas que fizeram ruir os muros da cidade de Jericó.

Keller (2000) no seu livro "E a Bíblia tinha razão", diz: "Nenhum povo se dedicou mais à música do que os habitantes de Canaã" (KELLER – ELLMERICH, 2000. p. 21). A Palestina e a Síria eram famosas por seus músicos, como se verifica em documentos egípcios e mesopotâmicos.

A Cítara, instrumento musical de cordas, originou-se na Síria. As castanholas, instrumentos de percussão que consiste em duas peças de madeira ou de marfim que, ligadas entre si, e aos dedos ou pulsos do tocador, por um cordel, se entrechocam, originou-se dos fenícios. Os árabes absorveram músicas e instrumentos dos persas e de outros povos conquistados. Após o islamismo, fundado por Maomé (571 – 632), a cultura musical passou a ser mais explorada e valorizada.

Devido às frequentes invasões do território indiano, a música hindu sofreu diversas influências, principalmente a chinesa e a egípcia, e sua notação, feita com letras e sinais complementares, é a mais antiga do mundo. O indiano, através da sua música, que tem grande sentido simbólico, une-se à sua origem, razão esta que a música os acompanha do berço ao túmulo.

O Laos preservou a cultura hindu original, graças à sua situação geográfica em região de altas montanhas. Durante as cerimônias religiosas, usavam

gongos gigantes, que eram grandes tambores feitos de madeira, coro e corda. Na China, país de cultura milenar, o sábio Ling-lun, mais ou menos em 2637 a.C., formou a doutrina sobre a arte dos sons. A primeira fase da música chinesa remonta à dinastia Tjo (1100 – 750 a.C.), com a difusão do livro de poemas cantados e recitados, "She-Tzing". A aristocracia chinesa não dispensava a educação musical e o imperador Han-Ou-Di, da dinastia Han (140-87 a.C.), inaugurou a Academia de Música, dedicada aos estudos e às pesquisas folclóricas. (ELLMERICH, 1977. p. 23)

Até hoje, todo o conhecimento que se conserva sobre a música antiga chinesa remonta a quase 3 mil anos antes de Cristo. O povo chinês atribuía e atribui à música, uma importância vital e sagrada, reconhecendo seu maior valor no efeito moral que produz sobre os homens. Daí a preocupação dos governos, de que o povo ouvisse música de qualidade para que não se degradasse. Acreditavam também que a música poderia interferir diretamente na saúde do corpo físico.

1.1.2 Música, na Antiga Grécia.

Embora tenha sido fortemente influenciada pelas culturas do Egito e do Oriente, a Grécia é o berço da cultura e da civilização ocidental. Os gregos foram os mais adiantados em todas as artes dos povos da Antigüidade. O ritmo da música grega era relacionado ao da poesia.

Referências sobre a arte musical grega encontram-se na mitologia, em relíquias, tratados teóricos, obras filosóficas e memórias históricas. A própria palavra música significa "arte das musas". Na mitologia grega, as "musas" representavam seres celestiais, divindades que, supunha-se, inspiravam as artes e as ciências. Na Grécia, a música estava presente em todas as manifestações da vida pública, tais como festas religiosas ou profanas, jogos esportivos, teatros, funerais, e até combates. O canto e a dança constituíam o principal divertimento durante os banquetes. O ensino da música era obrigatório, com fins práticos morais.

1.1.3 Música, em Roma.

Os romanos não alcançaram grande desenvolvimento nas artes, em virtude de sua tendência guerreira e de constantes preocupações nas lutas de

conquista. Assim, o florescimento artístico romano começa com a sub-jugação da Grécia, em 146 a.C. Os cantos dos primeiros cristãos derivam de melodias hebraicas, gregas e romanas.

Em 387, Ambrósio efetua o batismo de Agostinho de Hipona, o futuro Santo Agostinho. Este propagou o "salmo ambrosiano" e redigiu o tratado "De musica", importante para a teoria do canto de igreja.

São Gregório Magno, papa no período de 590 a 604, coordenou os cantos litúrgicos e hinos, provavelmente agregando alguns novos de sua autoria. Fundou ainda, a primeira escola de canto a "Schola Cantorum". Em virtude do seu nome, o canto cristão passou a se chamar Canto Gregoriano.³⁴

1.1.4 Música, na Idade Média e na Renascença.

Na Idade Média, ritmo e poesia estiveram unidos. A igreja era representante do poder feudal e detinha os parâmetros, com os quais a música deveria acontecer. Isto ocorria principalmente nos mosteiros, objetivando a fidelidade quase total aos cantos litúrgicos. A liturgia era austera, pesada, opressora, e uma de suas metas era a condução dos crentes a um estado de arrependimento e submissão.

Esse período foi marcado por um mundo dominado pelo fanatismo religioso (Inquisição, Cruzadas) e pela vassalagem absoluta, submetendo o povo aos senhores feudais. Tal situação só poderia resultar num período de estagnação nas ciências e nas artes. Como manifestação da música profana, surge a "canção" cultivada pelos nobres em seus castelos, e pelo povo, nas ruas, festas e feiras.

A partir do século XI foi difundida a canção, atribuída aos trovadores, cantores ambulantes de origem nobre, acompanhados por músicos denominados "menestréis", e "jograis", geralmente, com pessoas de baixa categoria social.

Fundaram-se as primeiras "confrarias" junto às igrejas, devido à vida desregrada que levaram muitos desses músicos ambulantes e o conseqüente mau conceito no qual eram tidos. A primeira foi organizada em Viena, no ano 1288, e tomou São Nicolau por patrono.

-

³⁴ Canto Gregoriano - não é só uma forma de música. Ele representa uma época que não se restringe à historia da música ou das letras, mas que pertence à história da civilização.

³⁵ Confrarias – é uma espécie de associação de músicos profissionais.

Na Idade Média, de acordo com o espírito da época, o teatro teve caráter especialmente sacro. As participações com músicas instrumentais e vocais realizavam-se, em grande maioria, nas igrejas, e tratavam de episódios da Bíblia. Do interior das igrejas, as apresentações passaram para as praças que se localizavam em frente às igrejas, e, embora conservassem um caráter religioso, já eram apresentadas peças com um vocabulário mais vulgar, de fácil compreensão e acesso do povo. Esses espetáculos recebiam o nome de "mistérios", na França, "miraclay play", na Inglaterra, "geistliches schauspiel", na Alemanha, "auto-sacramental", na Espanha e "representazione sacra", na Itália.

O Renascimento marca o encontro do homem consigo mesmo, tornandoo centro e razão de todas as coisas, uma vez que se caracterizou pelo abandono das idéias da Idade Média e pela sobreposição do individualismo ao coletivismo praticado no período medieval.

1.1.5 Música, no Brasil

No Brasil, a música seguiu os modelos da Europa durante o período colonial e o Império, mas não podemos deixar de considerar a forte influência indígena quando falamos de música no Brasil. Diversos são os tipos de instrumentos sonoros como chocalhos, trombetas de madeira, flautas de bambu, de ossos humanos ou de animais. No princípio, as músicas são monótonas e pobres de melodia. Em sua maioria, os sons produzidos pelos instrumentos confeccionados a partir de recursos naturais, que acompanhavam as danças rituais, dão a impressão de reproduzirem determinados ruídos da natureza e sons dos animais.

Qualquer que seja a sua origem, a música indígena é muito profunda, devido ao seu caráter sagrado e à função primordial de "conectar" a comunidade dos viventes e o reino dos mortos, dos heróis ou dos deuses.

Com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500, a música sofreu outras influências. Vieram com ele, Frei Pedro Neto, corista, e Frei Maffeo, organista italiano. Logo após o descobrimento do Brasil, os jesuítas notaram a boa disposição dos índios para a música. Manuel de Nóbrega dizia "com a música e a harmonia, me arrisco a atrair todos os indígenas" (ELLMERICH, 1977. p.156). Com os primeiros historiadores do Brasil, o francês Jean de Léry e o alemão Hans Staden, são unânimes em apontar a atração que a música *exercia sobre os índios*.

Simão de Vasconcelos diz o seguinte, a respeito das aptidões musicais dos nativos: "São afeiçoadíssimos à música e os que são escolhidos para cantores de igreja, prezam muito o ofício e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar os outros. Saem destros em todos os instrumentos, charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes". (Ibdem p.156).

A partir de 1538, vieram para o Brasil as primeiras levas de negros africanos, trazidos como escravos. Seus instrumentos eram, na maioria, de percussão. As suas músicas caracterizavam-se pelo ritmo bem marcado, com danças sensuais e violentas.

O indígena foi impiedosamente dizimado pelo invasor branco, enquanto que o negro, devido ao seu convívio com os brancos e a mestiçagem, foi adquirindo costumes dos seus senhores, incluindo a música européia.

Sobre o sincretismo³⁶ na música brasileira, citamos o poema de Olavo Bilac (Ibdem p.21):

Tens, às vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência, acesa
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do pecado humano.
Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Bárbara pocaré, banzo africano,
E soluços de trova portuguesa.
Ès samba e jongo, chiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, cativos e marujos:
E em nostalgias e paixões consistentes,
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes.

Temos retratado, aqui, a realidade de povos e raças que se encontraram com culturas e costumes diferentes e que, apesar das condições de colonização, escravidão e imposição cultural, trocaram o canto, trocaram o encanto e perceberam que, quando se trata de homem, somos todos povos de uma raça só, que, ao som da música, se emociona, vibra, sente e caminha junto. Por isso, o ritmo na música brasileira está vinculado às influências indígena, africana e européia.

Em meio a essa riqueza cultural, os primeiros colonizadores portugueses trouxeram a "canção romântica", que tem a sua origem nos trovadores da Idade Média, com caráter árabe. No Brasil, passou a ser chamada "moda" ou "modinha", e,

-

³⁶ Sincretismo - junção, união, influência entre os povos.

modificando-se aos poucos, voltou para Portugal, no século XVIII, com o nome de "fado".

De 1580 a 1640, o Brasil foi colônia espanhola, pois nesse período pertencia à Espanha, que trouxe a "guitarra mourisca" ³⁷, que, posteriormente, se tornou o instrumento mais popular no Brasil: o violão.

Com a chegada de Dom João VI em 1808, a vida artística – em primeiro lugar, a arte musical – tomou considerável impulso. Em 1818, a cadeira de música foi criada pelo rei, sendo nomeado para regê-la, José Joaquim de Souza Negrão. O reinado de D. Pedro II se tornou notável pelo vigor do teatro lírico, em espetáculos de companhias italianas formadas por artistas de primeira qualidade.

A história da educação musical no Brasil pode ser resumida, periodizando-se quatro momentos fundamentais. No primeiro, a educação se dá por iniciativa de músicos, religiosos ou não, a quem a preocupação era objetivar a formação de outros futuros músicos. No segundo momento, se evidencia o ensino de artes e ofícios nas áreas de regência e canto. Momento desenvolvido pelos jesuítas na fixação do conservatório como lugar único de ensino de música, dicotomizado da escola regular. O terceiro momento é marcado pelo movimento em prol do canto orfeônico. Apresentava perspectiva diferenciada da anterior, pois o projeto se dava dentro da escola pública, com a meta de juntar o público à música. O quarto momento inicia-se com a promulgação da Lei 5692/1971 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em que a Educação Artística passa a incluir a educação musical no currículo escolar.

A música passa a fazer parte do currículo nas escolas. Alegra, traz vida, porque a música por si só é movimento, sugere a roda, mas por muito tempo foi e ainda é em muitas realidades, uma proposta mecânica, vivenciada a partir de limites impostos, regras, ensaios justificados em datas comemorativas para a apresentação de teatros e outros, deixando de lado a ludicidade, o prazer, a autonomia e a expressividade que a mesma possibilita.

³⁷ Guitarra mourisca - instrumento de madeira e cordas de aço

1.2 MÚSICA DO SER: O SOM DO SER E/OU O SER DO SOM

"Pois o poder da música e o Verbo rege tudo, visto que a vibração é a força criativa do Universo". 38



Figura 3: Nebulosa em movimento. **Fonte**:www.3.felipex.com.br/fo_astros01.htm

Se toda criação é vibração e se vibração é som, consequentemente podemos dizer que, dentro da criação, no Universo, não pode existir silêncio. Na verdade quando se fala de silêncio neste mundo, trata-se apenas de uma condição relativa, é uma vibração condicionada às limitações da nossa percepção. E se supomos que,

no princípio era silêncio. Havia silêncio porque não havia movimento e, portanto, nenhuma vibração podia agitar o ar - um fenômeno de fundamental importância na produção do som. A criação do mundo seja qual for a forma como ocorreu, deve ter sido acompanhada de movimento e, portanto, de som. O que sugere uma criação musicalizada. (KARÓLY – BRITO, 2003. p. 17)

No princípio, o homem estava em contato e reproduzia os sons que ouvia da natureza, como o vento forte, a chuva, a água dos rios, o estalar de galhos, o canto dos pássaros e tantos outros animais, não só com a intenção de imitá-los, mas também porque essa era a música que ele conhecia. Criava a partir de suas necessidades de comunicação e também de subsistência, utilizando materiais sonoros, como seu próprio corpo, emitindo sons, como as palmas batendo as mãos. Sons dos pés batendo no chão, dos sons vocais emitidos a partir de alguns movimentos com a boca, como podemos perceber nos registros de crianças de seis anos, realizados depois de uma pesquisa sobre a origem da música. Vamos vê-los e lê-los pela imaginação real e mágica que os traços dos desenhos nos inspiram, musicalizando o "aprender em cognição e afetividade". (ROJAS, 1998, p.90)

³⁸ TAME, David. **O poder oculto da música.** São Paulo: Cultrix, 1992.

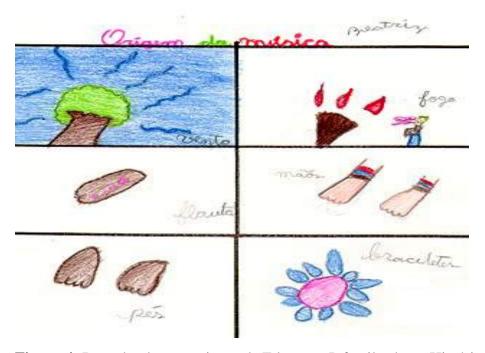


Figura 4: Desenho de uma criança da Educação Infantil sobre a História da Música.

Fonte: Desenho do arquivo próprio da mestranda. Realizado por uma criança de 6 anos (Beatriz) da Educação Infantil de uma escola no município de Campo Grande/ MS-2004.

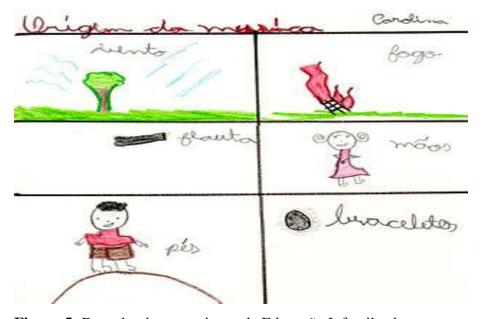


Figura 5: Desenho de uma criança da Educação Infantil sobre a História da Música.

Fonte: Desenho do arquivo próprio da mestranda. Realizado por uma criança de 6 anos (Carolina) da Educação Infantil de uma escola no município de Campo Grande/ MS – 2004

Percebemos que a criação consegue habitar o sentido da importância da música fazendo sentido e mostrando os efeitos de sentido para o Ser. Fica explicitado o quanto o movimento interno do Ser está nele e se mostra pelas figuras até fazendonos sentir o som.

É possível que, depois, convivendo com outras pessoas, o homem tenha sentido necessidade de comunicar-se, fazendo uso dessa "música" como meio de expressão, interação e realização do ser-no-mundo.

Ser no mundo, estar no mundo, crescer com o mundo e para o mundo. Estar aberto ao mundo e, no desvelar das coisas desse mundo, encontrar-se consigo mesmo. Com as capacidades e possibilidades de construção. De criação e re-ação, na relação com o mundo e com os seres que nele habitam. Pois, o homem expressa suas emoções, alegres ou tristes, eufóricas ou calmas, relativas ao trabalho, à religião ou a qualquer outra atividade do dia a dia. O conhecimento cresce à medida que criamos novas formas rítmicas, melódicas, da vida que vamos vivendo e experienciando.

Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios é chamado de som. Som é tudo aquilo que soa. Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento. Indicam situações, ambientes, "paisagens sonoras:"³⁹ Os animais, a natureza, os seres humanos e suas máquinas, traduzem também sonoramente, a vivência, o "Ser-estar" nesse mundo.

O som é um "fenômeno físico" cujas qualidades essenciais permitem sua utilização na música. Ele deriva de um fato simples e objetivo que é a vibração sonora de um corpo. As ondas sonoras provocadas por essas vibrações, ao chegarem até o aparelho auditivo, produzem as sensações sonoras, que se traduzem em som. Percebemos tal explicação em um dos diálogos da obra do compositor Kurt Pahlen citado por Cunha (PAHLEN - CUNHA, 2003 p.61-62) com situações diárias vividas em sala de aula com as crianças, no intuito de possibilitar novas descobertas.

_

³⁹ Paisagens sonoras - a expressão "paisagem sonora" foi criada pelo compositor e educador canadense Murray Schafer para referir-se a todos os sons, de qualquer procedência, que fazem parte do ambiente sonoro de determinado lugar.

⁴⁰ Fenômeno físico - porque depende do nosso corpo e dos nossos sentidos para ser percebido.



Figura 6: Alunos de 6 e 7 anos utilizando a música em sala de aula. **Fonte:** Arquivo próprio da mestranda. Escola do Município de Campo Grande, MS - 2004.

Cristina entra na sala e dedilha o violão. O compositor pergunta:

- De onde vem o som? Do cordão?

Ao que seu colega corrige:

- Da corda!
- E como nasce?

Pergunta novamente.

As crianças ficam um pouco pensativas...

- As cordas se movem.
- Ótimo! As cordas se movem, ou melhor, vibram!
- E se batermos no tambor?
- Sai som da mão!
- Nada disto, retruca Mário, da pele. A pele se move.
- E a flauta?
- Sai som quando a gente sopra.
- E como sopramos?
- Assim (sopra)... Soltando o ar...

Soprar é movimentar o ar. Assim, todo corpo elástico vibra quando é posto em movimento, esse movimento pode ser visível ou invisível. Podemos ver a pele do tambor e a corda do violão ao se movimentarem; no entanto, no caso da flauta, é o ar que se movimenta, porém é invisível.

Observando que a noção não estava clara, Kurt Pahlen convida as crianças para se dirigirem ao tanque do jardim e

O compositor atira uma pedra.

- Que ondas bonitas! Disse Cristina.

Então ele pega uma pedra ainda maior e atira novamente no tanque.

- Observem atentamente as ondas.
- Formam círculos, pensou João.

- E correm por todas as partes disse Cristina.
- E de onde saem? Perguntou.
- Dali onde caiu a pedra.
- E até onde chegam?
- Ah, a pedra pequena não chegou muito longe, mas a grande foi longe, ficando fraquinha quanto mais longe chegava.
- Magnífico, crianças! Aí vocês têm a explicação da produção sonora. A pedra que atiro na água corresponde ao movimento que dou no corpo elástico, nos "instrumentos". As vibrações dele se comunicam com o ar, produzindo ondas sonoras que chegam aos nossos ouvidos e nos possibilitam escutar os sons, as músicas. Naturalmente, essas ondas sonoras são invisíveis e nossos ouvidos escutam apenas uma parte dos sons que existem no mundo. (PAHLEN CUNHA, 2002. p. 61-62).

Por um lado, o indivíduo dotado naturalmente de um ouvido sensível, apreende com maior facilidade, mas não se pode desprezar, por outro lado, os resultados obtidos através do interesse pela música, da sensibilidade emocional e afetiva, ou, ainda, do desenvolvimento intelectual. Por esta razão, o som deve essencialmente ser vivenciado a partir de experiências sólidas, concretas, com momentos que favoreçam o desenvolvimento da capacidade e da discriminação auditiva, tornando a educação do ouvido, se não possível, ao menos, comum a todos.

Falando do som é preciso falar do silêncio, o silêncio musical. Entendemos tal silêncio por silêncio educacional: a ausência de som. Na verdade, são os sons que já não podemos ouvir, as vibrações que o nosso ouvido não percebe, seja porque tem um movimento muito lento, seja porque são muito rápidas. Tudo vibra, em permanente movimento, mas nem toda vibração transforma-se em som, para os nossos ouvidos.

O aparelho auditivo é formado de partes ósseas, que não se alteram, e de partes nervosas e musculares, que são flexíveis. Tal fato possibilita a educação do ouvido musical. Contudo, este não é apenas um fenômeno fisiológico e físico, mas humano, que se realiza no campo mental e no plano da afetividade.

O ato de ouvir se distingue, pelo próprio sentido dos termos empregados. Três diferentes aspectos podem ser definidos da seguinte maneira: 1) **ouvir** – é a percepção dos sons pelo ouvido: ato sensorial; 2) **escutar** – é estar atento ao que se ouve: ato de interesse; 3) **entender** – é apreender o sentido do que se ouve, isto é, tomar consciência do som: ato intelectual. Este aspecto consiste no que habitualmente se denomina de audição interior. (CAMARGO, 1994. p. 21). [grifos nossos].

Aprender a escutar deve ser um dos aspectos trabalhados com empenho e atenção pelos educadores, porque "a escuta tem grande importância na educação infantil, pois todos os demais conteúdos se alinham por meio da audição e da percepção", (AKOSCHKY – BRITO, 2003. p. 187) fato este que reafirma a importância da criança experienciar os sabores do jogo, da brincadeira, da música, de maneira expressiva e criativa.

É importante lembrar que também a nossa escuta, tanto musical, quanto educacional, assim como os outros sentidos, guiam-se por limites impostos pela cultura, ou seja, o território do ouvir tem relação direta com os sons da nossa vivência, do nosso entorno, sejam eles musicais ou não, pois "a cultura imprime suas marcas no indivíduo, ditando normas e fixando ideais nas dimensões intelectuais, afetivas, morais e físicas, ideais esses que indicam à Educação o que deve ser alcançado no processo de socialização" (GONÇALVES, 1994. p.13) bem como no encontro com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Desde o princípio, o sentido da audição é responsável por significativa leitura das coisas deste mundo, já que sons e silêncios são portadores de informações e significados. Os sons da natureza (ondas do mar, vento nas folhagens, trovões, os carros e urros dos animais) ou os sons produzidos pelas pessoas (sons com materiais disponíveis, espirro, a voz, sons que o corpo produz) traduzem informações objetivas (a presença de um animal por perto, uma tempestade, uma moto que chega), provocando, também, sensações, emoções e reações subjetivas.

Perceber, produzir e relacionar-se com e por meio de sons faz parte da história de vida de todos nós: ao atravessar a rua, ouvimos a buzina de um carro e ficamos atentos. Ouvimos trovões e fechamos as janelas de casa. Conhecemos inúmeras informações sonoras que, vale lembrar, mudam com o tempo e de uma cultura para outra. Basta pensar na diferença existente entre o ambiente sonoro de um grande centro urbano e o de uma tribo indígena, ou, ainda, na paisagem sonora da época dos nossos antepassados distantes. Como será que eles reagiam à escuta de sons que não conheciam?

A sensibilidade das coisas, a percepção, a discriminação e a interpretação de situações sonoras, possibilitadoras de interações com o entorno, têm grande importância na formação e constante transformação. Consciência de espaço e tempo, como aspectos prioritários da consciência humana, da consciência da

duração do eu, sua persistência no tempo vivo, não cabe aos relógios, posto que é metacrônica, ou seja, mais que mera continuidade cronológica. É uma dimensão constituinte que, talvez, se possa chamar de intencionalidade da vida. É uma temporalidade profunda, onde chrónos e kairós se entrelaçam. (ASSMAN, 2001. p. 229)

Muitos foram os processos da história da música na vida do homem. Ela destina-se à totalidade do homem: seus sentidos, coração, inteligência e, de acordo com Willems, (1970) "os três domínios da natureza humana: o fisiológico, o afetivo e o mental estão estritamente ligados aos elementos constitutivos da música" (WILLEMS - CAMARGO, 1994. p.17). Estes elementos são: o ritmo, a melodia e a harmonia, aqui, apontados de maneira breve e simplificada, sendo retomados no capítulo posterior, com seus significados entrelaçados ao desenvolvimento da criança.

O **ritmo**⁴¹ está presente em todo o universo, na organização do movimento constante dos dias e noites, na alternância das marés, nas fases da lua, na respiração e pulsação humana. Ele é uma seqüência organizada de diferentes durações de tempo; é fonte de energia, de movimento ordenado, de calor, de beleza, emoção e vitalidade. Em um grupo, a força do ritmo musical se transmite a todos os participantes, unindo-os, coordenando-lhes os movimentos, dando unidade à ação conjunta.

A **melodia** é uma sucessão organizada de sons que formam uma idéia musical. Da mesma maneira que, unindo palavras, formulamos uma frase, através das notas e de um conjunto ordenado, criamos uma idéia musical que pode ser longa ou curta, mas com ritmo, princípio, meio e fim, assim como é a vida, onde tudo inicia, tudo acontece e tudo termina.

A harmonia é a simultaneidade dos sons. Se você canta com outra pessoa uma melodia igual, mas em alturas diferentes, ambos estarão cantando harmonicamente, assim como na vida realizamos funções ou atividades idênticas, mas com a individualidade de cada um. Construímos com o outro. Descobrindo esse outro. Fazemos descobertas...

A Menina, então, se deixa levar no pulsar do coração que é o ritmo da vida. Deixa que a melodia a leve para outros cantos e encantos, embalos que fazem aflorar sua capacidade criadora. Recria: relembra momentos que a fizeram entrar

⁴¹ As palavras em negrito aparecem como grifo nosso para evidenciar os aspectos constitutivos da música que estão diretamente ligados aos aspectos de desenvolvimento do homem.

nessa história, e deixa que a harmonia dessa música da vida a conduza pela estrada afora.

Nessa metáfora musicalizada entre sons e versos, sente que, quando se estuda, é preciso voltar no tempo, sentar no chão, virar criança, brincar como elas, e com elas, experienciar cada momento do vivido, voltando na história, convivendo teoricamente com o homem da caverna e caminhando praticamente no brincar em roda com as crianças do jardim de infância, construindo-se... Assim fez e faz a Menina.

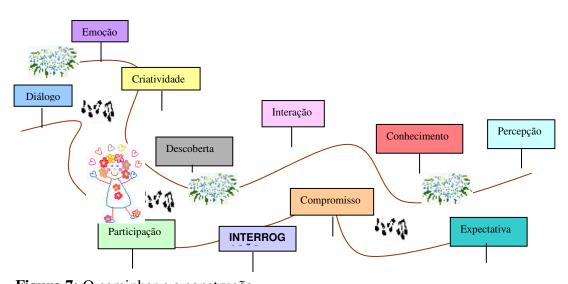


Figura 7: O caminhar e a construção **Fonte:** Montagem feita pela mestrando autora desta pesquisa utilizando o Word eClipart

[&]quot;Temos um longo caminho pela frente...mas...o caminho se faz ao caminhar." (FAZENDA, 2001. p. 39)

MOMENTO II

DA CRIANÇA: CONSTRUINDO O RITMO DO FAZER, A MELODIA DA AÇÃO E A HARMONIA DA INTERPRETAÇÃO.

Às vezes, uma voz solitária não pode ser ouvida acima do ruído de um mundo agitado. Mas, se nós juntarmos nossas vozes juntas numa canção, será tão bom, que não somente nós seremos ouvidos, mas o mundo pode simplesmente levantar-se e tomar conhecimento. (LEWIS, 2003. p.4)

Volta a ser criança, a Menina da música. Canta a música da Menina. Convive com as crianças no dia-a-dia da escola, nas brincadeiras de roda, no "pega-pega" da esquina, na brincadeira de "esconde-esconde", quando, no "balança-caixão" ninguém queria ficar por último, e era preciso, então, estar atento para ouvir a primeira voz da fila, gritando: - "Balança caixão! Balança você! Balança bastante e vai se esconder!"

Dos castelinhos de areia, montados no parque, até os momentos sérios e concentrados das atividades propostas: considerar que momentos de brincadeira são "muito sérios" também. Precisamos pensar, montar, criar brincando e, brincando, aprender vivenciar o sabor de cada gesto, pois o homem é definido por sua experiência, isto é, "por sua maneira própria de dar forma ao mundo", musicalizando-o. (MERLEAU-PONTY, 1971. p.181).

Musicalizar a ação, os gestos, musicalizar a vida, utilizar-se dos elementos que a compõe e construir conhecimento. Esse se torna o nosso desafio, enquanto educadores.

Sabíamos que a linguagem – música, nos facilita na empreitada do aprender-ensinar-aprender, além de propiciar uma satisfação pessoal. Reportando-se a Nôvoa, Rojas pontua que o profissional é a pessoa representando o seu processo introdutório no triplo A: A de ação, A de adesão, A de autoconsciência daquilo que se quer. E que é necessário que esse profissional observe o seu aluno, em um sentido que:

exprime também o esforço de partilhar experiências e criar uma nova cultura da formação de professores [...] Implica em um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos

_

⁴² "Balança-caixão" - brincadeira de esconde-esconde diferenciada.

próprios, com vistas à construção de uma identidade que é, também, uma identidade profissional (NÒVOA – ROJAS, 1998. p. 69).

Os elementos: ritmo, melodia e harmonia auxiliam, fazendo a metáfora formativa do ser humano, no contexto de construção.

O ritmo - tem sua essência no movimento e é um fenômeno existente em todo o universo. Ele é o elemento vital presente tanto no movimento, quanto na música, quanto na palavra. Todo ser humano é dotado do instinto rítmico, que se manifesta antes mesmo do seu nascimento, através dos batimentos cardíacos e, posteriormente, da respiração ou do ato de falar. Os movimentos rítmicos nascem da expressão própria e traduzem a sensibilidade de cada um.

O ritmo está sempre ligado à vida. Para Willems,

mesmo um ritmo medido, regular, não deve ser encarado como um movimento mecânico, matemático, ou como a realização de um conceito, mas sim, como um movimento natural, vivo. Isto é de importância capital, visto ser o ritmo que dá forma à música, tal como o tronco e os ramos dão-na à árvore"(WILLEMS – CAMARGO, 1994. p. 126)

O movimento da vida. O movimento do humano. O movimento do homem, em uma relação mútua de troca e complemento, logo quando falamos dos movimentos espontâneos descobertos pela criança e não aprendidos por imitação do adulto, é um movimento rítmico. Também o movimento bem coordenado é um movimento rítmico. A organização temporal do movimento é a característica essencial do que, classicamente, chamamos de movimento bem coordenado. Esses movimentos têm um caráter harmonioso e traduzem a unidade de uma personalidade expressiva.

A forma como é vivida a relação com outra pessoa é de importância fundamental no movimento da criança, porque pode bloquear a espontaneidade do seu movimento, do que depende seu caráter harmoniosamente rítmico. A maneira como a mãe intervém a este respeito, determinando horário das mamadas, horário de jogos, de sono, tem uma influência nos ritmos preferenciais espontâneos e no tempo da criança.

O primeiro trabalho de ritmo consiste em deixar expressar o tempo da criança nos seus movimentos durante os jogos espontâneos e as atividades de livre expressão. Ao associar o ritmo às atividades motrizes, o professor estará não só respeitando e exercitando o sentido rítmico natural do aluno, como também

"ajudando a manter sempre viva a possibilidade de ligar-se às diversas fontes de ritmos (da natureza ou do homem), evitando-se a predominância dos ritmos advindos da métrica" (GAINZA - CAMARGO, 1994 p.18) que propõe medida e ordem, que são dirigidos e comandados sob forma mecânica, o que não se associa à proposta da pesquisa.

O ritmo ordena também as formas básicas de locomoção do homem em toda a sua existência, por meio da freqüência, acentuação, espaço, forma, tensão, relaxamento, movimento, repouso, como ilustra a imagem:



Figura 8: Crianças de 5 e 6 anos da Educação Infantil seguindo gestos que a canção propõe.

Fonte: Arquivo próprio da mestranda. Escola do município de Campo Grande/MS – 2004.

A **melodia** - tem sua origem na **afetividade** humana e é o elemento da música que possibilita o reconhecimento da composição executada. Ela está presente no homem, em todo o curso de sua existência, permanecendo impressa em seu ouvido, por meio das suaves canções que o embalaram ainda no berço, pois está diretamente ligada à emoção, como vemos na fala de Almeida:

Estabelece, pois, as bases da inteligência; se identificada com o seu desenvolvimento próximo à afetividade, surge como condição para toda e qualquer intervenção sobre aquela (DANTAS - ALMEIDA, 1999. p.53),

Remetendo o ser humano, inclusive, ao desenvolvimento intelectual. "Significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa" (ibdem, p.90), comprovando que o homem é um ser

integral, não é fragmentado no seu pensar, sentir e agir, mas concentra um conjunto de características, dependentes umas das outras, para o seu sucesso e desenvolvimento integral e feliz. E é necessário que o educador de infância trabalhe sensibilizado a considerar sua criança como Ser integral.

Afetividade na escola é o elemento básico para integralização do ser. Percebemos a presença do afeto na naturalidade do gesto ilustrado pela imagem, tendo a música como linguagem da atividade proposta.



Figura 9: Crianças de 2 a 6 anos na festa de carnaval da escola. **Fonte**: Arquivo próprio da mestranda. Escola do Município de Campo Grande/MS – 2003.

A **harmonia**⁴³ nasce das funções mentais do homem, uma vez que diz respeito à **organização** material de sons combinados e simultâneos, ajustados à melodia e ao ritmo.

Nem todos podem apreciar nosso estilo de música, e eles podem querer fazerem-se de surdos a nós ou ainda nos calarem a boca. Se nós nos esforçamos para realmente ouvir um ao outro, contudo, podemos descobrir que nossa música pode soar bem melhor quando juntas.(LEWIS, 2003. p. 4)

Toda ação conjunta propicia momentos de parceria, trocas e busca de harmonização desse movimento eu/outro.

⁴³ As palavras em negrito aparecem como grifo nosso neste momento, para evidenciarmos os aspectos constitutivos da música ligados aos aspectos do desenvolvimento do homem.

Tanto no Ocidente como no Oriente, o conceito de harmonia é de natureza mental, embora neste último esteja relacionado a princípios e experiências espirituais. Ainda que relacionada ao plano mental, a consciência dos elementos harmônicos pode ser desenvolvida no ser humano desde cedo, por meio de vivências envolvendo os sentidos e a afetividade. Segundo Gainza, (GAINZA, 1977 p.19-20) cada categoria superior contém as inferiores que a precedem. Assim, o ritmo sonoro supõe a existência do som; a melodia supõe ritmo e som; a harmonia supõe melodia, ritmo e som. Da mesma forma, no plano humano, a vida fisiológica supõe a existência de um corpo; o afetivo depende do fisiológico e o pleno desenvolvimento mental - que não deve ser confundido com o intelectual - contém o afetivo e o corporal, possibilitando a percepção do homem como Ser integral na consideração de todos os seus aspectos e a necessidade uns dos outros, em um entrelaçamento de trocas e complementos. A imagem sugere envolvimento criativo, porém o detalhe está em que a atividade é toda construída com a presença da música para favorecer o raciocínio e a reflexão, ajudando a criança na concentração. Ambiente e espaço de trabalho musicalizado, em que os elementos constitutivos da música propõem coordenação (consciência e movimento do corpo no espaço), afetividade (relação comigo e com o outro), e organização (estabelecer as bases de constituir-se definitivamente, elaborar e organizar informações, idéias e conhecimentos que lhe são transmitidos), todos processos naturais e intrínsecos do ser humano como Ser que habita, ser-no-mundo.



Figura 10: Crianças de 4 e 5 anos de idade concentradas montando, brincando, construindo.

Fonte: Arquivo próprio da mestranda. Escola do Município de Campo Grande/MS- 2005

Em uma relação metafórica, podemos dizer que o aspecto mentalcognitivo do homem está diretamente ligado à harmonia da música. O aspecto
afetivo, à melodia. O aspecto motor, ao ritmo. Assim, nos permitimos construir, em
imagem criativa, a relação homem — música como linguagem para o
desenvolvimento integral do ser, representando, simbolicamente, a sinopse deste
estudo, em uma figura de uma atitude pedagógica que se contrapõe ao
compartilhamento de conhecimento — sentido interdisciplinar:

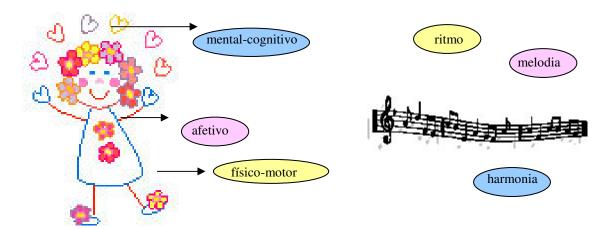


Figura 11: Relação Homem – Música: linguagem para o desenvolvimento integral do Ser.

Fonte: Figuras retiradas do CD Room CLIPART- I.

Logo, a música possibilita à criança, desenvolver aspectos necessários e fundamentais para a sua aprendizagem, interação e relação com o outro, com o mundo e com a realidade, no devir, no desvelar das suas ações, das vivências e percepções, consciências das potencialidades.

2.1 – O PEQUENO SER E O SEU SER EM DESENVOLVIMENTO

Revelam-se diferentes concepções de homem e de mundo, na história do pensamento humano. Essas concepções estão ligadas às experiências dos homens em diferentes épocas históricas e se enraízam no movimento da vida material de uma sociedade, em que o homem vive e pensa sua realidade. O pensar está implícito como uma forma total do Ser, abrangendo o homem em sua totalidade existencial, no seu sentir, pensar e agir, e em sua relação com e no mundo. Sendo assim, o pensamento do homem não pode ser compreendido dissociado de sua época histórica. Todas as concepções procuram uma compreensão total desse homem.

Por um lado, o homem possui a capacidade de reflexão, de compreensão das coisas do mundo e de si mesmo. Na história do pensamento podemos perceber homens que transcendem sua época histórica, sendo capazes de ver além dos limites de suas experiências, vivenciadas em uma determinada realidade. Por outro lado, a razão humana é uma razão situada. O homem pensa a partir de sua facticidade, como

um Ser que vive no mundo, reflete, de certa forma, a sociedade em que vive. Merleau-Ponty (1971) busca a compreensão do homem integral. O homem é um serno-mundo e só pode ser compreendido "a partir de sua facticidade" (MERLEAU-PONTY - GONÇALVES, 1994. p.65). As questões que o homem se coloca de forma radical, ao mesmo tempo em que busca a transcendência, trazem a marca do seu comprometimento com o mundo.

Afirmar o homem como unidade existencial significa compreendê-lo como uma subjetividade, um homem que está aberto ao mundo, sem o qual ele não existe. Não podemos pensar o homem sem o mundo, pois no mesmo se projeta, e nem podemos pensar o mundo sem o homem, pois o homem o constitui e aí, constrói o seu Ser.

O ser humano, ao nascer, já está inserido em uma determinada cultura. Segundo Fiori, essa cultura "é o mesmo processo histórico em que o homem se constitui e reconstitui, em intersubjetividade, pela mediação humanizadora do mundo" (FIORI, 1986. p. 7) e em determinados momentos de vida. Ao longo de seu desenvolvimento, a criança incorpora as coisas do mundo, aprende a simbolizar suas experiências, a desenvolver sentimentos em relação a pessoas e coisas, e a agir em seu meio, que é transformado a partir de suas ações. Na interação com o mundo, o indivíduo vai construindo sua personalidade, formando sua identidade pessoal e desenvolvendo sua inteligência, que, segundo Wallon, (1993) "é, em grande parte, função do meio social", para que ele possa vivenciar, "para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio"(WALLON – ALMEIDA, 2001. p.51).

A música, simbolicamente contextualizada, é linguagem expressiva de formação da criança, pois com ela vê-se facilitada a expressão corporal, linguagem que o homem utiliza para se comunicar e, muitas vezes, se fazer entender.

Cada homem constitui-se em seu momento de vida presente com valores, crenças, maneiras de relacionamentos. Com formas de sentir, pensar, expressar sentimentos e agir, acumulados no desenrolar do processo de desenvolvimento, desde criança.

Nos primeiros momentos, meses e anos de vida, cada toque, movimento e emoção sentidos por uma criança traduzem-se em uma explosão de atividades elétricas e químicas no cérebro, uma vez que bilhões de células estão se organizando

em redes que requerem trilhões de sinapses⁴⁴ entre si. Girade, mostrando-nos que é na infância o momento de trabalhar as competências sociais das crianças, com experiências que as permitam vivenciar a afetividade, o prazer, a ludicidade. (GIRADE - SHORE, 2000 p.15)

Nesses primeiros anos da infância, experiências e interações com os pais, os membros da família e outros adultos influenciam a maneira como a mente de uma criança se desenvolve.

A educação deve ser ativa, "recheada" de afeto, concentrada sobre a criança que aprende. Não é individualista. Pelo contrário, o desenvolvimento mental efetua-se na sociedade. É trocando seu ponto de vista com o dos outros, vivenciando experiências com os outros, especialmente sob a influência positiva e orientação dos adultos, pais e educadores de infância, que são os primeiros formadores desta criança, que elas aprendem as coisas do mundo.

A maneira como a criança se desenvolve durante esse período prepara terreno para o sucesso posterior na escola, para a sua adolescência, e na idade adulta, fato este que se torna evidente em estudos e discussões anteriores, como podemos perceber com Ariès (1986), quando afirma:

Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto rico e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também a sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central da família (ARIÈS, 1986. p.164).

Tal fala nos remete a uma preocupação atual. Consideramos a importância do acompanhamento, da educação e a boa formação na fase inicial. Essa preocupação nos remete a possibilitar e oferecer às crianças uma educação integral e prazerosa, momentos de ludicidade, brincadeiras, descobertas e autonomia, que a música proporciona.

Estudos atualizados vêm demonstrando que a música afeta o corpo físico do homem, a tal ponto que é difícil encontrar uma única função orgânica que não sofra a influência dos tons musicais. A biologia vem descobrindo que as terminações dos nervos auditivos não se restringem somente ao ouvido interno, mas que existe percepção auditiva subliminar em toda rede nervosa; isto justifica o porquê da própria ciência afirmar que não existe surdez total.

-

⁴⁴ Sinapses - conexões das células cerebrais.

Experiências relativamente recentes evidenciam que a ação da música influi na digestão, nas secreções internas, na circulação sangüínea, na nutrição e na respiração e que até mesmo os neurônios do próprio cérebro são diretamente sensíveis aos princípios harmônicos. Dessa forma, podemos dizer que todo o corpo é afetado, de acordo com a natureza da música, cujas vibrações incidem sobre ele.

A música afeta o corpo de duas maneiras distintas: diretamente pelo efeito de ressonância sobre as células e os órgãos, e, indiretamente, sobre as emoções, que, por seu turno, influenciam numerosos processos corporais. Estamos nos referindo à música orquestrada, mas ao considerarmos a música cantada, levamos em conta a influência condicionada pelas mensagens das palavras.

Os fatos recentes, descobertos por neurologistas e psicólogos, provam que, como a criança se desenvolve, aprende e cresce, depende em uma crítica e contínua relação entre a natureza (ou carimbo genético) e os cuidados (o que cerca a criança, cuidados, estimulação e outros aprendizados).

Segundo Wallon,

as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinada na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potencial, por seu intermédio, a reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico.(WALLON, 1994. p.124)

Essa mistura leva à descoberta de um Ser integral, como nos remete o autor, um Ser integral que não é fragmentado e que interage no e com o mundo.

No quadro abaixo, apresentamos alguns aspectos do desenvolvimento da criança, relacionados à faixa etária à qual devem ser trabalhados:

Quadro 1 - Desenvolvimento do Cérebro, Momento de Oportunidade:

ASPECTO	IDADE
* Período crítico, ou momento de	*Até alguns meses após o
oportunidade para se desenvolver a visão.	nascimento
* A estabilidade emocional é grandemente	
afetada em como o cérebro se desenvolve	*2 anos
nos primeiros	
* Potencial do vocabulário emocional é	
determinado por palavras filtradas antes da	*3 anos
idade de	
* As bases neurológicas para a matemática	*4 anos
e lógica são assentadas antes de	

Fonte: Relatório do Seminário realizado em Campo Grande, MS, em maio/2002 – do Projeto Crescendo Família. Palestra proferida durante o seminário, pelo médico Halim Girade, consultor do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Nessa fase da infância, a criança precisa receber os estímulos necessários ao seu desenvolvimento, sendo a experiência, as vivências fundamentais nesse momento, pois desempenham um papel crucial no "circuito cerebral" dessa criança. Nos anos iniciais, o cérebro infantil forma duas vezes mais sinapses do que eventualmente precisarão e, se não forem preenchidas, serão descartadas com o passar dos anos. Como podemos observar nas figuras a seguir:

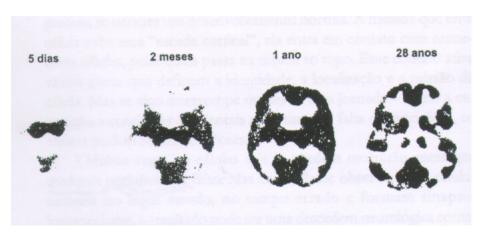


Figura 12 – Tomografias do cérebro em variadas fases do desenvolvimento.

Fonte: SHORE, Rima. Repensando o Cérebro, novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 2000. p. 56.

Estas tomografias sugerem que o cérebro de um bebê com um ano de idade relembra mais o de um adulto, do que o cérebro de um recém nascido. (SHORE, 2000. p.56), e que, conforme cresce, ele diminui sua capacidade de compreensão e assimilação das coisas.

Alguns estudos nos revelam que o pensamento sobre o desenvolvimento humano tem mudado. Em um primeiro momento apresentava-se como dependente apenas de fatores fisiológicos, e hoje temos estudos que comprovam que o desenvolvimento humano depende não apenas de fatores fisiológicos, mas também de estímulos externos, considerando o Ser integral, carregado do seu sentir, pensar e agir, como podemos ver a seguir:

Quadro 2 – Pensamento Antigo e Pensamento Novo Sobre o Desenvolvimento do Cérebro.

PENSAMENTO ANTIGO	PENSAMENTO NOVO
Como um cérebro se desenvolve depende	Como um cérebro se desenvolve
dos genes com os quais se nasce.	depende de uma complexa interação
	entre os genes com os quais se nasce e
	as experiências que se tem.
As experiências que se tem, antes dos três	As experiências iniciais ajudam a
anos de idade, exercem um impacto	formar a arquitetura cerebral, e na
limitado no desenvolvimento posterior do	natureza e extensão das capacidades
cérebro.	adultas.
Uma relação segura com um "cuidador"	As interações iniciais não apenas
principal cria um contexto favorável para	criam um contexto; elas afetam
o desenvolvimento e aprendizado iniciais.	diretamente a forma como o cérebro
	se desenvolve.
O desenvolvimento cerebral é linear: a	O desenvolvimento cerebral não é
capacidade de o cérebro aprender e mudar	linear: há "períodos preciosos" para se
aumenta de modo regular à medida que	adquirir diferentes tipos de
um bebê progride em direção à idade	conhecimento e habilidades.

Fonte: SHORE, Rima. Repensando o cérebro, novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 2000. p.52

Há amplo consenso quanto ao fato de que, durante a primeira infância, o cérebro desenvolve-se a uma velocidade que nunca mais será igualada. Reportandose a Aristóteles, Carneiro nos diz:

Aristóteles mostrava a idéia de que o desenvolvimento harmônico da personalidade da criança, atribuído ao período da educação pré-escolar, tem um papel decisivo na formação da sua personalidade. Chamava, ainda, a atenção para as etapas anteriores aos sete anos, dividindo-as em duas fases. A primeira, de dois a cinco anos, período em que não podia se exigir da criança, nem trabalho intelectual, nem atividades que, de alguma forma, impedissem o seu desenvolvimento. Importante era desenvolver a perícia do corpo valendo-se de contos e jogos. A segunda, dos cinco a sete anos, consistia em um período em que a criança deveria assistir, como espectador, às atividades que mais tarde realizaria enquanto participante, começando, aí sim, a se dar importância à aprendizagem formal. (CARNEIRO, 2001. p. 11).

Como a roda que gira, a criança é um Ser de muita vivacidade, dinamismo, disposição, e necessita de desafios que a possibilite vivenciar cada experiência, experimentar cada vivência, e assim, aprender, pois como nos diz Rojas, "hoje não queremos a criança apenas no seu contorno, mas sim no seu ato criativo" (ROJAS, 2004, p. 36), que considera a necessidade do lúdico, da expressão motora, da brincadeira, da vivência dos jogos no processo de aprendizagem.

Os neurocientistas têm mostrado que, no decorrer de todo o processo de desenvolvimento, começando mesmo antes do nascimento, o cérebro é influenciado por condições ambientais, incluindo o tipo de criação, cuidado, ambiente e estimulação que o indivíduo recebe.

Muitas vezes, a noção de "montagem" ou "circuito" é usada para descrever a rede complexa do cérebro. O funcionamento cerebral depende da passagem rápida e eficiente de sinais de uma parte do cérebro à outra. Precisa-se ter uma rede bem organizada. Os blocos de construção dela são as células cerebrais (neurônios) e as conexões (sinapses) que os neurônios formam com outras células cerebrais. Essas ligações (sinapses) são vitais para o desenvolvimento e o aprendizado saudáveis: elas se unem para formar os caminhos neurais. Quando um indivíduo interage com o meio – reagindo a estímulos, recebendo informações, processando-as ou guardando-as – novos sinais correm por esses caminhos neurais. Em termos usados pelos neurocientistas, tanto esses como as sinapses formadas pelos neurônios, são ativados. (SHORE, 2000. p. 9)

Conforme Shore (SHORE, 2000. p. 10-11), ocorre um aumento muito rápido na produção de sinapses durante os três primeiros anos de vida. Esse número aumenta com uma rapidez incrível, até a criança atingir os três anos e, então, permanece inalterado no decorrer da primeira década de vida. Em conseqüência, um

cérebro infantil torna-se muito denso, com o dobro das sinapses de que vai precisar futuramente.

O desenvolvimento cerebral é, portanto, um processo de poda⁴⁵. É por isso que a experiência inicial é tão importante: aquelas sinapses que tinham sido reforçadas pela experiência repetida tendem a se tornar permanentes; e as que não foram usadas constantemente, nos anos iniciais, tendem a serem eliminadas, como podemos perceber nas figuras a seguir:

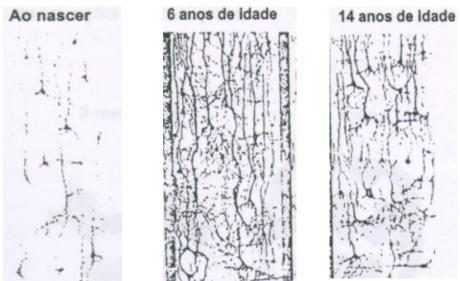


Figura 13 – Lâminas que demonstram as sinapses que ocorrem no cérebro: ao nascer, aos seis anos de idade e aos quatorze anos de idade. **Fonte:** SHORE, Rima. Re-pensando o Cérebro. 2000, p.54. Desenhos fornecidos por H. T. Chugani.

Segundo Shore, "as sinapses são criadas com uma velocidade incrível nos três primeiros anos de vida. Ao longo da primeira década, os cérebros infantis têm duas vezes mais sinapses do que os adultos" (SHORE, 2000 p.11).

2.2 – O PEQUENO SER E SUAS NECESSIDADES

A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento da criança; desde o seu nascimento, desperta processos internos que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com o outro.

O pensamento de Vygotsky (1987) nos mostra a idéia de que o ser humano se constitui na sua relação com o outro. A cultura torna-se parte da natureza

.

⁴⁵ A palavra poda foi retirada do livro de Shore, 2000.

humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem. As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano fundamentam-se em sua idéia de que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem; na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente. O ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais.

O autor também destaca outras idéias em relação ao desenvolvimento humano, o que diferentes culturas produzem modos diversos de funcionamento psicológico. Assim sendo, grupos que não tem acesso à ciência para construção do conhecimento nessa área, não sabem, portanto, definir seus conceitos científicos, mas seus conhecimentos e sua prática funcionam com base nos conceitos espontâneos, que se fundamentam nas situações concretas e nas experiências pessoais. Então, as diferenças qualitativas no modo de pensamento dos indivíduos de diferentes grupos culturais, estão baseadas no instrumento psicológico, vindo do modo de organização das atividades de cada grupo.

Dentre os fatores biológicos e sociais, Vygotsky aponta dois caminhos no desenvolvimento psicológico, que são o conhecimento do cérebro e suas atividades psicológicas, e a cultura como parte essencial da constituição do ser humano, num processo em que o biológico se transforma em sócio-histórico.

Portanto, o cuidado inicial e a criação têm um impacto decisivo de longa duração, em como as pessoas se desenvolvem, em sua capacidade de aprender, e em sua habilidade para regular as próprias emoções de viver no mundo e, no mundo, construir história e fazer história. A maneira como os pais, a família, os educadores de infância e outras pessoas do convívio, relacionam-se e respondem às crianças pequenas, e a forma como eles medeiam o contato com o ambiente, afetam diretamente a formação de caminhos neurais. A capacidade de uma criança, para controlar suas emoções, parece depender, de modo significativo, dos sistemas biológicos moldados por suas experiências prévias (iniciais), considerando, por sua vez, que "todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção" (MERLEAU-PONTY, 1971. p. 214), que se dá pelo sentido do corpo na relação homem-mundo. Homem e mundo, carregados de significados, afetividade, concretude, movimento, vida, movimento da vida, pois

o cérebro humano tem uma capacidade incrível de mudar. Há grande evidência da neuroplastia cerebral. Isso significa que o cérebro tem a capacidade de moldar-se de maneiras diferentes, em resposta à experiência. Tal evidência mostra que o cérebro não é uma entidade estática e que as capacidades de uma pessoa não estão fixas, ao nascer. (SHORE, 2000. p.11).

A autora interpreta que o próprio cérebro pode ser alterado – ou auxiliado a adaptar-se para a resolução de problemas. Entretanto, a habilidade do cérebro para mudar e recuperar funções perdidas, é especialmente notável na primeira década de vida. Daí a importância dos cuidados necessários à criança, em suas fases iniciais.

Como o cérebro tem a capacidade de mudar, há muitas oportunidades para se promover e apoiar o crescimento e o desenvolvimento saudáveis das crianças, desde os anos iniciais, proporcionando a elas vivências lúdicas, autonomia, experiências que possam ser vividas. Assim, possibilitar ao coração, o querer que ele quer; aos pés, o pulo que eles desejam; ao corpo, o exercício que ele almeja e precisa. Para a mente, o conhecimento necessário. E na ação, a liberdade garantida, para que cada Ser pequeno seja o pequeno ser-no-mundo.

Por isso, é preciso investir na educação infantil. Os direitos da criança e a causa do desenvolvimento humano são razões incontestáveis para justificar o investimento nos primeiros anos da infância.

Mesmo nunca sendo tarde para intervir em favor da qualidade de vida de uma criança, quanto mais cedo essas intervenções ocorrerem, mais significativos serão os efeitos sobre seu desenvolvimento e aprendizado.

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço, não podem deixar de exercer uma ação determinada na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potencial, por seu intermédio, à reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 1994, p.124)

Considerando o ser humano como Ser integral, portador da necessidade de integrar seus aspectos uns aos outros. Segundo a Constituição de 1988, a Educação Infantil é um direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família, e a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), de 1996, passou a fazer parte do sistema educativo, sendo a primeira etapa da educação

básica, a ser desenvolvida na Educação de Infância, propondo, como afirma Ferraz e Fusari:

uma pedagogia mais realista e progressista, que aproxime os alunos do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. (FERRAZ & FUSARI, 1992. p.49)

Desta forma possibilitando não apenas vivenciar, mas comprometer-se como Ser integrante dessa cultura. Surge, então, novos interesses e descobertas, quanto às necessidades na formação infantil, percebendo-se que a produção artística, as linguagens e expressão da sociedade precisam ser usadas como referências nas práticas escolares.

Assim, desde 1980, muitos educadores de infância vêm construindo uma proposta de trabalho que garanta os cuidados e a educação das crianças de 0 a 6 anos, respeitando as suas características, o seu direito à brincadeira, a sua cultura, enfim, um trabalho educativo do pequeno Ser, com qualidade, uma educação que caminhe em direção à busca de uma personalidade que, como expressa Heller: "auto-realizase nas tarefas apresentadas pelo mundo e é rica em sentimento." (HELLER, 1989 p.13), sentimento este que é responsável na construção do pequeno Ser e que

Não é uma mera decoração das emoções, qualquer coisa que possamos guardar ou deitar fora. Os sentimentos podem ser, e geralmente são, revelações do estado da vida dentro do organismo. Na existência do dia a dia, os sentimentos se revelam simultaneamente, a nossa grandeza e a nossa pequenez.(DAMÁSIO, 2003. p. 17)

Esta afirmativa norteia a formação do pensar sobre a criança, a certeza da necessidade de percorrer caminhos que proporcionem prazer, e, consequentemente, levem à aprendizagem, pois tudo o que é bom, guardamos em nossa mente, em nossas lembranças, e tudo o que é dor, desgaste, cansaço, tentamos apagar ou não reviver mais.

O espaço educativo deve ser um espaço de aprendizagem para as crianças e adultos, um espaço para a pluralidade e diversidade cultural, um espaço em que não haja lugar para a discriminação e o preconceito, onde tudo o que se ensina deve ser carregado de significado, e ensinando uma coisa de cada vez, com autonomia e prazer.

Basta que os sentidos dos educadores estejam alerta, procurando ver, cheirar, tocar, apalpar, ouvir, pegar, medir, desenhar, falar, cantar, contar, comparar,

enfim, experimentar a maravilhosa aventura de construir conhecimentos a partir dos sentimentos: aprender e ensinar por meio da afetividade é o que a vivência da música proporciona. Buscar, no cotidiano das instituições de educação, explorar ao máximo, as atividades que proporcionem prazer, curiosidades, descobertas, interação entre os alunos e entre criança e adulto. Para tanto, metodologias acompanhadas de música, brincadeiras, pesquisas, conversas, perguntas e respostas.

Como diz Freire, desenvolver a educação de maneira integral é a tarefa "para os educadores favoráveis a um processo libertador" e que pode ser realizada "através de diferentes tipos de ação educacional" (FREIRE, 1986. p. 220), fazendo-se necessário ao educador de infância, uma postura que ultrapasse o simples ato de olhar. Permitir-se adentrar, olhando com o coração, para que se possa compreender o prazer que a criança revela ao explorar, pesquisar, criar com a natureza, com os sons, com as cores e o movimento que a vida reflete. Movimento este, que se revela na cognição e no afeto, pois se entrelaçam e se completam, dando sentido um ao outro. É isso que significa a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, ou seja, considerar o aluno como um todo nas diferentes dimensões: biológica, afetiva, social, cognitiva, cultural, e que estão diretamente ligadas aos aspectos da música: ritmo, melodia e harmonia.

Os desafios no trabalho com a educação são enormes: provocam uma mistura de angústia, medo, prazer, compaixão, tristeza, esperança, descobertas, curiosidades, dúvidas, perplexidade, revolta, desânimo, alegria. A utilização da música como dispositivo pedagógico no educar infantil contribui para o entendimento e a superação desses desafios, porque possibilita a interação mais espontânea na lida com essas sensações. A música lida com o Ser total do homem, realidade que ela não pode ignorar.

Com a atividade expressiva, não é uma atividade mecanizada, mas flui de dentro, da união com a subjetividade que a anima. O uso da música deve ter o objetivo não de levar o aluno à adaptação, mas sim, a "participar, desadaptar-se e recriar" (FIORI 1986. p. 9), para que a criança possa Ser-no-mundo com seu corpo, que significa movimento, busca e abertura de possibilidades. Penetrar nesse mundo e, a todo o momento, criar o novo, uma vez que "o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para uma pessoa viva, juntar-se a um meio definido, confundir-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles" (MERLEAU-PONTY, 1975. p. 95), pois "há uma relação do meu corpo consigo mesmo, que o

transforma no vinculum do Eu com as coisas", possibilitando essa inter-ação necessária e natural do homem no mundo, com o outro e consigo mesmo (Ibdem p. 247).

Percebemos este "vinculum" do eu na fala complementar de Heller: "o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos da sua individualidade, da sua personalidade. Nele, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias" (HELLER, 1989. p. 16-17), ele apresenta-se como Ser integral e, integrando, faz história, a história do homem, do seu movimento no aprender e no amar.

Se a educação é um direito das crianças, as escolas devem ser espaços educativos privilegiados para que os alunos vivam plenamente sua infância, cantando, dançando, brincando, trocando experiências vividas, aprendendo; sendo auxiliadas e orientadas nas suas necessidades básicas; inter-agindo com todos; aprendendo e ensinando; criando e inventando; trocando idéias, valores e conhecimentos; enfim, participando de sua cultura, no movimentar da vida.

O Centro de Educação Infantil deve ser lugar privilegiado para o acesso e a ampliação de conhecimentos da cultura e do social, e é nesse ambiente, que combina educação e cuidados, que nossos alunos irão tornar-se indivíduos efetivamente críticos e autônomos, considerando o pequeno Ser como um ser total que pensa, sente e age.

A criança e o conhecimento se relacionam através da interação social. A inteligência não é herdada geneticamente, nem transmitida pelo ensino, mas sim, construída pelo ser humano desde o seu nascimento, por meio de suas interações com o outro, com os objetos, situações e fatos, assim como afirma Merleau-Ponty (1975), quando diz: "Percebo primeiro uma outra sensibilidade e somente a partir daí, um outro homem e um outro pensamento" e posso, a partir daí, no desvelar dos sentimentos, criar, re-criar, produzir, re-produzir, conhecer, re-conhecer e inter-agir.

A criança, nessa concepção, é compreendida em sua totalidade, considerada como um ser multideterminado, que está inserido em uma cultura, utilizando-se de suas ferramentas para apropriar-se da história da humanidade, ao mesmo tempo em que aperfeiçoa, inventa e a re- inventa, no movimento dialético.

A aprendizagem, sob essa ótica, está intimamente ligada ao desenvolvimento, processo construído em constante interação com a mesma. Por

isso, é fundamental a intervenção mediadora do educador, atuando naquilo que o aluno consegue fazer com a ajuda de outros, e que, posteriormente, terá condições de realizar com autonomia. Assim, todos os alunos são considerados capazes de fazer e aprender, como propõe Froebel (2001), quando orienta os educadores:

Tende a dar ao menino o conhecimento e a consciência da natureza e da vida interna das coisas e de si mesmo; ensina-lhe as relações que existem entre as coisas, as relações dessas com o homem e também com Deus, fundamento vivo, unidade consciente de todas elas. Assim, a finalidade do ensino consiste em fazer com que o aluno se dê conta da unidade de todas as coisas e de que todas existem, descansam e vivem em Deus, para que, assim compreendendo, possam ajustar-se a essa consideração os atos e as práticas de sua vida. O meio, o caminho para chegar ao objetivo do ensino não é outro que o ensino mesmo. (FROEBEL, 2001. p.86)

Considerando as suas relações e mediações com o entorno e com a teia de mecanismos do interior de cada um. O educador, ao conhecer a criança, pode compreendê-la e centrar a ação pedagógica de maneira contundente e firme, na formação de indivíduos livres, críticos, conscientes e participantes da sociedade, interagindo, construindo e (re) significando conhecimentos. A utilização da música como dispositivo pedagógico, foco dessa pesquisa, com professores de Educação de Infância, é um dos caminhos que pode e deve ser explorado para a formação da criança, por ser um possibilitador do desenvolvimento integral.

Assim, ora professora, ora criança, a Menina se deslumbra em meio a tantas coisas, informações, estudos, do curioso, infinito e perfeito desenvolvimento do cérebro humano, ao encantador mundo das brincadeiras cantadas, das cantigas de roda, do vivenciar musicalizado carregado de sentimento e afeto, até que surge ao longe uma voz bem fininha, que faz um convite:

- Vamos brincar?

"Ciranda, cirandinha, vamos cirandar?"

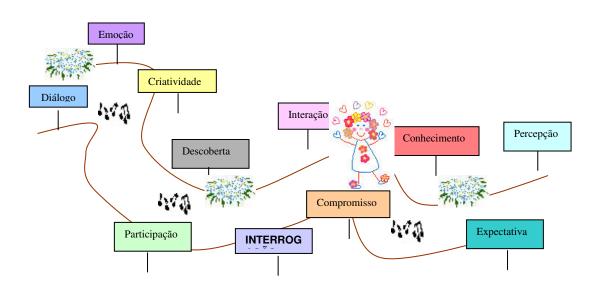


Figura 14: O caminhar no aprender

Fonte: Montagem feita pela mestrando autora desta pesquisa utilizando o Word e Clipart

[&]quot; Quando a gente muda, o mundo muda com a gente. A gente muda o mundo na mudança da mente! (GABRIEL PENSADOR, 2003)

MOMENTO III

DA APRENDIZAGEM: RETOCAR, FALAR, MUSICALIZAR, MOVIMENTAR, EXPRESSAR O SER.

- Sim, você. Vamos brincar?

Convidam as crianças.

- Brincar de cantar, de voar, de ser borboleta, brincar livremente sem compromissos de gente grande.
- Gente grande é séria, não tem tempo pra nada, assiste o jornal, acorda cedo, chega tarde, não se agacha, nem sorri. Não gosta de entrar na roda nem na nossa brincadeira que precisa de gente que sonha, que respeita as regras. Sim, nossa brincadeira tem regras!
- Gente que sabe entrar no mundo da imaginação, que deita no chão, rola e sai correndo, cuida de um passarinho, que recita um verso e canta uma canção.
 - Vamos brincar?
- Sim, você Menina! Você que virou gente grande, mas que ainda sabe brincar! Vem brincar com a gente!

Assim, a Menina entra na roda e volta aos seus cinco anos de idade, tentando brincar, cantando igual passarinho na brincadeira de roda, no "correcutia" que acaba com o "lencinho no chão", que "numa folha qualquer se desenha um sol amarelo, e com cinco ou seis retas, fica fácil fazer um castelo" O castelo dos sonhos, da princesa, do monstro mau, da fada madrinha, onde tudo pode acontecer em cada momento. A Menina se delicia, viaja, se deixa levar nesse mundo da fantasia e tenta compreender as coisas desse mundo tão sério, quando se vira gente grande. Um mundo tão bonito, com a natureza colorida, alegre, mas cheio de gente triste, pensava...

Pensar o homem e sua realidade, buscando compreender o sentido da vida humana, não é uma tarefa fácil. Essa compreensão tem como ponto de partida uma experiência de ser-no-mundo, experiência fundamental para o homem em sua

⁴⁶ "Corre-cotia" - brincadeira de roda, musicalizada.

⁴⁷ Música "Aquarela" – Toquinho.

totalidade existencial. Os conceitos e a linguagem tornam-se limitados para expressarmos uma experiência que envolve o homem como um Ser que sente e age e não apenas como um ser pensante. Nessa experiência, sentir, pensar e agir não podem estar dissociados, sendo possível compreendê-los separadamente apenas por meio de conceitos. Na obra Emílio, Rousseau (1979) afirma: "existir, para nós, é sentir nossa sensibilidade, é anterior à nossa inteligência", (ROUSSEAU – GONÇALVES, 1994 p.53) pois é o sentir que carrega de significados os conceitos, as palavras, a linguagem, a comunicação do homem.

O ser humano orienta suas ações em função da sua percepção da situação, dos significados subjetivos e intersubjetivos atribuídos às coisas do mundo, no desenrolar da sua história pessoal e social.

Para a música é importante essa visão subjetiva do homem e também a compreensão de que as ações motoras têm um sentido subjetivo, enraizado na história individual de cada um, ao mesmo tempo em que possui um sentido intersubjetivo, que se configura ao longo do processo de história do ser-no-mundo. Assim, o professor, ao orientar as ações motoras de expressão e musicalidade dos alunos, deverá levá-los a vivenciar autênticas experiências, em que o aluno forme seus próprios significados de expressão, que ele envolva sua musicalidade com sua subjetividade, que ela se torne sua e brotem num devir⁴⁸ de sua interioridade.

Conforme as perspectivas segundo as quais atua na realidade, a subjetividade humana é capaz de criar, para si, muitos mundos. Esses mundos possíveis se definem e se estruturam a partir do mundo real, onde se apóiam. Assim, em todas as nossas experiências individuais, estão presentes hábitos, costumes, idéias, formas de sentir, crenças e valores de uma sociedade, em uma determinada época, que, em cada caso particular, são vivenciados e expressos de forma singular, mas revela o comum, o real com que são tecidos os nossos mundos.

Merleau-Ponty, (1994) referindo-se ao fato de podermos falar sobre a palavra, afirma a existência de um "privilégio da razão". No entanto, isso não deve ser compreendido como uma razão soberana que se apossa do mundo. A linguagem, ao mesmo tempo em que é a expressão mais alta do espírito, é a maneira de o homem existir no mundo como Ser sensível e social.

-

^{48 &}quot;Devir" – vir a ser, tornar-se.

O sentido das coisas no mundo transborda o sentido dos conceitos. Ao mesmo tempo em que a palavra traz em si um sentido compartilhado, renova-se em cada momento, criando um novo sentido

é necessário, pois, reconhecer como um fato último esta força aberta e indefinida de significar, quer dizer, ao mesmo tempo, apreender e comunicar um sentido, pelo qual o homem se transcende, em direção a um comportamento novo ou em direção ao seu próprio pensamento por meio de seu corpo e de sua palavra, musicalizada ou não (MERLEAU-PONTY - GONÇALVES, 1994. p.94).

A linguagem é o lugar do encontro do individual com o social. É o elemento de articulação da minha interioridade com a interioridade do outro. Por meio dela, o homem assume-se como Ser social. É também uma forma do homem ultrapassar, de certo modo, sua temporalidade e sua espacialidade, pois, pela linguagem, ele comunica suas intenções futuras e realizações possíveis, numa dimensão humana de importância fundamental na transformação da sociedade. Possibilita ação comunicativa, numa forma de práxis humana, com um grande potencial transformador na luta pela libertação deste homem.

Para Vygotsky (1988), a linguagem é a expressão da idéia, o colocar-se do homem, que surge após seu pensamento e a formulação das suas idéias e que acontece de maneira abstrata. O homem é um animal social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. Que os outros animais possuem voz e, com ela, exprimem dor, prazer, mas que só o homem possui a palavra e, com ela, exprime o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o verdadeiro.

Rousseau considera que a linguagem nasce de uma profunda necessidade de comunicação: "desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicarlhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isto." (ROSSEAU, 1987. p.259)

A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com o outro, da vida social e política, do pensamento e das artes. Ela revela nosso corpo como expressivo e significativo, os corpos dos outros, como significativos e expressivos, as coisas, como expressivas e significativas, o mundo, como dotado de sentido e o pensamento, como trabalho de descoberta do sentido. As palavras têm sentido e criam sentido, como escreve Merleau-Ponty (1980):

A palavra, longe de ser um simples signo dos objetos e das significações, habita as coisas e veicula significações. Naquele que fala, a palavra não traduz um pensamento já feito, mas o realiza. E aquele que escuta, recebe, pela palavra, o próprio pensamento. (MERLEAU- PONTY - GONÇALVES, 1994. p. 96)

A linguagem nasce por imitação da voz, dos sons da natureza. A linguagem nasce por imitação dos gestos que, pouco a pouco, passaram a ser acompanhados de sons, que se tornaram palavras. A linguagem nasce da necessidade de fome, sede, a necessidade de abrigar-se, proteger-se, que levaram à criação das palavras. A linguagem nasce das emoções, como o grito do medo, do choro, do riso, como expressa Rosseau:

Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera, que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes...Eis porque as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas. (ROSSEAU, 1998. p.266)

A linguagem, nascendo das paixões, foi primeiro, linguagem figurada, e, por isso, surgiu como poesia e canto. Assim como a pintura nasceu antes da escrita, assim também os homens primeiro cantaram seus sentimentos e, só depois, exprimiram seus pensamentos.

É possível que a linguagem tenha nascido de todas essas necessidades, e os estudos em Psicologia Genética (percepção, imaginação, memória, linguagem e inteligência nas crianças) mostram que uma criança se vale de todos esses meios para começar a exprimir-se. É um processo natural. Uma linguagem se constitui, quando passa dos meios de expressão aos de significação. Um gesto ou um grito exprime surpresa, palavras e frases, significam o que é surpreender-se, dão conteúdo ao sentir, às sensações do meu corpo.

A música, como linguagem, deixa explícita em seus objetivos, a articulação do gesto, da expressão, com a palavra, buscando a harmonia do humano enquanto Ser de sensibilidade, como expressa Dowell quando diz que a "música é uma linguagem, mas uma linguagem do intangível, uma espécie de linguagem da alma" (DOWELL – ELLMERICH, 1977. p.15) que possibilita emoções.

Em sua obra "República", Platão (1949) considera o grande valor da música e da ginástica, reconhecendo a teoria que as concebia, como elementos básicos da educação, elemento que, como linguagem, organiza a roda do aprender com a criança como numa "ciranda de mãos dadas, na construção do conhecimento"

(ROJAS,1998. p. 60). Uma vez que a ciranda requer socialização, movimento conjunto, direção.

Merleau-Ponty (1971) expressa que "o corpo é o veículo do Ser no mundo, e Ter um corpo é, para uma pessoa viva, juntar-se a um mundo definido, confundir-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles," (MERLEAU-PONTY – GONÇALVES, 1994. p.102) comprometendo-se, cada qual, com a sua caminhada.

Ser-no-mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e ao devir do mundo, vivenciando o corpo na intimidade do Eu: leveza, elasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com um corpo significa também estar vulnerável e estar condicionado às limitações que o corpo nos impõe pela sua fragilidade e suas limitações.

Significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, do isolamento e do comprometimento. É tomar consciência de que também sou meu corpo, um corpo que fala, que canta, que sente, se expressa, se comunica, e que, como parte integrante da natureza que apresenta seu processo na caminhada, nasço, cresço, aprendo, me debilito nas minhas funções vitais, e morro. Esta consciência é a sabedoria que adquirimos sobre a vida.

Nesse raciocínio, ao privilegiar as capacidades cognitivas do aluno, a escola perpetua o encontro entre o mundo da razão e o mundo da sensibilidade. Ser autêntico é assumir toda a razão do seu Ser, percebendo que razão e sensibilidade não estão dissociadas, mas integradas numa totalidade circular, em um processo de interação de um Ser que é preciso ser considerado de maneira integral.

O processo educativo, ao superar esse encontro, caminha em direção ao todo, à busca de uma personalidade unificada que, na expressão de Heller,(1982) "auto-realiza-se nas tarefas apresentadas pelo mundo, e é rica em sentimento." (HELLER - GONÇALVES, 1994. p. 132).

Essa vivência se faz rica a partir de um trabalho interdisciplinar efetivado pelo educador. Esse trabalho surge da atitude, da disposição, da prestatividade na postura do educador, é um "comprometimento com a totalidade" (FAZENDA,1994. p.91), pois não é uma prática de algo pronto, repetido ou uniforme, como podemos perceber na fala de Fazenda:

Cada movimento interdisciplinar é como cada momento vivido – único, por isso surge a quem ele participa (leitor) outros movimentos, também interdisciplinares, portanto, únicos. Falar de movimento interdisciplinar não é, pois, dizer de modelos, mas de possibilidades, que se iniciam no pesquisado e a partir dele podem se transmutar em múltiplas formas e atos. (FAZENDA, 1994. p. 65)

A perspectiva da busca de uma Educação transformadora é o reconhecimento da sensibilidade como vivência do homem, como presença fundamental no ato educativo. Sugere o "toque". Toque musicalizado, que inspira e impulsiona o gesto expressivo do Sentir, transparente na fala de Meireles:

Eu canto porque o instante existe não sou alegre nem triste:
Sou poeta
Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.
Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
Não sei, não sei.
Não sei se fico ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
mais nada.

Mesmo sendo correto afirmar que uma criança dotada de um ouvido sensível apreende com maior facilidade, é necessário considerar, por outro lado, os resultados obtidos por meio do interesse pela música, da sensibilidade emocional e afetiva, ou, ainda, da presteza intelectual.

Destarte, a necessidade do som ser vivenciado a partir de experiências sólidas, concretas, contando com o auxílio de situações que favoreçam o desenvolvimento da capacidade de discriminação auditiva. Utilizar-se do próprio corpo na emissão de sons, sucatas e recursos naturais, tornando a auto-educação do ouvido uma vivência comum a todos.

De acordo com Kiefer,(1973) "toda e qualquer esquematização nunca traduz a realidade, que é sempre mais ampla e complexa" (KIEFER - CAMARGO, 1994. p. 28), é a vivência que nos aproxima do real e nos leva ao conhecimento através do sentimento. Ainda que partilhemos do mesmo pensamento, utilizaremos deste recurso, dividindo as causas que originam ritmo musical em três grupos: a)

⁴⁹ MEIRELES. Cecília. **Melhores Poemas**. São Paulo: Editora Global. 1984.

psicossomáticas - o andar, o ritmo fisiológico, o ritmo da língua, o ritmo do desenvolvimento do homem. b) exteriores – fenômenos da natureza, como fortes ventanias, movimento das marés, ruídos dos animais. c) artificiais – não se originam nem do homem, nem dos fenômenos da natureza, é a produção eletrônica dos sons música eletrônica. (Ibdem p.28)

Nas causas psicossomáticas, que são as que nos atentaremos neste estudo, temos: o andar que acontece na permanência de um dos pés sempre em contato com o chão, enquanto que o outro se mantém no ar, num movimento alternado de peso e apoio, e que começa a desenvolver-se na criança, geralmente a partir do primeiro ano de idade.

O ritmo do andar, embora binário⁵⁰, apresenta uma grande variedade de diferentes passos, em função de estados emocionais, traduzindo-se em passos rápidos ou lentos, graves ou solenes e ainda estimulados pelos sons do nosso entorno, cuja audição provoca em nós o desejo de executar os passos correspondentes, como esse verso musicalizado, que sugere um ritmo no andar ou no bater de palmas:

1, 2, feijão com arroz,

3, 4, feijão no prato,

5, 6, feijão francês,

7, 8, feijão com biscoito,

9, 10, feijão com pastéis.

Os Ritmos Fisiológicos, indicadores "íntimos" de ritmo, respiração e pulsação, variam sua velocidade, tanto em função do estado emocional do indivíduo, como, também, de um ser humano para outro, dependendo da massa física do corpo, do preparo físico, da idade, das condições externas. As batidas do pulso e do coração tiveram sempre importância na música, constituindo fonte de inspiração em muitas passagens musicais.

O ritmo da língua desempenha um papel expressivo na comunicação humana, uma vez que pode ser denominado como uma linguagem que conserva sua autonomia. Podemos citar os diversos ritmos e entonações quando formulamos pedidos ou afirmações nas conversas com as pessoas, que podem soar como apelo ou não. A própria palavra, em si mesma, possui uma grande riqueza rítmica, sonora e dinâmica.

⁵⁰ Ritmo binário – marcação de dois tempos.

⁵¹ Brincadeira cantada, utilizada com as crianças nas salas de educação infantil.

Carll Orff (1937) propôs um trabalho de música, por meio da pulsação, para dirigir a expressão vocal da emoção, e sua proposta educacional baseia-se na fala, na música e no movimento. Este tripé de elementos inseparáveis forma uma unidade presente na expressão das crianças e na dos povos primitivos, desde o início de seu desenvolvimento.

Para Orff, a educação deve partir de experiências simples, acessíveis à compreensão das crianças, antepondo-se a qualquer conceituação teórica; deve ser aplicada na primeira infância por se tratar de um sistema primitivo, natural e físico, seguindo um processo gradual e cumulativo – do mais simples ao mais complexo como expressa Coll (1990).

A finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva capacidades de realizar aprendizagens significativas, por si mesmo; [...] e que aprenda a aprender. E porque não, dançando e cantando, brincando e jogando, que são suas características inatas? (COLL - BRITO, 2003. p. 45)

Considerando que, em sua essência, a música é jogo, o compositor, pesquisador e educador francês François Delalande (2000) relacionou as formas de atividade lúdica infantil propostas por Jean Piaget a três dimensões presentes na música: a) jogo sensório-motor: ligado à exploração do som e do gesto; b) jogo simbólico: ligado ao valor expressivo e à significação mesma do discurso musical; c) jogo com regras: ligado à organização e à estruturação da linguagem musical (DELALANDE – BRITO, 2003. p. 31). Tal aspecto didático-metodológico nos inspira a contextualizar a música, relacionando-a com as temáticas e atividades a serem exploradas em sala de aula.

É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de alguma maneira, ouvindo, cantando, dançando, tocando um instrumento, enfim, fazendo parte de um universo em constante movimento e vibração. Ouvimos música no carro, na rua ou sentados no banco da praça. Ouvimos e sentimos a batida do nosso coração.

Muitas vezes, nos pegamos cantando músicas que ouvimos repetidas vezes, ou mesmo, nos pegamos inventando pequenos trechos de músicas com aquelas melodias envolventes que não saem de nossas cabeças e provocam reações em nossos corpos. Ouvimos, logo, aprendemos.

Assimilamos e carregamos conosco todas as músicas que possuem significados para nós, seja porque nos lembra alguém, a nossa infância, fatos alegres ou tristes. É o grande repertório da vida.

As leituras de Brito (2003) nos mostram que o envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intra-uterina, os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração, a movimentação dos intestinos, os batimentos cardíacos e as reações diversas que essa mãe tem no contato com as coisas deste mundo. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência ativa para eles, que a reconhecem muito facilmente e se acalmam, quando a escutam.

Os bebês e as crianças inter-agem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e logo com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de todos os seres humanos, ainda que, de diferentes maneiras.

O processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda variedade de sons do cotidiano, incluindo aí, a presença da música cantada ou tocada. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical, têm grande importância na infância, pois é por meio delas que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirão comunicarem-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes, tanto com os adultos, quanto com as sensações que a música propõe.

A criança é um ser "brincante" e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, "transforma-se em sons", num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, "descobre instrumentos", inventa e imita motivos melódicos e rítmicos, e ouve, com prazer, a música de todos os povos. (BRITO, 2003. p. 35).

Essa experiência, quando vivenciada pela criança, sugere passos naturais e necessários ao seu desenvolvimento. São eles: a exploração, a expressão e a construção, que são considerados aqui, frutos de uma pesquisa realizada por Delalande (2000), os quais achamos significativos e assim contextualizamos:

Desde os primeiros meses de vida, a atividade sensório-motora do bebê pode tomar a forma de uma exploração de objetos que produzem ruídos. Se a gente pendura um tambor no berço de uma criança de quatro meses, mais cedo ou mais tarde sua mão encontrará a pele, cuja sonoridade ele explorará raspando com as unhas, batendo ou esfregando. Por volta de oito meses, observam-se comportamentos mais elaborados, nos quais as modificações de gestos introduzem variações do resultado sonoro. Para os nossos músicos, essa repetição com variações, mesmo se ela não é procurada intencionalmente, só pode nos alentar. Uma menina de três anos gira uma bolinha numa lata de conserva. A bolinha, girando, produz um ruído mais ou menos irregular. Mas [...] a menina encontrou um meio de introduzir uma variação suplementar. Fechando mais ou menos a abertura da lata com a sua mão livre, ela modifica o timbre. Ela encontra, assim, o princípio da guimbarde (berimbau de boca), que se coloca em frente à boca: aqui também se modifica o timbre, agitando sobre a abertura de uma cavidade. Nas produções sonoras das crianças pequenas, de até aproximadamente quatro ou cinco anos, a forma privilegiada é a repetição, como uma reminiscência das reações circulares da pequena infância e esse aspecto as aproxima de uma proporção importante das produções musicais do mundo inteiro, que adotam com freqüência, a forma repetitiva. É preciso notar que, uma vez que há repetição de um gesto sensivelmente idêntico num mesmo corpo sonoro, não é tanto sobre o objeto material que se faz a exploração, mas sobre a descoberta sonora, que, ela sim, é ligeiramente variada. Na verdade, uma "idéia musical" que é desenvolvida por variações pela menina de três anos, que, colocada em frente a um microfone e um amplificador, repete um mesmo som, produzido com a boca fechada, mas introduzindo progressivamente variações finas, que modificam profundamente o caráter expressivo. Passa-se por ligeiras variações, de um "m" sem importância a expressões que poderiam ser interpretadas como lamentosas; em seguida a verdadeiras pequenas fórmulas melódicas ascendentes sobre um intervalo definido. Por ínfimas variações na repetição de um som, a menina explora todo um campo musical. [...]

Expressão

Com essa variação de entonação sobre um som vocal, está-se no limiar de uma segunda grande família de condutas observadas na criança: a utilização expressiva do som. A palavra "expressão" é, talvez, precisa demais. Sem dúvida, deveria se falar de maneira mais geral de uma representação do real pelo som, na qual a expressão dos estados afetivos é apenas um caso particular. A representação define, na verdade, o jogo simbólico da criança. Mas, para justificar esse abuso de linguagem, observa-se que, por volta dos quatro ou cinco anos, a representação do real pelo som é fortemente ligada à vivência afetiva. Mais tarde, pelos dez anos, por exemplo, o realismo acústico será procurado, mas aos cinco anos, não há diferenca notável entre a música de um personagem que anda sobre gravetos ou sobre a grama. Por outro lado, que se suba com dificuldade uma escada ou que se desca com facilidade, isso se ouve. É uma sequência gestual reinterpretada por meio da lembrança do esforço ou da facilidade. Não é objetividade da cena descrita que impõem sua lei, mas a vivência corporal e afetiva que está associada a ela. O realismo acústico dominará por volta dos sete anos, mas por volta dos cinco anos é ainda um realismo quinestésico. Aliás, quando as crianças de cinco anos, em um jogo dramático, realizam a música do mar calmo ou da tempestade, elas fazem a mímica corporal do estado do mar ao mesmo

tempo que o representam pelo som. A música dobra a expressão gestual. O mar calmo é feito por pequeno movimento de mãos acompanhando sons breves, digamos, leves, mas a tempestade é representada por movimentos amplos do corpo inteiro e de grandes e trágicos perfis sonoros. Aí também a comparação com as músicas eruditas é surpreendente. São encontradas as mesmas grandes trajetórias descendentes em uma obra de Bayle querendo trazer o sentimento do trágico. Se me parece útil insistir sobre a ligação entre a motricidade na criança e a representação sonora do real , é porque ela nos aproxima da expressão musical. Assim como a preocupação do realismo do ruído poderia nos afastar da música, também o sincretismo que se observa na criança de quatro ou cinco anos entre o gesto, o som e a expressão, é próximo de nossa experiência de músicos. Parece que, se uma frase musical pode evocar um sentimento, é porque ela é, primeiramente, a imagem de um gesto, e que nossos gestos mais ou menos rápidos estão ligados a nossos estados afetivos.

Construção

Ainda hesitamos para falar de música, a propósito das seqüências que crianças de menos de seis anos produzem, ainda muito marcadas pela exploração das fontes, ou pelo desejo de simbolizar diretamente uma cena. Falta um componente essencial à produção musical do adulto: a preocupação de organizar a música, de lhe dar uma forma. Aparece, na verdade, por volta dos seis ou sete anos, quando o respeito à regra domina no jogo da criança. Não é uma coincidência: pode-se ver, nesse jogo combinatório que é, freqüentemente, a música, uma forma de jogo de regras. Na escrita por imitação da polifonia do séc. XVI ou do contraponto de J. S. Bach, não se pode negar a satisfação intelectual que provém desses encaixes de uma melodia e de seu duplo. [...]As brincadeiras cantadas infantis são talvez uma das primeiras manifestações do jogo musical com regras. Trata-se de fazer entrar uma frase em um molde rítmico, e essa conduta é bastante comparável àquela que consiste, quando a gente passeia na calçada, em evitar andar sobre as linhas da pavimentação (conduta muito sofisticada encontrada no jogo da amarelinha). Mas organizar a música, ou organizá-la entre crianças quando ela é produzida, é uma preocupação que toma sua verdadeira dimensão na criação coletiva. [...] Os três grandes fatores que caracterizam as condutas dos músicos são sucessivamente dominados pela criança: a exploração das fontes e as pesquisas sonoras, a expressão da vida afetiva e, geralmente, a representação, enfim, a organização das idéias entre tais, então a forma. (DELALANDE – BRITO, 2003. p. 38)

É importante lembrar que cada criança é única e que percorre seu próprio caminho no sentido da construção do seu conhecimento, em toda e qualquer área. A maneira como as crianças percebem, apreendem e se relacionam com os sons, revela o modo como percebem, apreendem e se relacionam com as coisas deste mundo, que vêm explorando, descobrindo e entrando em contato a cada dia. Quando emite sons vocais, o bebê não busca uma afinação coerente com o repertório dos sons de sua cultura: ele explora as qualidades desse gesto e vai, à medida que exercita, descobrindo e ampliando novas possibilidades para seu exercício. Vale lembrar que, durante os primeiros anos de vida, o bebê explora grande quantidade de sons vocais,

preparando-se para o exercício da fala, sem limitar, ainda, aos sons e fonemas presentes em sua língua natal. Momento de descoberta! Descobre a música dissociada da métrica e a linguagem dissociada das suas regras e normas habituais.

Merani (1955) e Carthy (1964) que afirmam que o primeiro choro é o prelúdio da palavra, aquilo que antecede, mas se faz compreender (MERANI, CARTHY – CUNHA, 2002. p.71). Fridman (1988) aprofunda o estudo sobre o choro descobrindo que as expressões sonoro-melódicas, ou seja, os balbucios, cantos e manifestações sonoras do bebe, precedem a linguagem. Suas investigações comprovaram que o primeiro grito da criança estrutura a sua linguagem entoada, serve de base para o desenvolvimento da linguagem articulada, colaborando para o desenvolvimento da futura atividade musical.

Fridman (1988) salienta que, tanto a atividade musical como a linguagem articulada, têm, nos esquemas rítmicos entoados no primeiro choro, seu tronco único. Por isso, os ritmos comumente produzidos pelos bebês não servem apenas para expressar suas necessidades vitais, mas são elementos prioritários para o desenvolvimento da linguagem, em especial, a musical. Isso porque a expressão sonora é acessível à criança antes da palavra, sendo bastante comum que ela cante antes de falar, como uma das maneiras de se comunicar, brincar, ou expressar (FRIDMAN – CUNHA, 2002. p.71).

As crianças de dois a três anos acompanham *e participam ativamente de uma* canção, seguindo seu pulso, seu ritmo, letra e melodia a seu modo, sem a consciência da métrica e da estética do ponto de vista musical, o que não impede de vivenciar a afetividade e o lúdico do momento.

Faz sentido estabelecer uma ponte entre a expressão musical e a expressão gráfica das crianças. Da exploração sensório-motora, dos rabiscos aparentemente sem significado à produção do desenho figurativo, é possível perceber pontos de convergência entre a expressão nas duas linguagens: a ausência de formas definidas, a exploração concreta dos materiais, o gesto, que é ação, a utilização não convencional do espaço, transformando-se até o estágio em que o desenho aproxima-se cada vez mais do real, delimitando espaços, definindo formas e usando cores intencionalmente, sintonizam-se com a exploração sonora que vai do gesto à criação e compreensão, consciência de formas sonoras.

A música está presente em todo o desenvolvimento da criança, em todos os seus processos percorridos.

O processo de aquisição da linguagem também facilita a comparação com a expressão musical: da fase de exploração vocal à etapa de reprodução, criação e reconhecimento das primeiras letras, daí à grafia das palavras, depois a frases e, enfim, à leitura e à escrita, existe um caminho que envolve a permanente reorganização de percepções, explorações, descobertas, construções de hipóteses, reflexões e sentidos que tornam significativas todas as transformações e conquistas de conhecimento: a consciência em contínuo movimento. Isso ocorre também com a música. (BRITO, 2003. p. 43).

Quando a criança emite os primeiros balbucios, o choro, que são também carregados de significados, até a formulação das primeiras cantigas representadas pelas mesmas.

Respeitar o processo de desenvolvimento da expressão musical infantil tanto quanto da formação da criança como um todo, não deve se confundir com a ausência de intervenções educativas. Nesse sentido, o professor deve atuar sempre como orientador, estimulador, condutor de informações propondo e possibilitando vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo prioritário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da Educação Infantil, para que a construção do conhecimento ocorra em contextos significativos, que incluam hipóteses, criação, elaboração de descobertas, questionamentos, experimentos.

Refletir sobre as capacidades e necessidades presentes em cada etapa do desenvolvimento infantil, bem como sobre as tantas possibilidades e conquistas, só tem razão de ser se soubermos respeitar a individualidade e singularidade de cada ser humano, e se consideramos que esse processo se dá na interação com o meio e com o outro, em um ambiente de amor, afeto e respeito.

Além disso, um trabalho pedagógico musical deve e pode se realizar em todos os contextos, em todos os lugares e momentos educativos, entendendo a música como processo contínuo de construção, que faz parte do homem e que envolve seu perceber, seu sentir, seu experimentar, seu imitar, seu criar e re-criar, seu refletir, características intrínsecas ao homem.

Nesse sentido, importa, prioritariamente, a criança e o contexto que a cerca, e não a música, pois a "educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje" (BRITO, 2003 p. 56). A música surge, então, como dispositivo pedagógico para

ampliar e enriquecer as atividades curriculares, principalmente por fazer parte do indivíduo desde a sua fecundação.

A princípio, a utilização da música na sala de aula pode parecer uma tarefa difícil, principalmente aos educadores que não possuem formação em música, mas é preciso deixar claro, que é possível trabalhar a música mesmo não sendo formado na área, afinal, a questão que trabalhamos aqui é que a música faz parte do homem, sendo assim, como ausentá-la do seu processo educativo?

Entretanto, um planejamento cuidadoso é sempre necessário, tornando fácil essa tarefa e trazendo grandes benefícios, tanto para o professor, quanto para os alunos. A música deve ser um meio, pelo qual se processe a aprendizagem, uma vez que ela proporciona aos alunos, momentos de prazer, desconcentração, concentração, a oportunidade de exprimirem livremente, de conhecerem suas habilidades e potencialidades, de pensarem, perceberem, conscientizando-os, também, de suas dificuldades e limitações na vivência no mundo e com as pessoas.

Ao entrar para a escola, a criança já vem munida de uma bagagem cultural, uma vivência e as tradições de seu lar e de sua comunidade. À escola cabe criar condições para que a criança perceba, respeite e compreenda o sentido dessas manifestações tradicionais e, simultaneamente, adquira novos ensinamentos que ampliem sua cultura.

O educador que tem consciência dos valores de sua comunidade, da importância e da riqueza da diversidade, da sua responsabilidade como orientador na formação de seus alunos, pode envolvê-los nesse conhecimento, dando aulas criativas, dinâmicas, com tema atual e abrangente, e educando-os, de fato, para a vida.

Como já vimos anteriormente, o ritmo é um aspecto inseparável do ser humano. O processo de educação musical deve partir também de atividades lúdicas para atividades sistematizadas, de modo a preparar o aluno para entender o ritmo como elemento essencial para a sua vida.

Conforme documentos do Ministério da Educação e Cultura - (1998), a música é reconhecida como fundamental no educar e torna-se, então, um importantíssimo dispositivo pedagógico para transmissão dos conteúdos das diferentes disciplinas, permitindo ao aluno: 1) estruturar a percepção – aquela que vê ao longe, que vê bem, que ouve, que compreende, que adquire conhecimento através dos sentidos; 2) organizar a produção criadora – aquela que dá existência a algo, que

dá origem, que imagina, forma, cria, re-cria; 3) sintetizar processos afetivos e mentais – aqueles que vêm do entendimento, da concepção, da imaginação, da afeição, da amizade , do amor, do sentimento que desperta; 4) possibilitar a criatividade – não só dá existência a algo, como o carrega de significados e sentido; 5) favorecer a socialização - porque o fato de dar as mãos, unindo todos os participantes através do "pulsar musical" (mover por meio de impulso musical), causa o prazer de brincar sem competição e de cantar em conjunto; 6) reconhecer a música como elemento integrador de diversas áreas curriculares – integrando algo, o torno inteiro, o completo, o incorporo, vivencio, comunico; 7) desenvolver o senso rítmico e a atenção – o senso rítmico na variação que ocorre periodicamente de forma regular e que trabalha a coordenação motora fina no recortar, no desenhar, no pintar ou no escrever da criança, e a coordenação motora ampla no correr, no pular, no saltar, no caminhar dessa criança. A atenção na realização e aplicação cuidadosa da mente a alguma coisa. A criança se atenta, repara e assimila.

Os itens acima relacionados apontam características que classificam a ligação da música à formação integral do aluno. A musicalização colabora para o desenvolvimento, em igualdade de condições, dos níveis: **cognitivo**: pois implica ampliação e aprofundamento do conhecimento; o conhecimento está diretamente ligado à organização das idéias. Na música, como vimos nas páginas anteriores, a harmonia nasce das funções mentais do homem, uma vez que diz respeito à organização material de sons combinados e simultâneos, ajustados à melodia e ao ritmo; **afetivo/perceptivo**: pois estabelece relações afetivas com experiência, reformulando alguns mecanismos, estruturando e preparando para outros, trabalhando através de atividades que envolvam a percepção em todas as possibilidades.

Na música, a melodia repousa no ritmo e tem sua origem na afetividade humana. A música está sempre presente no homem, em todo o curso da sua existência, permanecendo impressa em seu ouvido, através de suaves canções que o embalaram ainda no berço; **motor:** pois trabalha a expressão corporal, o ritmo, os movimentos. O ritmo tem sua essência no movimento e é um fenômeno existente em todo o universo musical. Todo ser humano é dotado do instinto rítmico, que se manifesta antes mesmo do seu nascimento, através dos batimentos cardíacos e, posteriormente, da respiração ou do ato de falar. [grifo nosso]

Segundo Platão (1965), a música não deve acompanhar o movimento, mas "antepor-se a ele e subjugá-lo", uma vez que é o espírito que engrandece o corpo e não o contrário. Considera ainda, que o exercício físico, quando não integrado à música, torna o homem rude e inquieto, da mesma forma que a música, desvinculada do movimento, conduz à prostração e à indolência. Salienta o sentido motivacional musicalizado.

Ainda percebemos fortes resquícios de uma concepção de ensino que utiliza a música, ou melhor, a canção, como suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento da rotina, comemorações de datas diversas. Os cantos e as cantigas eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos repetidos, tornando-se mecânicos, automatizando o que antes era ou poderia vir a ser gesto expressivo, em momentos de autonomia e prazer. A música, nesses contextos, era apenas um meio para atingir objetivos considerados adequados à instrução e à formação infantis.

A Escola Nova, que passa a influenciar o ensino brasileiro nas décadas de 50 e 60, "direciona o ensino da arte para a livre expressão e para a valorização do processo", promovendo situações para o "aprender fazendo". Esse movimento introduz mudanças, gerando transformações, acertos e erros. A crítica à Escola Nova aponta para o espontaneísmo centrado na "valorização extrema do processo, sem preocupação com os seus resultados" (MARTINS – BRITO, 2003. p. 51).

Podemos considerar que, na Escola Nova, os educadores ainda não assumiam a música em uma postura de efetiva orientação para a criatividade, pois, de um lado, respeitar esse momento criativo foi entendido como o deixar fazer qualquer coisa (o "vale-tudismo")⁵², sem orientação, sistematização e, conseqüentemente, sem ampliação do repertório e das possibilidades expressivas das crianças; por outro lado, integrar diversos modos de realização musical assustava os educadores, que preferem, então, continuar reproduzindo os mesmos modelos, estratégias, técnicas e procedimentos, que, de modo geral, excluem a criação.

Nesse sentido, mais uma vez a música é trabalhada apenas em ensaios para datas festivas e comemorações, perdendo-se a possibilidade de explorar a expressão vocal, corporal ou instrumental, e pesquisar, inventar, escutar e pensar a música em sua íntegra; ela fica em segundo plano ou, muitas vezes, não fica em

_

⁵² "Vale-tudismo" - expressão adotada por Koellreutter, 1990.

plano nenhum, perdendo-se muito tempo com ensaios e repetições para as apresentações realizadas para os pais, deixando de se vivenciar momentos de prazer, lazer, aprendizado, interação e a vivência que a música sugere e possibilita.

Ainda hoje percebemos que, de modo geral, quando a Educação de Infância redimensiona conceitos, abordagens e modos de atuação, sob a influência de novas pesquisas e teorias pedagógicas, ocorre um avanço a passos muito lentos rumo a uma transformação conceitual e postural, em relação ao trabalho com a linguagem musical. Felizmente, já não deparamos corriqueiramente com desenhos prontos, como os que eram oferecidos anteriormente às crianças, para serem coloridos conforme sugestões do professor.

Estão cada vez mais distantes os dias em que educandos copiavam letras e números, muitas e muitas vezes, de modo mecânico e desprovido de significados. Mas continuamos ainda, em muitos momentos, cantando apenas canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos, única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo, utilizando-se, em alguns momentos, apenas da "métrica musical", quase sempre excluindo a interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, na pesquisa e na criação. Pela integração de sujeito e objeto, de sujeito e sujeito, pela elaboração de hipóteses e comparação de possibilidades, na ampliação de recursos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses, suas diferenças e sua motivação interior e exterior.

Para a grande maioria das pessoas, incluindo os educadores, a música era (e é) entendida como "algo pronto", cabendo a nós a tarefa máxima de interpretá-la. Ensinar música, a partir dessa ótica, significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar, inventar e, o mais importante, perceber que ela faz parte do ser humano; trabalhá-la, explorá-la como dispositivo pedagógico é de fundamental importância no processo de construção do conhecimento.

Na percepção de que a música deve promover o ser humano acima de tudo, devemos ter claro que o trabalho nessa área deve incluir todos os alunos. Longe da concepção européia do século passado, que selecionava os "talentos naturais", é preciso lembrar que a música é linguagem cujo conhecimento se constrói com base nas vivências e reflexões orientadas.

Desse modo, todos devem ter direito de cantar, ainda que desafinado, sem ritmo ou desprovido da métrica usual da música. Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final.

A música não é um dom e pode ser sentida e vivenciada por todos. Deve ser construída pela criança, com a intervenção do professor, que deve respeitar e promover esse caminho, propondo atividades significativas que se adaptem a cada etapa do desenvolvimento das crianças.

As colocações expostas assumem valor maior quando lembramos que a música deve ser parte importante da formação das crianças, principalmente as que apresentam necessidades especiais. Até mesmo os surdos-mudos podem sentir e viver a música por meio de outros sentidos, que não o ouvir, mas o sentir (tato), por meio das vibrações, e o ver (visão), por meio de luzes e cores. Nos dias de hoje, já é possível assistir a um coral de surdos-mudos com gestos e expressões, regidos e orientados através da vibração e de luzes coloridas que piscam em movimento, indicando o ritmo e a cadência musical da canção executada.

Damos ênfase a cada sentido da música para enobrecê-lo ainda mais como linguagem e ação do centro formativo.

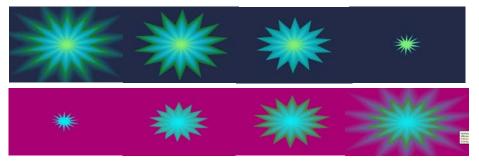


Figura 15: Cores em movimento que sugerem ritmo da canção executada.

Fonte: Software de gravação, visualização e audição - Mídia Player.

Muitos caminhos ainda devem ser percorridos para uma educação integral do homem, porém devemos reconhecer os avanços obtidos em busca dessa meta. O processo de aprendizagem na área da música vem recebendo influências de construção cognitiva, em sintonia com procedimentos pedagógicos que se ampliam em mostrar o número de pesquisas sobre o pensamento e a ação musical, orientando

educadores e gerando contextos significativos sobre o sentir e o pensar de bebês e outras crianças, no seu processo de desenvolvimento.

A ênfase que a atual pedagogia atribui às atividades expressivas de caráter criador encontra-se com idéias e pesquisas de teóricos que já defendiam a idéia de uma educação igual e integral das crianças. Essa herança, infalível, que ocorre entre as gerações, está presente no pensamento de Piaget (1975), quando admite: "o grande homem que, em qualquer época, parece estar lançando alguma nova linha de pensamento é simplesmente a interseção ou síntese de idéias que foram desenvolvidas e apuradas por um processo contínuo de cooperação" (PIAGET - CAMARGO, 1994. p.134), que se re-pensa e se re-cria a cada dia. Ao recriar-se, musicaliza a vida.

A criatividade, como processo do comportamento humano, origina junto do próprio homem à medida de seus desejos, curiosidades e necessidades, como fazer o fogo, por exemplo. É o instinto criador que lhe tem garantido, através de milênios, a perpetuidade no planeta, sendo o responsável pela busca incessante de encontrar sempre novos meios de defesa, não só contra os desafios que a natureza lhe impõe, mas também contra os decorrentes das suas próprias limitações.

A criatividade, como processo de aprendizagem, tem despertado, desde a Antigüidade Clássica, a atenção e o interesse de filósofos, como Aristóteles, e de inovadores educacionais modernos, como Rousseau, Pestalozzi, Montessori ou Dewey, entre outros que apresentam nítidas implicações em suas obras. As idéias desses pensadores e educadores têm contribuído profundamente para melhorar, por análise e diferenciação, o nosso conhecimento sobre os conceitos básicos da educação. Alguns pensamentos ilustram tal pensar:

"Ensinar às crianças o que são capazes de aprender" (ROUSSEAU – CAMARGO, 1994.p. 135.) no construir e re-construir de suas ações. É permitindo que a criança vivencie as experiências da vida, dos fatos, dos sabores, dos pulsares, que desenvolverá seus saberes, suas potencialidades e seus limites.

"Não se infundem idéias na base da autoridade, mas através de dados e da experiência" (PESTALOZZI – CAMARGO, 1994. p.135) curiosa de prazer que leva à aprendizagem. Todo momento de prazer acontece como estímulo na vida da criança, vontades, desejos espontâneos de curiosidade, de descobertas que levam à vivência, logo, à aprendizagem. O momento imposto não traz prazer, curiosidades ou desejo de participação. A experiência imposta não permite viver os momentos com

sua naturalidade e suas surpresas. A criança entristece, tem medo e se retrai frente a qualquer proposta intencionada na imposição.

"A posição dos professores deve ser a de observadores das crianças" (MONTESSORI – CAMARGO, 1994.p.135), para que possam orientá-las e não adestrá-las enquanto pequeno Ser. Quando o educador observa sua criança, percebe suas necessidades, respeita as fases do seu desenvolvimento, aproxima seus anseios da realidade, experiencia junto e propõe a devida socialização, aprendizagem, interação, brincadeira que a criança necessita.

"A educação deve promover o desenvolvimento de novas experiências" (DEWEY – CAMARGO, 1994.p.135), musicalizadas, dançadas, cantadas, interpretadas, sonhadas, vividas. Embora a tradição reconheça e a pedagogia enfatize o valor do ato de criar no processo educacional, percebemos que ainda existem amarras que emperram o tal processo.

Pesquisas recentes de Torrance (1974) realizadas nos Estados Unidos nos afirmam que a criatividade, longe de ser apenas um pendor, é, antes, uma capacidade que pode ser ensinada através de métodos e processos que levam o indivíduo a pensar criativamente. (TORRANCE - TAFFAREL, 1991. p. 6).

Na década de XX, Dewey destaca o valor dos métodos ativos que favorecem a aprendizagem da criança na prática de jogos e outras atividades. São vários os métodos usados como estimulação à criatividade e que, fundamentalmente, consistem em: promover a incerteza, que leva o aluno a concluir que existem muitas possibilidades na solução de um problema; ativar a indagação e o desafio, através de perguntas, escritas ou oralmente formuladas, para a descoberta de soluções novas; incentivar a análise e a exploração das partes que compõem um todo, a fim de compreendê-lo melhor, o que facilitará o surgimento de idéias novas; desenvolver o espírito crítico, no qual a avaliação nunca deve ser feita sobre o resultado como um produto concluído, mas, sim, encarado como parte de um processo em constante evolução.

A criatividade faz parte da vida do homem desde a sua criação. Constituise numa exigência do mundo contemporâneo, especialmente em decorrência de pensamentos, que levam à valorização do movimento como fonte intimamente relacionada à atividade corporal. Em toda manifestação artística, a necessidade de ordenar, de articular, de dar forma às experiências (sejam individuais ou coletivas) está sempre presente. A música realiza uma ordenação criadora de significações. Quando a criança participa significativamente de experiências com signos verbais (palavras) e não verbais (formas, cores, espaços, expressões, ritmos e movimento), pode desenvolver conceitos mais abrangentes a respeito de sua percepção e senso estético, que, juntamente com o crescimento intelectual e emocional, colaboram para sua formação enquanto pequeno Ser que habita o mundo.

Descobrir elementos da música nas palavras é uma experiência agradável que desperta o interesse do aluno. A palavra é o meio de comunicação mais utilizado pelo homem.

Percebendo as diferenças entre os sons e os ritmos de cada uma delas, as pessoas aprendem a se expressar melhor. Entendendo a tonicidade musical, compreendem melhor as regras gramaticais e, sentindo a melodia, sensibilizam-se para compreender e respeitar melhor o outro e as diferenças.

A participação do sujeito é elemento imprescindível em atividades que propiciem a atuação de corpo, mente, emoção e sociabilidade, integradas. Com metodologia utilizada para adquirirem certos conhecimentos que, mais tarde, poderão despertar neles o gosto pela música, simplesmente como Música.

O trabalho pedagógico, então, deve ser um possibilitador, um ambiente de descoberta e revelação dos imaginários infantis. A partir da prática do fazer musical, que deve ser estruturado no dia a dia em sua totalidade, não na intencionalidade de formar músicos, mas desenvolvida na amplitude do seu acontecer.

A música como processo, para que a criança possa explorar o seu corpo como um instrumento musical, movimentar-se no espaço, refletir, participar, produzir, criar e pensar. Para que essa criança possa ser construtora e autora do seu próprio discurso, sendo a escola um lugar que propicie este acontecer lúdico, mediado por este Ser afetivo e social, que é a criança.

Assim como a criança deve ser educada em todos os seus aspectos e sentidos, para uma boa alimentação, para os cuidados com seu corpo, para apreciar as coisas à sua volta, deve também ser educada no seu ouvir, que se torna tarefa da escola, em que a escuta se amplia na medida em que são providas vivências que levam à experiências de produção, percepção, criação. É preciso que professores e todos os agentes da educação acreditem que são capazes de fazer música, pois

algumas pessoas não tem ritmo, outras cantam fora do tom; ainda outras não conhecem sequer um sustenido de uma nota. Quando nós começamos

a pensar que nós somos a soma do que podemos (e não podemos) fazer, nós devemos imaginar que a maravilhosa música da vida flui em nossas veias, fazendo todos nós maestros. (LEWIS, 2003. p. 28)

E também de serem criadores, pensadores, investigadores, inovadores por meio de propostas que a envolvam, afinal, a música é uma linguagem, um meio de comunicação, e para comunicar-se através dela e com ela, é preciso apenas que se tenha a paixão de envolver-se. Nesse círculo do ensinar e aprender, a consciência da importância da vivência da música para as crianças e a percepção de que essa vivência oferece resultados ou processos positivos. Nosso estudo, nessa pesquisa, evidencia educadores que revelam tal afetividade de ação com a música, demonstrada em análises ideográfica e nomotética, no enfoque fenomenológico.

A Menina segue acreditando que é possível a difícil tarefa de educar, segue com suas

Intenções e orações, aflições, vamos repartir Pensando bem, quantos sonhos deixamos pra trás Outros, porém, nós tornamos reais Vida bela, linda vida, por que não viver Muito tempo ainda, junto com você? Vida bela, linda vida, só quero viver Muito tempo ainda, junto com você Deve existir, um motivo pra continuar Aonde ir, ou pra onde voltar Indecisões, com o tempo só vem aumentar As desilusões, sempre tão fatais Nossos corações, quando podem ser felizes Batem muito mais, nossos corações Ouando podem ser felizes batem muito mais Vida bela, linda vida, por que não viver Muito tempo ainda, junto com você Junto com você. 53

E a música continua fazendo a roda-viva da vida da Menina, agora profissional que trabalha e atua com o pequeno Ser. No demonstrativo dessa construção de ação vamos delineando o processo que alicerça a pesquisa. Utilizamos alguns símbolos musicais para bordar metaforicamente o caminho das análises e, dizer mais da emoção que envolve a construção didática em sala de aula, com uma linguagem que toca as emoções, que toca em sensações que é a música.

⁵³ SATER, Almir. **Vida, bela vida.** CD Terra de sonhos, 1994.

3.1 – ANÁLISE IDEOGRÁFICA

Iniciaremos neste momento da pesquisa, a Análise Ideográfica, um passo que a linha fenomenológica nos possibilita e convida. Momento de troca, de escuta, de observação, percepção e rigor na análise dos discursos dos nossos sujeitos – nove professoras de Educação de Infância.

A Análise Ideográfica nos permitiu trabalhar com três momentos: primeiro momento apresentando os discursos (na íntegra) dos nossos sujeitos, chamados discurso ingênuo, representados pela sigla DI. No segundo momento, retiramos as unidades de significados que são as frases significativas expressas na fala dos sujeitos e são representadas pela sigla US. Chegamos então ao terceiro momento, onde fazemos o discurso articulado dos sujeitos, representado pela sigla DA. Esse discurso requer muito rigor e surge das unidades de significados. Apresenta a essência e o conteúdo do discurso dos nossos sujeitos de maneira articulada e reduzida.

O discurso dos sujeitos surge a partir de um questionamento a que presente pesquisa propõe: Qual a importância da música como linguagem no aprender infantil?

Apresentaremos uma tabela com o discurso ingênuo dos sujeitos, as unidades de significados e os discursos articulados dos sujeitos.

Por direcionarmos a pesquisa na linha fenomenológica, o que nos permitiu trabalhar as metáforas, representaremos a análise ideográfica através de notas musicais e cores.

A tabela com a análise ideográfica será representada pelas notas musicais e por cores. O Discurso Ingênuo (DI) dos sujeitos será apresentado na cor verde, que traz consigo o significado da esperança, o preparar-se para amadurecer. As Unidades de Significados (US) serão representadas pela cor púrpura, que representa o aprimoramento, a busca. O Discurso Articulado (DA) será representado pela cor azul, que sugere a paz, tranqüilidade no agir, maturidade na realização.

O sujeito 1, sempre representado pela nota DÓ, a primeira nota da escala musical.

Sujeito 2, representado pela nota RÉ, segunda nota da escala musical.

Sujeito 3, representado pela nota MI, terceira nota da escala musical.

Sujeito 4, representado pela nota FÁ, quarta nota da escala musical.

Sujeito 5, representado pela nota SOL, quinta nota da escala musical.

Sujeito 6, representado pela nota LÁ, sexta nota da escala musical.

Sujeito 7, representado pela nota SI, sétima nota da escala Musical.

Sujeito 8, representado pela nota DÓ# (dó sustenido), primeira nota sustenido da escala musical.

Sujeito 9, representado pela nota RÉ# (ré sustenido), Segunda nota sustenido da escala musical.

Portanto, quando nos referirmos ao DI do sujeito 1, ele aparece como DÒ na cor verde. A US do sujeito 1 aparece como DÓ na cor púrpura. O DA do sujeito 1, aparece como DÓ na cor azul, e assim sucessivamente.

Quadro 3: Legenda das Cores e Notas Musicais em que são Representados os Discursos dos Sujeitos

Sujeitos	DI	US	DA		
	(Discurso Ingênuo)	(Unidades de Significados)	(Discurso Articulado)		
Sujeito 1 - dó	Dó	Dó	Dó		
Sujeito 2 - ré	Ré	Ré	Ré		
Sujeito 3 - mi	Mi	Mi	Mi		
Sujeito 4 - fá	Fá	Fá	Fá		
Sujeito 5 - sol	Sol	Sol	Sol Lá		
Sujeito 6 - lá	Lá	Lá			
Sujeito 7 - si Si		Si	Si		
Sujeito 8 - dó#	Dó#	Dó# Dó#			
Sujeito 9 -ré#	Ré#	Ré#	Ré#		

Pergunta da pesquisa:

Qual a importância da música como linguagem no aprender infantil?

Quadro 4: Discursos dos Sujeitos.

Quadro 4: Discursos dos Su	erros.				
<u>Discurso Ingênuo</u>	<u>Unidades de Significados</u>	<u>Discurso</u> <u>Articulado</u>			
SUJEITO 1 – DÓ	SUJEITO 1 – DÓ	SUJEITO 1 – DÓ			
A música faz a criança/ ser	1- O poder da música faz	O sujeito			
entrar em contato com o	pessoas sonharem.	reconhece que a			
universo: em todo lugar a		música coloca as			
natureza nos encanta, é nas	2- O poder da música faz	crianças em contato			
formigas que cortam as	pessoas chorarem.	com o universo,			
folhas, é nas abelhas que		através do ritmo, do			
fazem a melhor orquestra, é	3- O poder da música faz	som, da harmonia,			
o som da água nas rochas, é	pessoas vibrarem.	para que possam			
o som do mar, é as folhas		vivenciar a alegria, a			
secas que caem no	4- O poder da música faz	ludicidade e o			
chão,etc. Tudo nos faz	pessoas emocionarem-se.	prazer, levando-as a			
entrar em contato com o		uma aprendizagem			
som, com o encanto	5- Por meio da música a	significativa, pois			
fascinante desse movi-	aprendizagem	tudo o que			
mento,ritmo,som,harmonia.	significativa é efetuada	aprendemos com			
A natureza realiza a mais	com alegria, prazer,	prazer, perpetua-se			
bela orquestra e não se	ludicidade	nas ações positivas			
pode dizer que não existe		da vida e para a vida.			
uma aprendizagem. A	6- A música faz parte da				
música está na essência do	vida.				
ser humano, ela eleva o					
espírito, dignifica a alma e	7- Tudo nos faz entrar em				
os anjos louvam.	contato com o som.				
O poder da música faz					
pessoas sonharem, chora-	8- Tudo nos faz entrar em				
rem, vibrarem, emocio-	contato com o encanto				

narem-se.Ela mexe com todos os poros. O seu fascínio faz os animais mais harmônicos, silenciosos, mansos.

Convivemos com música em casa, no carro, na rua, no avião, no estudo, ela faz parte da vida.

Se não houvesse música no mundo, seria monótono, tudo perderia a graça. A música não só ensina, ela nos eleva para as alturas e nos aproxima do próprio criador. Por tudo isso e muito mais que a música é fundamental no processo ensino – aprendizagem. Por meio da musica, aprendizagem significativa é efetuada com alegria, prazer, ludicidade...

Tudo o que aprendemos com prazer perpetua-se nas ações positivas da vida e para a vida. Se a vida é uma festa, ela o é pela vida que há em cada coisa, música que faz vibrar os quatro cantos do universo.

fascinante desse movimento, ritmo, som, harmonia.

SUJEITO 2 – RÉ

Atualmente que a música em sala de aula é uma das ferramentas que levam a criança a desenvolver sua capacidade 2ouvir, perceber discriminar eventos brincadeiras. sonoros, imitações ou inventar e reproduzir criações musicais.

Ela pode ser compreendida em todas as 4- A música leva a criança fases de desenvolvimento da criança, mesmo que ainda bebê ou entre aquelas que apresentam necessidades especiais, contribuindo para a socialização, manifestações de expressão e a própria comunicação, haja vista, ser a música 6- Conquista de uma forma de linguagem.

Está presente em nosso cotidiano de modo intenso através do rádio, da televisão, festas comemorações, enfim, em diversas situações, expressando a cultura de

SUJEITO 2 - RÉ

- compreendo 1- A música leva a criança a desenvolver sua capacidade de ouvir.
 - A música leva a criança a perceber e discriminar eventos sonoros diversos.
 - ainda, 3- A música leva a criança de forma prazerosa criar brincadeiras, imitações.
 - de forma prazerosa a inventar e reproduzir criações musicais.
 - 5- A música proporciona conquista de conhecimento, com posterior autonomia.
 - conhecimento e autonomia são ferramentas indispensáveis à prática da cidadania.
 - 7- A música contribui para a socialização.

SUJEITO 2 - RÉ

O sujeito percebe que a música leva a criança a desenvolver suas capacidades de ouvir, perceber, discriminar, socializar-se. comunicar-se, expressar-se de forma prazerosa, proporcionando o conhecimento com autonomia, fator indispensável à prática da cidadania. um povo, pontos de vistas de determinados autores, 8- A música contribui para revoltas dos que se sentem exilados.

Esta forma artística de se manifestar nos faz 9- A música contribui para cidadãos pensantes críticos autônomos, com conhecimento dia a dia somos sempre um pouco mais, logo, em sala de aula também se mediada pelo professor poderá a música proporcionar esta conquista de conhecimento, com posterior autonomia, ferramentas indispensáveis à prática da cidadania.

- as manifestações de expressão.
- a comunicação.
- crescendo 10- A música é uma forma de linguagem.

SUJEITO 3 – MI	CI.	JJEITO 3 – MI	SUJEITO 3 – MI
SOJETTO 3 – IVII	SC		SOJETIO 2 – MII
Ela é importante em	1-	Ela é importante para	O sujeito identifica a
diferentes aspectos para		acalmar.	música como algo
acalmar, tranqüilizar,			importante, que
despertar e favorecer o	2-	Ela é importante para	possibilita a calma e
aprendizado. É um recurso		tranqüilizar.	tranquilidade nos
que traz inúmeros			alunos, despertando
benefícios para a sala de	3-	Ela é importante para	e favorecendo a
aula. Por exemplo, quando		despertar e favorecer o	aprendizagem.
uso a música para iniciar		aprendizado.	
uma aula os alunos ficam			
muito mais motivados,	4-	É um recurso que traz	
interessados para aprender.		benefícios para a sala de	
		aula.	
	5-	Com música os alunos	
		ficam mais motivados.	
	6-	Com música os alunos	
		ficam mais interessados	
		para aprender.	

SUJEITO 4 – FÁ

A música proporciona uma

aprendizagem afetiva, o que ensinamos com e através da música e incorporado de forma mais rápida e eficiente. Com fortes elementos de ludicidade é possível ao aluno desenvolver sua criatividade, expressividade e sociabilidade. A música como linguagem universal e inerente a condição humana é em si mesma um poderoso agente pedagógico. O dia-a-dia de uma sala de aula pode modificar-se radicalmente quando o professor utiliza a música. Encanto e magia indispensáveis à aprendizagem a música deve estar presente sempre pois cabe em todos os contextos escolares.

SUJEITO 4 – FÁ

- A música proporciona uma aprendizagem através da afetividade.
- 2- A ludicidade desenvolve a criatividade.
- 3- A ludicidade desenvolve a expressividade.
- 4- A ludicidade desenvolve a sociabilidade.
- 5- A música é uma linguagem universal.
- 6- A música é um forte agente pedagógico.
- 7- A música é encanto e magia, fatores indispensáveis ao contexto escolar.

SUJEITO 4 – FÁ

sujeito percebe música que a proporciona momentos de criatividade, expressividade, sociabilidade, encanto e magia às crianças, através da afetividade e ludicidade. direcionando a uma aprendizagem uma significativa em todo contexto escolar.

SUJEITO 5 – SOL

A música possibilita de forma lúdica e significativa condições de desenvolverse social e culturalmente. É importante ressaltar sua contribuição para a formação biológica, afetiva, social, cognitiva e cultural da criança. Brincar com a música, imitar e inventar, reproduzir criações musicais através de brincadeiras, jogos e rodas cantadas de ritmos variados, explora a fusão de ritmos e desenvolve seu estilo artístico, edificando as músicas e danças, festas folclóricas, instrumentos musicais como valor histórico e cultural. Valorizar a diversidade musical com a criança ,propicia proporcionar um encontro amistoso de interação e utilizar as capacidades de expressar-se em música, acompanhando ritmos, expressando corporalmente, envolvendo agilidade e equilíbrio.

SUJEITO 5 - SOL

- A música possibilita de forma lúdica e significativa, condições de desenvolver-se social e culturalmente.
- 2- A música contribui para a formação biológica, afetiva, social, cognitiva e cultural da criança.
- 3- Valorizar a diversidade musical proporciona momentos de interação e expressão corporal.

SUJEITO 5 – SOL

sujeito percebe que a música possibilita de forma lúdica significativa, 0 desenvolvimento social e cultural da criança, contribuindo para a sua formação biológica, afetiva, social e cognitiva através da interação e expressão.

SUJEITO 6 – LÁ

O sentido é de transmitir paz, segurança, maior concentração para um aprendizado satisfatório e enriquecedor, elemento lúdico o qual possibilita a criatividade e a sociabilidade no aprendizado.

A música alivia as tensões, diminui a fadiga, diverte, atrai bons fluidos para que o ser humano desenvolva e conheça o seu íntimo, a sua sensibilidade.

SUJEITO 6 – LÁ

- 1- A música é um elemento lúdico que transmite paz, segurança e concentração;
- 2- A música possibilita a criatividade.
- 3- A música possibilita a sociabilidade para o aprendizado.
- 4- A música alivia as
 tensões, diminui a fadiga,
 atrai bons fluidos para
 que o ser humano
 conheça seu íntimo.

SUJEITO 6 – LÁ

A música transmite paz, segurança e concentração à criança, possibilitando a criatividade e a sociabilidade, fatores estes que levam a criança a aprender e conhecer seu íntimo.

Podemos considerá-la uns dos fatores mais importantes na educação para a educação infantil; importantes para a educação infantil; para o desenvolvimento da fala, favorece a gosto pela música. 1- A música é um dos fatores mais importantes para a educação infantil; importantes para a educação infantil porque contribui no desenvolvimento da fala; fala e favorece a socialização. 3- A música é um dos fatores mais importantes para a educação infantil porque contribui no desenvolvimento da fala e favorece a socialização.	SUJEITO 7 – SI	SUJEITO 7 – SI	SUJEITO 7 – SI
socialização;	Podemos considerá-la uns dos fatores mais importantes na educação infantil. Pois contribui, para o desenvolvimento da fala, favorece a socialização, favorece o	 A música é um dos fatores mais importantes para a educação infantil; A música contribui para o desenvolvimento da fala; A música favorece a 	A música é um dos fatores mais importantes para a educação infantil porque contribui no desenvolvimento da fala e favorece a

SUJEITO 8 – DÓ#	SUJEITO 8 – DÓ#	SUJEITO 8 – DÓ#
Atua como fator importante	1 – A música atua como fator	O sujeito reconhece
no desenvolvimento	importante no	que a música atua no
psicológico da criança, pois	desenvolvimento psicológico	desenvolvimento
a mesma aprende através	da criança;	psicológico da
da música o respeito ao		criança, que aprende
próximo, regras e limites, o	2- A criança aprende através	o respeito ao
ato de sorrir e compartilhar	da música, o respeito ao	próximo, as regras e
emoções com seus colegas.	próximo;	limites da vida e da
		convivência, e
	3 – A criança aprende através	compartilha dessas
	da música regras e limites;	emoções com o
		outro.
	4 – A criança aprende através	
	da música o ato de sorrir e	
	compartilhar emoções com	
	os seus colegas.	

SUJEITO 9 - RÉ#

música tem na educação o mais alto elemento de socialização e ajustamento.

Ela combate agressividade, canaliza excesso de energia, cria para enfrentar o meios isolamento, desenvolve o espírito de iniciativa e a auto expressão, além de 4- A música cria meios para propiciar iguais oportunidades todos. integrando o indivíduo ao 5- A música desenvolve o seu meio ambiente.

As atividades de música na pré- escola tem como 6- A música desenvolve o objetivos: contribuir para o desenvolvimento global das crianças, desenvolver senso rítmico e a acuidade | 7- A música propicia iguais auditiva, despertar ou ampliar gosto pela música, favorecer a dicção através da articulação das palavras. Alem disso. oportuniza dentro bandinha a trabalhar em grupo, parceria, trabalhando hábitos de disciplina concentração no trabalho,

SUJEITO 9 - RÉ#

- 1- A música é o mais alto elemento de socialização e ajustamento.
- 2- A música combate a agressividade.
- 3- A música canaliza o excesso de energia.
- enfrentar o isolamento.
- espírito de iniciativa.
- espírito de auto expressão.
- oportunidades a todos.
- 8- A música integra o indivíduo ao seu meio ambiente.
- da 9- A música contribui para o desenvolvimento global das crianças.
- também 10- A música desenvolve o senso rítmico.
 - 11- A música desenvolve a

SUJEITO 9 - RÉ#

O sujeito percebe na música a possibilidade de socialização, canalização de energia, oportunizando na criança um espírito de iniciativa, livre expressão, acuidade auditiva, desenvolvimento da linguagem, senso rítmico, integrando-o ao meio ambiente e ao outro. considerando seus meios naturais de comunicação, seus sentidos.

habilidade de expressar as	acuidade auditiva.	
vivências emocionais, a	12- A música favorece a	
utilização de meios naturais	dicção através da	
de comunicação,	articulação das palavras.	
linguagem, visão, audição e	13- A música possibilita o	
tato.	trabalho em grupo,	
	parceria.	
	14- A música possibilita a	
	concentração no trabalho.	
	15- a música possibilita a	
	habilidade de expressar	
	vivências emocionais.	
	16- A música possibilita a	
	utilização de meios	
	naturais de comunicação:	
	a linguagem, visão,	
	audição e tato.	

3.2 – ANÁLISE NOMOTÉTICA

O próximo passo nos leva à Análise Nomotética que nos permite trabalhar os dados da Análise Ideográfica.

A Análise Nomotética surge de invariantes retiradas dos Discursos Articulados dos sujeitos – DA. Logo, cada sujeito será representado a partir de uma nota musical, da escala musical, conforme já estabelecido na tabela 1. Por exemplo: o sujeito 1 será sempre representado pela nota dó, a primeira nota da escala musical. Os sujeitos, representados pelas notas musicais na cor azul, que representa o Discurso Articulado do sujeito – DI, na Análise Ideográfica, apresentada na pesquisa. A letra A representa as Asserções dos sujeitos. As letras DA representam o Discurso Articulado dos sujeitos. Por exemplo: A1. DA. DÓ – Asserção 1 (um) do Discurso Articulado do Sujeito 1 (um).

Assim, pontuamos as asserções significativas dos sujeitos:

A música leva a aprendizagem - A1. DA. DÓ

A música dá prazer - A1. DA. RÉ

A música proporciona autonomia - A2. DA. RÉ.

A música Desperta Interesse em Aprender - A1. DA. MI

A música é um elemento lúdico - A1. DA. FÁ

A música contribui na formação afetiva da criança - A1. DA. SOL

A música possibilita a criatividade - A1. DA. LÁ

A música incentiva à expressividade - A2. DA. LÁ

A música desenvolve a fala e a linguagem - A1. DA. SI

A música leva à socialização - A2. DA. SI

A música trabalha com as emoções - A1. DA. DÓ#

A música leva ao desenvolvimento integral da criança - A1. DA. RÉ#

Montamos então, um quadro abaixo, apresentando as Asserções retiradas dos Discursos Articulados dos sujeitos que estará do lado esquerdo da tabela, e do lado direito da tabela, temos os sujeitos que apresentam tais asserções:

Quadro 5: Asserções dos sujeitos

Asserções dos sujeitos	Sujeito
A.1-A música leva a aprendizagem	DÒ
A.1-A música dá prazer	
A.2-A música proporciona autonomia	RÉ
A.1-A música desperta interesse em aprender	MI
A.1-A música é um elemento lúdico	FÁ
A.1-A música contribui na formação afetiva da criança	SOL
A.1-A música possibilita a criatividade	
A.2-A música incentiva à expressividade	LÁ
A.1-A música desenvolve a fala e a linguagem	
A.2-A música leva à socialização	SI
A.1-A música trabalha com as emoções	DÓ#
A.1-A música leva ao desenvolvimento integral da criança	RÉ#

No momento seguinte da análise, pontuamos as asserções representativas dos sujeitos em categorias abertas, fazendo as convergências das discussões dos sujeitos.

Quadro 6: Convergências das Categorias Abertas Retiradas dos Discursos dos Sujeitos.

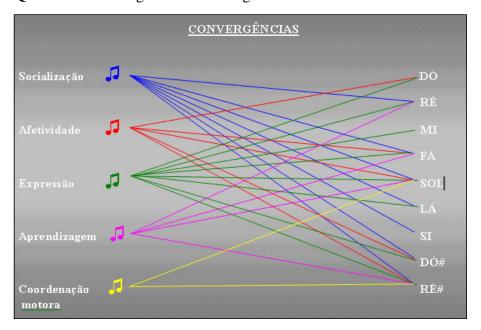
Sujeitos →	DÓ	RÉ	MI	FÁ	SOL	LÁ	SI	DÓ#	RÉ#
Categorias Abertas									
↓									
Socialização		l		ı	l	ı	٢	ſ	l
Afetividade	l			ſ	l			\$	l
Aprendizagem	l	ı	ı	l	l	ſ		7	ſ
Expressão		ı		ı	ı				ı
Coordenação motora					J				ſ

Convergências

As Análises Nomotética e Ideográfica, levam à formação das convergências ligando as categorias abertas aos respectivos sujeitos que as citaram.

A Análise Nomotética surge de Invariantes retiradas dos DA - Discursos Articulados dos sujeitos. Das invariantes surgem as Categorias Abertas, redução que a pesquisadora estabelece de acordo com a pergunta pesquisa e que geram o quadro a seguir: categorias abertas colocadas do lado esquerdo da página e os sujeitos colocados do lado direito da página. Sendo que cada sujeito está representado a partir de uma nota musical, metáfora que alimenta o nosso estilo de escrita e evidencia o objeto de pesquisa.

O quadro a seguir refere-se às convergências de todas as Categorias Abertas retiradas dos sujeitos:



Quadro 7: Convergências das Categorias Abertas

Fonte: Montagem da figura feita pela mestranda autora desta pesquisa.

A partir de então, vamos individualizar em imagem, cada categoria, para que o leitor visualize a sua importância.

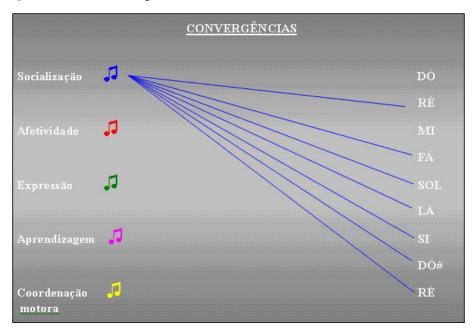


Figura 16: Socialização

Fonte: Arquivo próprio da mestranda. Crianças de 2 anos de idade no parque de uma Escola no Município de Campo Grande – MS, 2005.

É na socialização que a criança encontra o outro, o mundo do outro, e aprende a conviver, a respeitar, a repartir, re-partir em um partilhar de afeto, de encontro, de limites. Momento de orientação das vivências, porque estas refletirão por toda a vida.

O quadro a seguir apresenta a primeira Categoria Aberta – Socialização, e a referência da mesma nos depoimentos do sujeitos.



Quadro 8: Socialização

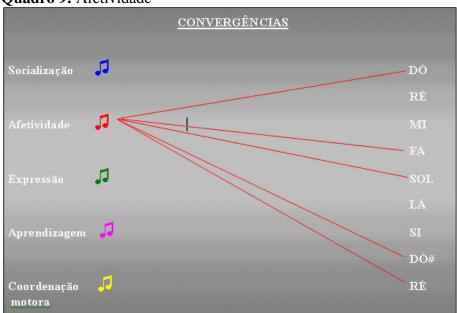


Figura 17: Afetividade

Fonte: Arquivo pessoal da mestranda. Crianças de 4 e 5 anos de idade em sala de aula de uma Escola no Município de Campo Grande/MS - 2005

A afetividade surge das emoções, das sensações, do prazer de estar junto, de contribuir, trocar, dividir. Surge do prazer de estar com o outro e com o outro construir uma relação de amizade, carinho, desejo de querer o bem, de estar bem, e de juntos percorrer os trilhares de uma vivência cidadã que começa aqui, nessa infância.

O quadro a seguir apresenta a segunda Categoria Aberta – Afetividade, e a referência da mesma nos depoimentos do sujeitos.



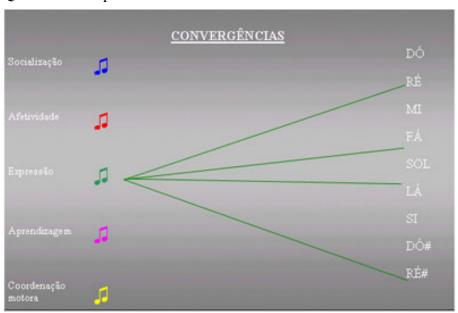
Quadro 9: Afetividade



Figura 18: Expressão **Fonte**: Arquivo pessoal da mestranda. Crianças de 2 a 6 anos na festa de carnaval de uma Escola no Município de Campo Grande/MS – 2003.

A expressão como manifestação das idéias, dos sentimentos, aquela que nos dá a voz, a vez, que mostra no traçado do rosto, no movimento do corpo, no balançado das mãos, no sorriso ou no choro, o que o coração sente, a mente pensa, e o corpo deseja.

O quadro a seguir apresenta a quarta Categoria Aberta – Expressão, ligada aos sujeitos que se referem a esse assunto nos seus discursos:



Quadro 10: Expressão

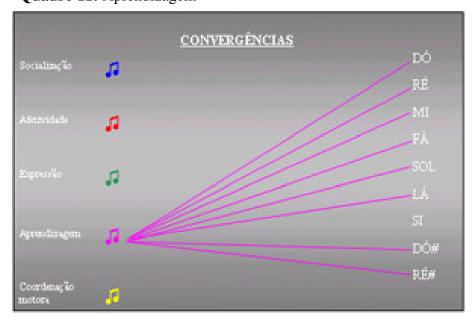


Figura 19: Aprendizagem

Fonte: Arquivo próprio da mestranda. Crianças de 6 anos de idade em sala de aula de uma Escola no Município de Campo Grande/MS – 2005.

A aprendizagem acontece depois de vivências de prazer, atenção, desconcentração, concentração e troca. Ludicidade. Acontece quando vivenciada a brincadeira, o jogo, a cantiga de roda, que permitem que a criança compreenda, participe, sinta-se importante, capaz e feliz.

O quadro a seguir apresenta a terceira Categoria Aberta – Aprendizagem, ligada aos sujeitos que se referem a esse assunto nos seus discursos:



Quadro 11: Aprendizagem

Momentos de coordenação motora ampla. Momentos de coordenação motora fina.



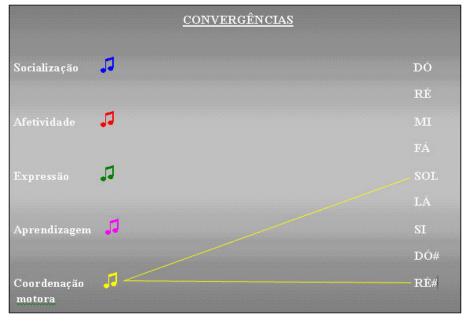


Figura 20: Coordenação Motora

Fonte: Arquivo pessoal da mestranda. Crianças de 3 e 4 anos brincando na varanda e em sala de aula de uma Escola no Município de Campo Grande/MS – 2005.

O movimento sugere vida, pulsar, respirar, percorrer caminhos. Caminhos necessários na formação da criança, desde os ossos, músculos, até a mente. Mente que pensa, aprende, socializa em conjunto com o coração, que movimenta em conjunto com o corpo, em um pulsar rítmico, musicalizado, que, mesmo parado, se movimenta, quando descansa, respira no pulsar dos batimentos para que, quando acorde, re-comece a brincar outra vez.

O quadro a seguir apresenta a quinta Categoria Aberta – Coordenação Motora, ligada aos sujeitos que se referem a esse assunto nos seus discursos:



Quadro 12: Coordenação Motora

Fonte: Montagem da figura feita pela mestranda autora desta pesquisa.

Após o tecer de todo esse caminhar, apresentando o momento da análise nomotética, temos as categorias abertas portanto, como alicerce fundamental da

pesquisa, dizendo-nos que a música socializa a aprendizagem no caminho da afetividade, da expressão e coordenação motora na Educação de Infância.

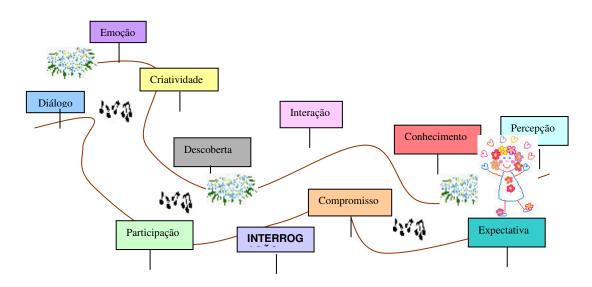


Figura 21: O caminhar na reflexão

Fonte: Montagem feita pela mestrando autora desta pesquisa utilizando o Word e Clipart

" POR MAIS QUE EU ANDE, O CAMINHO LEVA SEMPRE PARA TRÁS LÁ ONDE COMEÇA TUDO." (OLIVEIRA – FAZENDA,1999. P.31)

MOMENTO IV

HERMENÊUTICA: MUSICALIZANDO, REFLETINDO E INTERPRETANDO MOMENTOS DO APRENDER

E a Menina? A Menina continua sua música. Agora com mais vibração, conhecimento e vontade, fazendo a roda, a roda viva, a roda da vida, buscando da roda a alegria, o movimento.

Se o movimentar, o agir, o pensar e o sentir são as partes integrantes da vida do homem, logo, a música com seu ritmo, harmonia e melodia fazem esse contexto de vida. Tais aspectos constitutivos da música estão diretamente ligados ao desenvolvimento significativo do homem desde a sua infância, momento mais importante da vida do Ser.

Desde os tempos mais remotos, trazendo um pouco sobre a história da humanidade, podemos perceber que homem e música se complementam. O homem primitivo inicia sua comunicação verbal através da imitação dos sons da natureza como ventos, trovões, sons emitidos pelos animais.

A música sempre fez parte da vida do homem, desde o seu nascimento, começando pelo seu próprio corpo com as batidas do coração, o ritmo da respiração, suas vivências afetivas, seus movimentos, vivências do seu entorno. A natureza apresenta seu próprio ritmo, através das estações do ano, do movimento das marés, da alternância dos dias e das noites, movimentos estes que o homem sempre precisa adequar-se como parte integrante do ciclo da vida. Movimentos estes carregados de significados, sons, sentidos e artes.

O pequeno Ser chega ao mundo aberto para os aprendizados da vida. Durante a primeira infância, aprende, apreende, compreende, constrói, forma, desenvolve habilidades que carrega consigo durante toda a vida. Nesse momento, o papel da família e do educador de infância torna-se decisivo para oportunizar os aprendizados da criança, significando a formação da mesma.

Ser-no-mundo, com o mundo e, para o mundo, requer habilidades e capacidades de conhecer, compreender e respeitar o outro e o próprio mundo, preparando-se para crescer em conjunto, com as pessoas do mundo e com as situações que este mundo impõe. Ser no mundo traz consigo a necessidade das competências bem trabalhadas, de uma autonomia responsável e comprometida, de uma interação impregnada de respeito, de aprendizado significativo.

O encontro do educador de infância com o pequeno Ser se faz pela necessidade dessa orientação, para que a criança vivencie seu desenvolvimento na integralidade. Integralidade que envolve coordenação motora (corpo), afetividade (emoção) e inteligência (pensamento).

Então, a aprendizagem ocorre quando são considerados todos os aspectos de vivência e realidade da criança. Tudo o que faz parte da sua vida, do seu entorno. Portanto, se a música faz e sempre fez parte da vida do homem, como não ser uma linguagem importante na formação do mesmo?

Ao falarmos da música como linguagem, não estamos falando da métrica musical e/ou da leitura de partituras na formação de futuros músicos. Estamos falando da formação do cidadão de hoje, da música do dia a dia que faz parte da vida do homem, desde o seu nascimento. Do canto dos pássaros, do choro da criança como meio de comunicação, da batida dos pés e das mãos, comandando uma brincadeira. Falamos, ainda, das cantigas de berço, de roda, da roda na rua, na escola, da roda que gira, que movimenta, que produz sons, que dá as mãos estendendo-as como partes de afetividade e carinho.

Roda do brincar, do sorrir, do aprender e sonhar. Roda encanto que, brincando, propõem limites, combinados e noções de respeito. Roda que mostra à criança que ela é vida, ação, respiração, ritmo, movimento, compreensão e amor. Roda que ensina à criança que conviver é bom, que repartir é justo, que aprender é necessário. Aprender e apreender que as pessoas estão juntas no mundo para somar, partilhar, compreender as "lições" que existem e, construir tantas outras, no movimento da roda. A roda da vida. A roda viva! Viva a roda!

Estudos e leituras científicos, realizados por pesquisadores, foram feitos sobre a história do homem, a história da música e a história da educação em conjunto, contribuindo no desenvolvimento de pesquisas e reforçando o que podemos constatar, no cotidiano das salas de aula do educar infantil.

Em nosso estudo, realizado com nove educadoras de infância de uma escola particular e um Centro de Educação Infantil Municipal, pudemos, através de conversa informal e recolha de depoimentos escritos pelos sujeitos - professores e o contato com as crianças e sua realidade no dia a dia das salas de aula, observar, constatar a presença da música no aprender da criança. Música como linguagem nas ações diárias para o aprender infantil, possibilitando e conduzindo à formação da criança. Vivência que proporciona ao pequeno Ser, uma formação feliz e prazerosa,

carregada de sentido, significado e alegria, pois representa prazer-encanto que possibilita uma vivência completa, um "Mistério Maior", e,

diante do Mistério Maior que está fora de mim e dentro de mim, do qual faço parte, junto com outras pessoas e com os seres da natureza, me experimento numa relação de amor mútuo, de mútua intimidade, que me inspira a entrar num processo vital que busca expressar de maneira nova, o dar e receber amor, que possibilita curar, criar, re-criar @s outr@s, re-criar a natureza, para re-criar o mundo.(TEPEDINO - CASTRO, 2002. p. 15).

Um mundo en-cantado e musicalizado! Mundo que busca a inteireza do Ser: em prosa, verso, canção, teoria e praticidade.

Por meio da pesquisa, com nove educadoras de infância, retiramos dos seus discursos as categorias abertas palavras significativas: Socialização, afetividade, expressão, aprendizagem e coordenação motora, que na análise nomotética e nas convergências realizadas, pudemos perceber que sete educadoras associam o trabalho desenvolvido com a presença da linguagem musical, a uma boa socialização das crianças.

Expressam em seus discursos que a música traz consigo, magia, ludicidade, propõe a roda, o círculo que integra todos, que não exclui, porque envolve o corpo, os movimentos, a mente e as emoções. Por necessitar que haja interação entre os participantes no ritmo, na melodia, na harmonia da cantiga experienciada.

Das nove educadoras, cinco delas nos falam da música como uma linguagem que possibilita a vivência afetiva, trabalhando as emoções, por aproximar a criança da natureza através dos sons, por colocá-la em contato com suas sensações de euforia, relaxamento, excitação, desconcentração e prazer. Por ser a música uma linguagem universal, que propõe a aproximação das pessoas independentemente de raça, de idade ou do credo. Devido a vivência da música ser um momento que possibilita a criação, a construção, a invenção, a imaginação, a autonomia.

Quatro educadoras definem a vivência musical como possibilidade de expressão, em que a criança tem espaço para mostrar-se livremente, expressar-se através do corpo, do rosto, da dança, dos gestos, na brincadeira, no jogo, na imitação, na reprodução que essa vivência conduz. A criança reage, interage, sorri, imagina e demonstra o momento que vive através da expressão, através do corpo que fala

quando bate palmas, quando dá as mãos, quando os olhos brilham enquanto faz parte daquela roda, a cantiga de roda, a roda da vida!

A coordenação motora, citada por duas educadoras como um aspecto positivo ao desenvolvido por meio da linguagem musical. Toda música apresenta um ritmo que traz consigo uma organização pré-estabelecida de tempo e espaço, e que requer do corpo um acompanhamento na sua participação, o que conduz e auxilia a criança, na organização dos movimentos, conseqüentemente do equilíbrio e o ritmo do seu corpo.

Oito educadoras nos falam sobre a influência direta da música na aprendizagem infantil, por proporcionar à criança vivências lúdicas, brincar, agir, movimentar, interagir, sentir prazer, logo, aprender. A criança vivencia os conteúdos, os conceitos, os limites, as regras, a disciplina através das brincadeiras. Brincadeiras de roda, brincadeiras cantadas. Brincando a criança conceitua, experiencia a criança e vive, portanto a criança não esquece. Ela internaliza o que deve ser aprendido, saboreando os saberes, sabendo os sabores!

As educadoras de infância mostram o poder que a música desempenha nas capacidades de interesse, concentração, atenção, participação, socialização e aprendizagem da criança.

Mostram que, por meio da música a educação se realiza de maneira tranquila, prazerosa, levando a criança à compreender a importância das relações, da socialização, vivenciando o respeito ao próximo, desenvolvendo a autonomia, o senso crítico. Compreendem o raciocínio lógico matemático, a necessidade de perceber e respeitar os limites, fazendo crescer o senso rítmico no aprimorar dos movimentos, construindo a dicção, a linguagem, a comunicação, enfim, a integralização da criança.

A música faz com que a educação seja um processo natural de movimento, envolvimento e desenvolvimento e, não algo maçante e massacrante, imposto à criança. A criança sente necessidade desse movimento, dessa expressividade. A criança tem, interesse por atividades manuais e corporais. Ela necessita de uma comunicação que faça com que aprenda, sinta e viva, orientando-se, e a vivência da linguagem musical, permite à criança habitar e habilitar sua ludicidade.

Encontramos ainda, muitas escolas trabalhando a música como uma linguagem apenas de datas, de apresentações, de movimentos prontos e repetidos,

fazendo dessa vivência, algo mecânico, sem sentido, com hora marcada. Essa postura afasta as verdadeiras vivências e possibilidades que a música habita, pois a música como linguagem cabe em qualquer lugar, a qualquer momento, comandando atividades, proporcionando prazer, atenção, interação, através de jogos rítmicos, pequenos versos cantados, entre outros.

A criança precisa ser constantemente estimulada, para o desenvolvimento de sua inteligência e a exploração de sua inquietação, pois "é, por natureza, inquieta. Sente necessidade de correr, pular, brincar. Ela, tendo espaço e oportunidade, naturalmente executa seus movimentos. Cabe à escola oferecer espaço e momentos para continuar e possibilitar este processo" (FEIL, 1985. p. 45).

Nas atividades manuais e musicais, a coordenação motora se evidencia quando a criança corta, picota, faz encaixes, "rabisca", modela, pinta, monta, ela está desenvolvendo habilidades para o seu desenvolvimento na escrita, na leitura, na organização das idéias. Está descobrindo as possibilidades e as limitações do seu corpo no espaço.

Em sua necessidade de comunicação, a criança se expressa não apenas através da fala ou da escrita, mas através de gestos, mímicas, dos desenhos, pinturas, garatujas e outras diversas formas de expressão. Portanto se faz necessário que a escola, em um trabalho conjunto entre educador e família, possibilitem vivências de autonomia e expressão da criança, para que a mesma possa transmitir de todas as maneiras, o que sente, o que pensa, o que gosta, o que acredita e até mesmo o que aprende.

Através dos sentidos, a criança não apenas aprende. Ela vive. Os sentidos possibilitam viver, uma vez que viver é sentir. Uma criança, ainda que portadora de necessidades especiais como uma deficiência visual, ou auditiva, vivencia seu dia a dia e aprende por meio dos sentidos. É impossível pensar o homem sem os seus sentidos.

Na percepção tátil, que chega através da pele, a criança percebe características diversas do seu entorno. Percebe as formas, a consistência das coisas (duro ou mole), as texturas (macio, liso, áspero), a umidade (úmido, molhado, seco), a temperatura (quente, morno, frio, gelado), o peso (leve, pesado). É preciso que seja oportunizado às crianças, momentos em que elas encontrem as formas do mundo, conheçam o calor da vida e interajam de maneira sólida nesse pulsar de novidades.

Por meio do olfato, a criança faz identificações, comparações, discriminações e a gustação, possibilita-lhe a idéia de um gosto, se tiver a oportunidade de prová-lo. "E, por experiências já comprovadas, 'experiência que passou pela boca', a criança não esquece" (FEIL, 1985. p.52). Podem parecer aspectos dispensáveis em sua formação, mas se a educação deve ser desenvolvida de maneira integral, como não oportunizar aos alunos conhecer, desfrutar, perceber e diferenciar todas as possibilidades, as emoções, as vivências do seu corpo, em um mundo de cheiros, cores, sabores e afetividades?

A percepção auditiva é de grande importância não só para a criança perceber o mundo que a cerca, mas para senti-lo, para que possa compreendê-lo. "Mesmo não vendo através dos sons, ruídos, podemos identificar o que ocorre" e esse é um dos aspectos importantes que levam a aprendizagem. (Ibdem p. 43).

Também a percepção visual é de fundamental importância para a aprendizagem, uma vez que é um fator natural do homem, faz parte do seu corpo. A criança precisa discriminar visualmente as formas, tamanhos, cores e estruturas. Ela precisa não apenas olhar, pois "de que vale olhar sem ver?"(GOETHE – CUNHA, 2002. p. 55). Ela precisa ser levada a experenciar o que vê, perceber, e é preciso que os educadores estejam atentos para que a criança quando olhar, veja. Para que "quando puderes ver, repare", sinta, como nos fala, Saramago, no Livro dos Conselhos (Ibdem p.39).

Destarte, todos os sentidos têm sua função e importância no desenvolvimento do corpo, da mente e das emoções. No desenvolver do Ser criança em sua aprendizagem temporal e espacial.O corpo é o meio para que a criança possa Ser no mundo.

Uma vez que a alfabetização não consiste somente em dominar símbolos, mas implica um pensamento lógico, é necessário, desde o início, favorecer, através de exercícios, a atenção, concentração, discriminação, identificação, associação, classificação, inferências, generalização; conceituação, memória (visual, auditiva, espacial e motora) que são bons elementos fundamentais para o desenvolvimentos do pensamento lógico (FEIL, 1985, p.59).

Todos esses aspectos e processos que fazem parte da vida do homem, da sua integralidade e da sua aprendizagem. Oportunizados, permitem uma vivência feliz, tranquila, prazerosa, motivadora e, principalmente, uma maneira de compreensão. A criança em uma linguagem lúdica pode entender e compreender

melhor seu mundo. Através dos jogos, brincadeiras, das cantigas de roda. Esse é o mundo da criança em sua fase infantil e essa é a sua linguagem, a linguagem do corpo, a linguagem da voz, da pintura, do desenho, da música, que levam-na a aprendizagem com sentido. Interpreta as idéias, significa o mundo. Cria e inventa. Logo, enquanto educadores, devemos ser bons leitores das necessidades do pequeno Ser, que aprende e apreende brincando e, brincando faz história. Torna-se cidadão, transforma o mundo musicalizando-o, uma vez que "educar-se na música é crescer plenamente e com alegria" (GAINZA,1988. p.95)

Nos estudos interdisciplinares de Fazenda, vemos que

a linguagem assinala a linha de encontro entre o eu e o outro, pois ao tentarmos nos explicar, ao tentarmos nos fazer entender, estamos a um tempo nos descobrindo e tentando descobrir o outro para fazê-lo entender. (FAZENDA,1994. p.55)

A pesquisa nos leva a várias percepções das necessidades do pequeno Ser e da importância da educação na primeira infância, mas em especial, nos mostra no decorrer do trabalho e no contato com os educadores, que os mesmos não tinham nenhuma formação em música, mas ainda assim, sempre se utilizavam dessa linguagem nas suas práticas diárias com as crianças. Logo, pudemos constatar que não é preciso que o professor seja formado em música para habitar e propor esse contexto de vivência significativa aos seus alunos. Basta ter e fazer uso do exercício criativo e afetivo que a música possibilita.

Percebemos então, que a música como linguagem no educar infantil, traz vantagens de um aprender significativo, uma vez que proporciona ao educador, alegria no fazer, participação integrada entre o respeito e a ação, audição dos momentos, adequando-os a um espaço de trabalho saudável, interessante, positivo, criador, pela possibilidade dessa vivência na comunicação musicalizada e lúdica.

Com a ludicidade, a Menina segue o caminho. Aprende novas lições, reaprendendo as anteriores, cantando novas canções...e caminhando, tecendo o caminho da Menina! Quer ler mais, estudar mais, e sabe que é preciso! Mas toda etapa requer um fim. Um fechamento? Ou a possibilidade de um novo caminho! Mas "não tenho um caminho novo. O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar." (Thiago de Melo)

Reflexão, pensamento, sentimento na vida da Menina, e por hora acaba a palavra. Encolhe a voz. Segura a fala. Silencia. Pensa:

Hoje acabou-se a palavra, e nenhuma lágrima vem. Ai, se a vida se me acabara também. A profusão do mundo, imensa, tem tudo, tudo - e nada tem. Onde repousar a cabeça? No além? Fala-se com os homens, com os santos, consigo, com Deus... E ninguém entende o que se está contando e a quem... Mas terra e sol, lua e estrelas giram de tal maneira bem que a alma desanima de queixas. Amém. (MEIRELES, 1977)

Amém que tudo tem. Pensa a Menina e que com certeza, convém a alguém...Quem?

REFERÊNCIAS

ALARIC, Lewis. **Terapia da música**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Emoção na sala de aula**. 2ª edição São Paulo: Papirus, 1999.

ÀRIES, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ARISTÓTELES. Política. Lisboa. Portugal: Edição Bilíngüe, 1998.

ASSMAN, Hugo. **Reencantar a Educação. Rumo à sociedade aprendente.** 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ASSMAN, Hugo. Metáforas novas para reencantar a educação. Epistemologia e didática. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

BACHELARD. A poética do devaneio. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. 1998.

BRITO, Teca Alencar. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAMARGO, Maria Lígia Marcondes de. **Música/movimento: um universo em duas dimensões**. Editora Vila Rica, 1994.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato. **Brinquedos e brincadeiras**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

CASTRO, Afonso de. Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

CORALINA, Cora. **A** Estrada da Vida. Disponível em: http://www.simplesmentebeijaflor.com/poesias> 2004.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

DAMÀSIO, António. **Ao encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir.** Portugal: Editora Publicações Europa-América, 2003.

ELLMERICH, Luis. **História da musica**. 5 ed. São Paulo: Editora Fermata do Brasil, 1977.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

-----**A virtude da força da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

-----**Dicionário em construção em construção – Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FEIL, Iselda Terezinha Sausen. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo**. 6ª edição. Ijuí, RS: Ed Vozes, 1985.

FERRAZ, Maria H. C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e conscientização**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz eTerra, 1970.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FROEBEL, F. A educação do homem. Trad. e Apresentação: Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GAINZA, Violeta H. **Estudos de psicopedagogia musical.** São Paulo: Summus,1988.

GANDHI,Mahatama (1869-1948). Site: http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/politicos/Gandhi.htm

GIRADE, Halim. Relatório do Seminário realizado em Campo Grande, MS, em maio/2.002 — do Projeto Crescendo em Família. Palestra proferida durante o seminário, pelo médico Halim Girade, consultor do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. Campinas, SP: Editora Papirus, 1994.

HELLER, Agnes. Teoria de los sientimientos. México: Editora Fontamara, 1989.

JACQUIN, Guy. **As grandes linhas da psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Editora Flamboyant, 1966.

KRAMER, Sônia. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. SP: Ática, 1993.

KOHAN, Walter. **Infância e Educação em Platão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

KOHAN, Walter. **Infância. Entre Educação e Filosofia.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

LEWIS, Alaric. Terapia da Música. 2ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O filósofo e sua sombra**. São Paulo: Editora Abril, 1975. In: Textos Escolhidos Os pensadores V.XLI.

MEIRELES, Cecília. Motivo. Melhores Poemas. São Paulo: Editora Global. 1984.

----- **Obra completa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

MERLEAU - PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1971.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PLATÃO. **A República**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1965.

ROJAS, Jucimara. Interdisciplinaridade na ação didática. Momentos de arte/magia do ser professor. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

ROSA, Sanny S. da. Brincar, conhecer, ensinar. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

ROSSEAU, Jean Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo: Editora Editorial Estampa Ltda, 1998. Coleção Clássicos (de bolso).

-----Discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

-----Emílio ou da educação. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel,1985.

SHORE, Rima. Repensando o Cérebro: Novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 2000.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.

TAME, David. O poder oculto da música. São Paulo: Cultrix, 1992.

VYGOTSKY, L. - A formação social da mente. São Paulo : Martins Fontes, 1987.

----- Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1988.